Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Novembro
Sábado
15

ANO 60.º
N.º 20 409
12$50

Nino Vieira

População aconselhada a manter-se calma

"Nino" tomou o poder na Guiné-Bissau

Dakar – O Conselho da Revolução tomou o Poder na Guiné-Bissau segundo Rádio Bissau captada em Dakar, capital do Senegal. A informação foi fornecida, ao princípio da tarde de hoje, pela agência noticiosa France-Presse. O Conselho seria liderado pelo actual primeiro-ministro, João Bernardo, «Nino» Vieira. Desconheciam-se, na hora do fecho desta edição, outros pormenores, sobre o «golpe» noticiado pela agência internacional. «Nino» Vieira é o número 3 da hierarquia do PAIGC, depois de Aristides Pereira, secretário-geral e presidente de Cabo Verde, e de Luís Cabral, secretário-geral adjunto e presidente da Guiné. Foi o principal comandante na guerrilha e das suas intervenções políticas conhecidas pode deduzir-se a sua identificação com a ala «radical» do Partido. A confirmar-se a notícia, o «golpe» traduzir-se-ia, sobretudo, no afastamento de Luís Cabral.

Longa conversa esta manhã em Belém

Kissinger apresenta-se a Ramalho Eanes

Sem ter perdido o seu ar jovial de caixeiro-viajante de Washington, Kissinger esteve esta manhã em Belém para uma audiência solicitada ao Presidente da República e que segundo uma fonte digna de todo o crédito confiou ao «DL» chegou a estar comprometida.

Não foi revelado o teor dos assuntos que iria abordar com Ramalho Eanes, com quem se encontra pela primeira vez, mas admitindo-se que além de temas sobre a política nacional, a questão da Namíbia pudesse encontrar-se entre essas matérias, foi-lhe posta pelos jornalistas uma pergunta nesse sentido visando saber qual era, em sua opinião, o papel que Portugal poderia vir a desempenhar nesse conflito.

Kissinger respondeu que Portugal «tem uma grande experiência em África e que as suas opiniões serão muito atendidas».

Sobre se ele, Henry Kissinger, viria também a ter algum papel especial, respondeu com uma expressão que pode significar tudo menos aquilo que significa à letra: «Not particulary».

Entretanto, segundo a ANOP, citando uma fonte do PS, o ex-secretário de Estado norte-americano recebe amanhã na residência do embaixador do seu país em Lisboa o dirigente socialista Mário Soares, que regressa de Madrid onde participou no Congresso da Internacional Socialista.

Antes de receber Mário Soares, Kissinger terá um encontro em S. Bento com o Primeiro-Ministro, Sá Carneiro, que seguidamente lhe oferece um almoço no qual participarão também Freitas do Amaral, Pinto Balsemão, Amaro da Costa e Lemos Ferreira.

Não foi possível todavia ao «DL» confirmar um encontro do político norte-americano com o candidato Soares Carneiro, embora certas fontes garantam que ele está previsto e vai reali-zar-se.

Uma pergunta que fica por enquanto sem resposta é o que vem na verdade fazer a Portugal Henry Kissinger em vésperas de eleições presidenciais?

Pag. 6

Presidenciais

Governo quer mais campanha entre as duas voltas

O Governo já enviou aos grupos parlamentares um documento que prevê alterações a preenchimento de lacunas à Lei Eleitoral, relativamente à segunda volta da campanha eleitoral.

O documento prevê que a campanha eleitoral para a segunda volta se prolongue por dez dias e estabelece um prazo dentro do qual os candidatos apurados poderão desistir do segundo sufrágio.

Ainda não está decidido se a forma que o Governo vai escolher para preencher as «lacunas» da Lei Eleitoral em vigor reveste a forma de um pedido de Autorização Legislativa ou de uma Proposta de Lei – disse a deputada Margarida Salema (PSD).

Numa primeira leitura, estas alterações destinam-se, naturalmente, a beneficiar o candidato Soares Carneiro, na hipótese de uma segunda volta. Estando, à partida, aprovadas na Assembleia da República (com a maioria AD), pode-se ter dúvidas quanto à promulgação (como sejam os prazos) e eficácia para o próximo acto eleitoral.

Judiciária investiga falsificação de assinaturas

Supremo obrigado a rever decisão sobre candidatura Aires Rodrigues?

O Supremo Tribunal de Justiça, que há três dias se pronunciou pela validade da candidatura de Aires Rodrigues à Presidência da República, aguarda conclusão de investigações a cargo da Polícia Judiciária, que o podem levar a debruçar-se de novo sobre a questão dás irregularidades detectadas nos pedidos de certidão de eleitores.

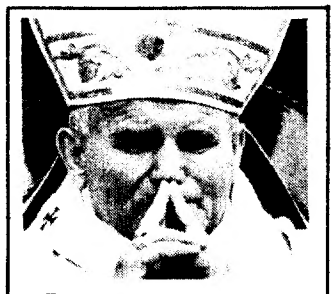
Segundo apurámos sobem já a perto de mil os casos de falsificação de assinaturas obtidas por decalque a partir de impressos utilizados a pretexto de uma campanha contra o tabaco.

A Judiciária tem estado muito activa, sendo já várias centenas as pessoas até agora ouvidas em declarações, cujas assinaturas foram usadas de modo ilícito. Alguns documentos foram fornecidos a partir da Junta de Freguesia da Damaia, onde a fraude terá sido detectada, mas os investigadores têm encontrado muitos outros, do mesmo modo irregulares, no próprio processo entegue no Supremo para formalizar a candidatura.

Além de estarem identificados os autores materiais dessas falsificações, cujo número vai ser difícil determinar no escasso tempo que resta à Polícia para concluir o processo antes das eleições, há fortes indícios que levam as autoridades a admitir a responsabilidade directa do próprio candidato.

A situação criada ao Supremo é, para além de delicada, complexa: a inviabilização da candidatura, antes de provada a fraude, teria foros de clamorosa injustiça; mas a sua aceitação até à boca das urnas, com elementos de forte valor probatório a apontar para o ilícito penal, também não abonará a credibilidade da mais alta instância judicial.

Por esse motivo as entidades responsáveis terão ordenado a rápida conclusão das investigações, no sentido de se apurar se o candidato, Aires Rodrigues, está ou não implicado nas falsificações, cuja pena prevista na Lei é de 8 a 12 anos de prisão maior. No entanto e não sendo possível organizar o processo e apresentá-lo a julgamento antes da data marcada para as eleições, difícil será ao STJ decidir por uma possível anulação da referida candidatura baseado apenas na indiciação processual antes, portanto, do trânsito em julgado.



João Paulo II chegou à RFA

Bispos alemães dificultam missão do Papa

Pág. 15

Comunicação Social

RTP: 23 por cento sobre tabelas e subsídios

As negociações do acordo colectivo de trabalho (ACT) da RTP encontram-se já concluídas. O novo ACT consagra aumentos de 23% para todos os trabalhadores da empresa.

O aumento terá incidência sobre as tabelas salariais e sobre as cláusulas de expressão pecuniária (subsídios e anuidades).

O Sindicato dos Jornalistas não concordou com o acordo a que se chegou e declarou que o subscreveu «porque decidiu sujeitar-se à posição maioritária dos Sindicatos da empresa». O SJ tomou esta posição por entender que a empresa «está em condições de uma proposta mais favorável para os trabalhadores».

No início das negociações, os Sindicatos pediam aumentos de 30% para as tabelas e restantes cláusulas de expressão pecuniárias. A CA respondeu oferecendo aumentos de 23% sobre as tabelas. Os Sindicatos, então, desceram para 27 %. Prevaleceram, no entanto, os 23%. Note-se, porém, que os jornalistas da RTP auferiam já salários superiores aos consagrados no contrato colectivo do Sindicato dos Jornalistas.

CCT dos jornalistas — via administrativa

O Sindicato dos Jornalistas foi já informado da passagem à via administrativa do processo de revisão do contrato colectivo de trabalho da classe.

A Direcção do SJ aguarda agora a constituição da Comissão Técnica encarregada de elaborar a portaria regulamentadora de trabalho para o sector, pelo que adiou para data a anunciar a assembleia geral da classe, inicialmente marcada para segunda-feira próxima.

A revisão do contrato colectivo de trabalho iniciou-se em Julho, tendo as entidades patronais recusado, até agora, dar satisfação ao enquadramento profisional reivindicado pelos jornalistas. Recusam também conceder aumentos superiores a 20%, enquanto a clase em duas greves (uma em Setembro e outra no corrente mês) reivindicou sempre 27%.

CI/RDP: CA ausente e falta de "quorum"

O Conselho de Informação da RDP foi uma vez mais impedido de funcionar no cumprimento das disposições legais e constitucionais em vigor – afirma-se num comunicado do Gabinete de Imprensa do PS.

Com efeito, não só a Comissão Administrativa da RDP faltou pela segunda vez, no espaço de uma semana, ao compromisso de estar presente à reunião, como também a ausência dos membros do Conselho do PSD e do CDS impediu a existência de «quorum» deliberativo para a reunião.

A reunião destinava-se a ouvir a CA da RDP sobre a fusão dos Canais 2 e 4, publicidade dissimulada, notícias sobre os candidatos às presidenciais e manipulação e pluralismo ideológico.

O PS considera «lamentável» o procedimento da CA da RDP, e protesta contra «o indigno procedimento do CDS e do PSD», designadamente dos conselheiros que continuam a receber dinheiro do Estado e do povo português de «uma forma claramente imoral e ilícita».

"Jornal de Notícias" — três dias fora das bancas

Os redactores do «Jornal de Notícias» iniciaram ontem uma paralisação de três dias, pelo que aquele matutino portuense não aparecerá nas bancas hoje, amanhã e segunda-feira.

O objectivo da paralisação prende-se com o facto da CA ter recusado um protocolo que, no âmbito da empresa, contemplava as reivindicações dos jornalistas.

Aqueles profissionais mandataram ainda os respectivos delegados sindicais para o desencadeamento de um processo judicial para fazer a CA cumprir o que assinou, logo no primeiro dia da greve dos quatro dias. «Que a administração saiba honrar os compromissos assumidos» – pede-se no comunicado que determinou a paralisação de três dias do corpo redactorial do «JN».

Imprensa regional na RDP 1

A RDP-1 promove na próxima terça-feira, dia 18, das 22 às 24 horas, um debate sobre a Imprensa regional, compreendendo depoimentos do secretário de Estado da Comunicação Social e do ministro-adjunto Pinto Balsemão.

Participam no debate delegados vindos de Bragança, Régua, Porto, Viseu, Covilhã, Guarda, Castelo Branco, Elvas, Lisboa, Faro, Açores e Madeira.

A nova estratégia nuclear de Washington é um desafio a toda a humanidade

Se a «directiva presidencial 59» entrou em vigor, por ordem de Carter, justamente no dia em que se completavam 35 anos sobre o lançamento da bomba atómica de Hiroshima, isso não pode interpretar-se como fruto de um acaso infeliz. Além disso, não se tratou (como o título anódino podia levar a crer) de um acto de rotina nem de um simples acto eleitoralista tendente a tirar o tapete debaixo dos pés dos «falcões» do campo de Reagan.

Atrás desse texto perfila-se realmente a mudança mais radical da estratégia nuclear americana efectuada nas últimas décadas, mudança cujas consequências são de tal modo gravosas que podem levar a Humanidade à beira da catástrofe nuclear. De que se trata ao certo?

Pretendendo implantar novos tipos de armamento nuclear, como prevêem o programa da NATO a longo prazo (Maio de 1978) e as decisões sobre os «euromisseis» (Bruxelas, Dezembro de 1979), as forças reaccionárias dos EUA querem criar um desfasamento no equilíbrio nuclear que lhes permita atacar com armas nucleares a União Soviética e os outros Estados do Tratado de Varsóvia sem terem de recear um contra-ataque nuclear.

Esta nova doutrina assenta no princípio da eliminação, através do primeiro ataque preventivo, dos sistemas de armamentos nucleares estratégicos, dos centros de indústria de armamento, dos depósitos militares e das centrais de comando políticas e militares da URSS para impedir desse modo as possibilidades de um contra-ataque sobre os EUA. Com este objectivo prevê-se somar aos armamentos nucleares que os EUA possuem já, numerosos armamentos novos ainda mais eficazes, isto é, dotados de maior precisão, de um campo de acção mais vasto e que permitam um uso variável.

Entre os sistemas de que os militares poderão dispor antes do fim desta década, citemos os mísseis MX, os mísseis Trident 2 e até os mísseis intercontinentais Minuteman 3. Os sistemas de armamentos nucleares estratégicos colocados muito perto das fronteiras do campo socialista, como os mísseis de Cruzeiro e Pershing-2, constituem outras componentes dessa estratégia. A tudo isto há que juntar igualmente as diversas tentativas de eliminar a defesa adversária utilizando o cosmos com fins militares. Uma das coisas que estimulam evidentemente a criação e produção dos novos armamentos nucleares é o facto de eles encherem as caixas dos trusts do armamento e permitirem que os mercadores da morte ganhem biliões.

Para se assegurarem de que os aliados da NATO não se recusarão a completar o seu arsenal militar com alguns desses novos sistemas, os EUA impuseram o programa da NATO a longo prazo e as decisões de Bruxelas, exercendo fortes pressões sobre alguns Governos reticentes. Se os EUA agiram assim, foi sobretudo, como se torna cada vez mais evidente, para desviarem os contra-ataques nucleares do seu território e os dirigirem para a Europa Ocidental e para outros países onde se encontram bases militares americanas. Prevê-se cinicamente a destruição total da Europa, uma reedição em muito pior do que aconteceu nas duas grandes guerras mundiais, para que os EUA sejam poupados, como aconteceu nessas duas ocasiões.

Os estrategos do Pentágono sonharam sempre com a hipótese de conseguirem ser os primeiros a usar as armas atómicas e foi isso que desde sempre consubstanciou o seu conceito de supremacia nuclear. Para este fim, depositaram as esperanças em armas miraculosas, novas, num armamento nuclear cada vez mais gigantesco. Nos últimos anos, os EUA têm vindo a definir cada vez mais acentuadamente como alvos estratégicos aglumerações muito povoadas e centros industriais na URSS. O Pentágono calculou sem a mínima emoção o número dos milhões de vítimas que tais planos originariam. Ora estes estrategos não podem negar que existe um obstáculo de monta a estes «sonhos»: o risco de sofrer um contra-ataque sério em caoo de agressão nuclear contra os países socialistas, dada a importância do potencial de defesa da URSS que conseguiu um equilíbrio de forças nucleares. Para que os EUA deixem de estar expostos a esse risco, novos planos foram apressadamente delineados em Washington a partir de meados da década de 70, prevendo-se nomeadamente uma modificação da estratégia nuclear dos EUA defenidora de um certo número de grandes objectivos e forçando-se o desenvolvimento do armamento atómico necessário para os concretizar.

A «directiva presidencial 59», elaborada por Zbigniew Brzezinski, conselheiro do presidente americano para as questões de segurança, oficializa a política do Governo baseada num «conflito nuclear limitado» e define assim a nova estratégia nuclear dos EUA, nitidamente orientada contra o espírito e a letra do acordo soviético-americano, que entrou em vigor em Junho de 1973, e que visa impedir uma guerra nuclear.

Claro que é totalmente absurdo pensar que a União Soviética vai ficar impassível face a um «ataque preventivo selectivo» e que não irá tomar as medidas enérgicas que se impõem. A experiência do passado mostra que os países socialistas nunca se vergaram perante uma pressão nuclear imperialista e o mesmo acontecerá no futuro.

Os esforços empreendidos pela União Soviética e pelos outros países da comunidade socialista estão em oposição frontal à estratégia nuclear hostil a toda a humanidade que se pratica em Washington: têm como principal objectivo evitar uma nova escalada da corrida aos armamentos nucleares e impedir para sempre o desencadear de uma guerra atómica. As propostas sobre desanuviamento militar contidas na Declaração de Varsóvia de 15 de Maio deste ano, e a iniciativa soviética de desbloquear as vastas negociações sobre os mísseis de médio alcance («euromísseis») visam colocar, a nível inferior de armamento o equilíbrio militar existente tomando as medidas necessárias para limitar os arsenais bélicos e para fazer cumprir o princípio da segurança igual para todos.

Na situação actual, urge mais do que nunca que as negociações cujos preparativos decorrem actualmente em Genebra entre delegações da URSS e dos EUA sejam conduzidas a bom termo a fim de salvaguardar a paz e a vida da humanidade inteira e de impedir a acção dos estrategos de Washington desejosos de uma guerra nuclear.

TRIBUNA LIVRE

Nuno Crato

A força moral que os tempos exigem

Ainda sem tempo para a reflexão e a reconversão que a derrota eleitoral de 5 de Outubro impôs está já a esquerda confrontada com nova batalha eleitoral de relevante significado. Da ausência de reflexão, e das necessárias adaptações tácticas, estratégicas e mesmo discursivas, ressentem-se as forças democráticas que conseguem abrir mão de um desengano, uma desorientação e um desentendimento que são, afinal, os únicos trunfos com que a direita está hoje a somar votos ao seu candidato.

Se é certo que esta situação deriva da proximidade da derrota do 5 de Outubro e que só o tempo fornecerá os indicadores seguros para nova viragem não é menos verdade que as explicações até agora surgidas para a vitória da direita são claramente insuficientes e não nos armam da clareza nem da coerência nos princípios. A preocupação tem sido mais – e é natural – a de dar **respostas** que se movem no terreno táctico do que em assumir uma reflexão no incómodo terreno da fria **análise**.

Apontou-se o controlo inescrupuloso dos grandes meios de comunicação social – e é justo fazê-lo. Mas essa era uma situação com que à partida se contava e o certo é que esse controlo dos «mass media» foi precedido de um longo trabalho de intoxicação popular e encontrou terreno laboriosamente lavrado.

Falou-se do abuso do poder – e foi justo denunciá-lo. Mas a verdade é que não se pode dizer o mesmo sobre as eleições precedentes e pouco se tem feito para decifrar a razão por que o poder desgastou os socialistas e reforçou os homens da AD (1).

Falou-se, finalmente, da demagogia, das pressões, das fraudes mas, se tudo isso deve ser estigmatizado, ainda aí estamos no campo da pura resposta táctica.

Será completamente absurdo rejeitar a táctica em nome da coerência mas ela não poderá impedir a reflexão séria que é imperioso apressar.

O preço de uma esperança interrompida

Repensemos, por exemplo, o problema do abuso de poder.

Os governos de base PS liquidaram eleitoralmente os socialistas. Porquê? Porque governaram à direita em nome da esquerda, porque desencadearam um ataque generalizado à reforma agrária e a outras conquistas, porque foram sinónimo de incoerência, porque **não souberam nem puderam gerar um movimento próprio de apoio.**

O governo AD reforçou-se nas legislativas. Porquê? Porque Sá Carneiro governou eleitoralmente, porque limpou sem escrúpulos os obstáculos, porque **soube e pôde criar um movimento próprio de apoio.**

Se não olvidarmos por completo a perspectiva histórica compreender-se-á que os governos de Mário Soares abriram o campo a soluções internamente menos contraditórias. Soares desagradou aos homens de esquerda e deu novo alento às vozes de direita. Ajudou a criar e impulsionar um movimento social de repúdio por aquilo que Abril significava ao mesmo tempo que não lhe cortou as vozes. Foi liberal e democrático para a oposição de direita e não gerou nenhum dinamismo social de apoio à política do governo. Foi o desencanto generalizado. O Partido Socialista foi impopular, orgulhosamente...

A AD, pelo contráio, encarou os problemas com espírito ofensivo. Era preciso favorecer a «iniciativa privada» – então era fazê-lo e proclamá-lo. Era necessário calar a opsição – então que se «pacificasse» a comunicação Social. Era importante conquistar o apoio das classes médias – então que se tomassem medidas.

A incontestável superioridade neste campo revelada pela AD deriva de esta ter podido utilizar siumultaneamente duas armas: por um lado iniciou **coerentemente** uma política de retrocesso, por outro lado, amordaçou as vozes discordantes e aviltou o País fazendo com que fosse preferível para muitos comprar as vantagens pela passividade ou pelo apoio.

A superioridade da AD deriva, afnal, da sua coerência na política de direita. A superioridade da esquerda só pode ser alcançada pela sua **coerência numa política de sinal contrário.** Mas não foi isso que tivemos em Portugal com os governos socialistas embora fosse esse o caminho que o 25 de Abril abriu com a sua prática de transformações radicais, impetuosas, que rapidamente **melhoraram** a vida da população e **conquistaram** a sua aderência às novas ideias e concepções da sociedade. Interrompido esse caminho, a ideia de uma aliança com a direita para liquidar os «excessos» populares sem ao mesmo tempo desencadear tremendas forças revanchistas, essa ideia restou aquilo que sempre foi: uma triste utopia.

É neste quadro que, em última análise, a vitória da AD se inscreve: a AD tem a seu favor uma vaga de fundo contra o 25 de Abril, vaga que não é facilmente aniquilável, pois a recuperação iniciada com o 25 de Novembro não é comparável a uma mera «alternância democrática», a uma simples alteração conjuntural.

Ser-se uma oposição real

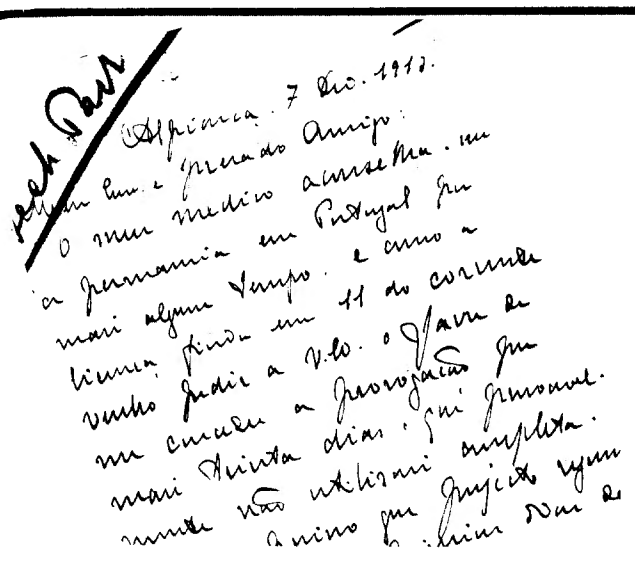
E, sendo este o quadro em que nos movemos, a esquerda terá de repensar a sua estratégia, as suas formas de intervenção, a sua linguagem, o seu discurso político. Já não se trata de encarar as dificuldades de manter a direita afastada das rédeas da governação. Depois de 5 de Outubro trata-se de encarar as dificuldades no derrube dessa mesma direita.

É então necessário **ser-se uma oposição real**, assumir projectos **próprios**, rejeitar as ambiguidades do namoro à divisão do bloco no poder, fazer com que a necessária maleabilidade não esqueça **a dignidade e a ética dos princípios**.

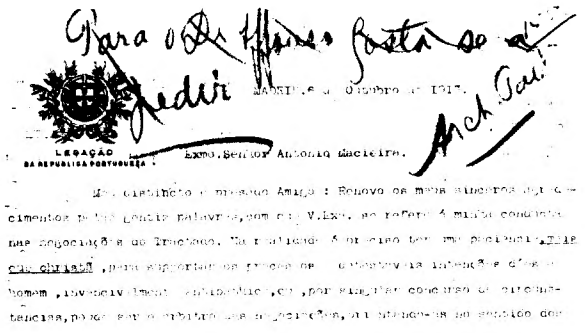
Voltando então ao ponto de partida parece claro que a imagem que certas forças de esquerda estão a conseguir que a maioria no poder apresente aos eleitores como sendo a imagem dos seus adversários é já um pálido fantasma dos princípios morais e humanos que animaram o 25 de Abril. É a imagem de uma esquerda sem projecto próprio, sem coerência e dignidade, sem alternativas para o País e apenas com um objectivo singular: impedir a maioria parlamentar de se consolidar no poder.

Quem por aqui se ficar não terá por certo as forças que os tempos estão a exigir.

(1) Também se evitou a referência aos governos regionais da Madeira e Açores, referência que rapidamente trocaria as voltas a certos analistas.



Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira



apresentação e notas
de João Medina

Política de aproximação cultural

Goradas as duas incursões couceiristas (Outubro de 1911 e Julho de 1912), celebrado enfim o tratado de 6 de Setembro de 1912 que punha fim à benevolência cúmplice das autoridades espanholas em relação aos manejos conspiratórios dos emigrados portugueses na Galiza, consagrada enfim a vitória da diplomacia portuguesa na delicada questão que levara os dois governos ibéricos à beira da ruptura, restava executar a expulsão dos monárquicos, afastados uns para a costa basca francesa (1), outros, graças aos bons ofícios da República brasileira, para terras de Vera Cruz, alguns ainda dispersos pelo território espanhol, mas longe da raia luso-galaica. Relvas podia enfim pensar no tratado de comércio – de que já falámos – e, sobretudo, no incremento das relações culturais entre os dois povos, missão tão grata à sua sensibilidade, uma vez que o nosso ministro em Madrid era, antes de mais, um homem de grande formação artística, um melómano, um excelente coleccionador de arte (2).

Com Faustino Prieto trabalhou Relvas na realização duma exposição de arte hispano-portuguesa a efectuar-se em Lisboa, projecto muito bem recebido pelo nosso Governo, mas que se havia de malograr (3). Em compensação, conseguiu o nosso ministro em Madrid levar à capital espanhola uma importante mostra de arte portuguesa que esteve patente no «Salon» madrileno, onde lhe foi reservada a sala de honra. O próprio Afonso XIII dignou-se inaugurar essa exposição onde estiveram patentes obras de Columbano, Malhoa (4), Constantino Fernandes – o autor do desenho para o selo Ceres da República –, Teixeira Lopes, Veloso Salgado, Carlos Reis, etc. A exposição foi um êxito (5) e o Governo espanhol agraciou alguns artistas portugueses com condecorações.

A acção de Relvas no domínio cultural não se ficou por aí. Como o testemunha a carta a Macieira, com data de 10-XII-1913, o presidente do Ateneu de Madrid, o lusófilo Rafael Maria de Labra (6) decidiu patrocinar uma série de conferências portuguesas na capital espanhola, o que Relvas achava muito útil ao nosso país. O autor de **Portugal Contemporâneo** (1889) e de **Lisboa y los Portugueses** (1888), o entusiasta da nossa geração de 70 e de Herculano (7) foi, como seria de esperar, um dos espíritos com os quais Relvas mais depressa sintonizou desde a sua chegada a Madrid. Nas suas **Memórias**, Relvas evoca os nomes de outros intelectuais espanhóis com os quais privou: o republicano e professor Giner de los Rios, os escritores Joaquín Costa e Perez Galdós, o historiador Altamira, o músico Thomaz Breton, o escultor Benliure, o pintor Joaquín Sorolla, o já citado Rafael de Labra, «o insigne patriota, contemporâneo de Castellar» (8). O círculo de artistas espanhóis frequentados por Relvas esteve estreitamente ligado à exposição portuguesa de 1912: Pradilla, José Villegas (director do Museu do Prado), Moreno Carbonero, Romero de Torres, etc. Quanto à iniciativa das conferências portuguesas propostas por Labra, escreve Relvas nas suas memórias:

«Mais tarde, antes de deixar a Legação, alarguei o projecto de cooperação intelectual, organizando com Rafael de Labra um programa de conferências a realizar no Ateneu, notável centro de actividade científica, literária e artística. O meu sucessor abandonou essa obra que teria, com a apresentação dos melhores valores portugueses, induscitível alcance para o estreitamento das relações peninsulares. Labra pensava numa acção paralela em Lisboa, tendo já adesões muito valiosas, que asseguravam o êxito da sua bela iniciativa. Quando Jaime Batalha Reis foi nomeado ministro em Madrid e meu sucessor, aconselhei Labra a inaugurar com ele as conferências portuguesas.» (8). Não se ficaria por aqui a acção de Relvas: tentaria interessar Rothschild em investir em Portugal e procuraria que alguns industriais e banqueiros de Bilbau apoiassem projectos de construção no porto de Lisboa. Um deles, Echevarrieta, chegou a ligar o seu nome a obras nas docas de Santos e Alcântara. Quanto a Rothschild, pretendia Relvas que, por intermédio do banqueiro Bauer, seu representante em Madrid, se financiasse o aproveitamento de quedas de água e irrigação do vale do Tejo (10). Segundo Relvas, a timidez do nosso ministro do Fomento, Estêvão de Vasconcelos, teria feito gorar essa iniciativa na qual via uma importante ajuda para a agricultura portuguesa. No domínio da comercialização da cortiça, procurou Relvas patrocinar a retenção e transformação industrial desse produto, com a ajuda da Espanha (11). Inversamente, esforçou-se por contrariar projectos económicos espanhóis que lhe pareciam contrários aos nossos interesses, nomeadamente o projecto de Xavier Lerroux no sentido de iniciar entre nós o cultivo da beterraba, o que se lhe afigurava perigoso num país vinícola (12).

(1) Couceiro, por exemplo, fixar-se-ia em Saint-Jean de Luz, perto de Biarritz. Foi ali que o foi entrevistar o escritor e jornalista monárquico Carlos Malheiro Dias – veja-se o seu interessante livro **O Estado actual da Causa monárquica**, Lisboa, 1912.
(2) A casa de Relvas dos Patudos (Alpiarça) transformou-se num verdadeiro museu de arte, particularmente rico em pintores portugueses e espanhóis.
(3) Cf. J. Relvas, **Memórias Políticas**, II, p. 39
(4) José Malhoa retrataria Relvas num óleo (póstumo) que figura hoje na casa dos Patudos – e constitui aliás um dos melhores no género.
(5) Cf. Relvas, op. cit., p. 39
(6) Rafael Maria de Labra (1841-1918), político, jurisconsulto e publicista espanhol, autonomista, defensor da independência de Cuba e de Porto Rico, e da união ibérica – «es necesario de toda necesidad dar cimiento á la unidad ibérica como obra de amor y de supremo interés político», escrevia ele num livro de 1889 –, foi parlamentar fogoso e, como republicano, um moderado. No seu citado estudo publicado em Madrid em 1889. Labra faz um autêntico guia de Portugal e dos portugueses, com especial relevo para Lisboa e para a nossa literatura, demorando-se em figuras cimeiras como Herculano («el insigne Herculano, cuya erudicion y cuyos razonamientos imponen por todos conceptos»), Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Júlio Dinis, Eça de Queirós (que Labra parece conhecer mal, pois, além de informar que nasceu no Porto, em 1843, assegura que teria publicado, em 1888, dois volumes de críticas de costumes e de artigos de viagens, retratos políticos portugueses e sátiras da vida nacional, com o título de... OS MAIAS!), Teixeira de Queirós, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, António Enes, Teófilo Braga, etc. Depois de afirmar que Portugal não é um país morto, garante ao invés que o nosso povo é «simpático, culto e prestigioso».
(7) Veja-se a referida obra de R.M. de Labra, pp. 185-194 (Herculano) e 235 ss (Eça, etc.).
(8) J. Relvas, **Memórias**..., II, p. 31.
(9) Idem, p. 40.
(10) Cf. Relvas, op. cit., p. 38.
(11) Idem, pp. 38-39.
(12) Ibidem, pp. 40-41.

Madrid, 6 de Outubro de 1913

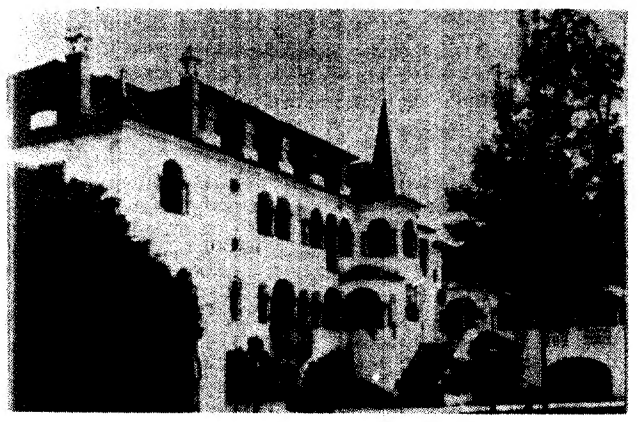
Exm.º Senhor António Macieira.

Meu distinto e prezado Amigo: Renovo os meus sinceros agradecimentos pelas gentis palavras com que V. Ex.ª se refere à minha conduta nas negociações do Tratado. Na realidade é preciso ter uma paciência, **mais que cristã**, para suportar os processo e detestáveis intenções desse homem, invencivelmente antipático, que, por singular concurso de circunstâncias, pode ser o árbitro das negociações, orientando-as no sentido dos seus mais detestáveis sentimentos de animosidade contra a República portuguesa. Aconteceu, infelizmente, que o Presidente do Conselho e o Ministro de Estado se apavoraram perante a mais formal ignorância dessa questão, e temeram privar-se da **preciosa** colaboração de quem afinal tudo veio a atraiçoar: os seus deveres com a Nação espanhola a sua lealdade com o Governo, e a necessidade que se lhe impunha de não comprometer, sobre um pleito económico, toda a ordem de relações entre países, acerca das quais frequentemente dizia Canalejas não haver meio-termo, pois só eram possíveis nas melhores ou nas piores condições. O Governo teve muitas fraquezas em face de certos elementos, interessados nas más relações, e teve toda a pusilaminidade perante o mais activo e feroz agente dos adversários de Portugal.

O caso do «UNIVERSO», como V. Ex.ª terá ocasião de apreciar na leitura do n.º 1 do corrente, que envio com esta carta, é ainda, a meu ver, um aspecto de luta que H. (Hontoria?) travou connosco. De facto como se compreende que nesse jornal se façam precisas referências às minhas reclamações, especializando-se as que dizem respeito a Ciudad Rodrigo'! E como explicar a estranha coincidência de ali se reproduzir uma forma de recriminação, por vezes ouvida ao Subscretário? Com efeito, mais de uma vez ele me tem dito, a propósito da conspiração em Espanha e das nossas incessantes reclamações, que também aqui poderiam acreditar se quisessem escutar **como nós** quantos boatos se espalham, que em Portugal se conspira conta a monarquia espanhola, e que um dos chefes da conspiração, conforme essas atoardas, seria o próprio dr. Afonso Costa? Veja V.Ex.ª a analogia desta encapotada insinuação com o que se lê no artigo do «UNIVERSO».

O caso deste jornal pode originar uma situação desagradável, que me não repugna prever, desde que passaram já três dias sem nenhuma espécie de satisfação do Governo. Convém por isso fixar como foi feita a minha reclamação ao Ministro de Estado, em 3 do corrente.

Fiz sentir que já desde longo tempo, se vinha acentuando, cada vez mais intensa, campanha da Imprensa espanhola, sem distinção de cores políticas, como se verificava pelas falsas e caluniosas notícias, publicadas na Imprensa reaccionária conservadora e liberal, com os títulos de ANARQUIA, TERRORISMO E REVOLU-



ÇÃO, em Portugal, que essas campanhas revestiam os aspectos mais revoltantes, pelo ataque dirigido contra a admnistração do regime, deturpando factos, insinuando atrozes calúnias, e formulando mesmo a acusação de actos criminosos contra alguns dos seus homens, em muito elevada situação. A esperança de reconsideração sobre processos, que a própria Imprensa se via forçada a rectificar, levara-me a não reclamar até agora. Mas os factos mais recentes, e, sobretudo, a escandalosa publicação do artigo do «UNIVERSO», tornavam impossível a continuação da mesma atitude. Se o Governo espanhol, perante a vaga ameaça de um acto hostil contra os representantes da República portuguesa, entendera dever cercá-los de grandes precauções (e convinha frisar que assim procedera até mesmo com a Legação, que nenhumas precauções solicitara, por maioria de razão não podia ficar indiferente e passivo em face dos ataques da Imprensa, feitos em termos seguramente mais ofensivos para o nosso prestígio do que qualquer agressão material.

O Ministro respondeu que a lei espanhola de Imprensa é muito liberal, e que as nossas queixas, que eu formulava, poderiam ser feitas por membros do Governo, entre os quais o Presidente do Conselho, atacado na sua honra pessoal, e até pelo Chefe de Estado, que não é poupado. A estas razões opus — 1.º que a uma lei de Imprensa de ampla liberdade corresponde sempre a garantia da maior responsabilidade; nem de outra forma se compreende a liberdade, aliás a lei seria de licença e anarquia; — 2.º que a situação dos poderes públicos em Espanha, perante a sua Imprensa, constituía, tal como o Ministro acabava de apresentar uma **questão de família**, sendo absolutamente diferente a minha situação visto que reclamava como estrangeiro, e na qualidade de representante diplomático. O Ministro não encontrou mais razões para me opor, e acabou por concordar em que a minha indignação estava perfeitamente justificada, que a compreendia muito bem, que se ocuparia, com o Presidente do Conselho e Ministro da Gobernacion de tão desagradável incidente e que eu receberia **respuesta razonada** (textual).

Terminei a entrevista com o pedido instante de ser transmitida aos seus colegas a expressão da minha maior revolta contra semelhante facto, e a impossibilidade de o suportar, visto ligar-lhe excepcional importância e não poder a minha moral acomodar-se-lhe de modo algum. E por último que ficava esperando a sua resposta escrita.

Fiquei muito satisfeito com o telegrama de V. Ex.ª, anunciando que apoiaria junto de Villasinda esta reclamação. Entendo que é um assunto a que devemos prestar a maior atenção, porque, se nos conformássemos com situações desta natureza, a representação de Portugal cairia aqui em completo ridículo. Basta o que sucedeu com as negociações do Tratado na questão da prorrogação, facto que de modo algum, e apesar dos meus desesperados esforços, podíamos evitar. Com este incidente somos nós os árbitros da orientação que entendamos dever seguir. E seria fantástico que se criasse uma situação dificílima **ou impossível**, a um Ministro estrangeiro, para não corrigir os desmandos odiosos de uma vilíssima Imprensa!

No meu telegrama de hoje perguntei a V. Ex.ª se lhe parece conveniente enviar uma Nota, confirmando a reclamação feita, pois julgo o caso tão melindroso que nada desejo fazer sem perfeito acordo com V. Ex.ª.

Recebi a carta de 1 do corrente. Não pode ser outra a nossa conduta; é imposta pelas circunstâncias e é por ventura a única maneira de concluir o tratado em condições bilaterais. Foi isto que Hontoria não quis compreender, e daí o seu espanto e o **assombro** (textual) do Presidente do Conselho perante a nossa tenacidade na defesa de uma posição justa e legítima.

Pois assim terão de encarar o problema: ou tratar de igual para igual, ou coisa alguma. Assim encaro a questão, e porque verifico a mesma orientação no Governo felicito-o, visto que as suas resoluções são garantia de defesa da nossa situação moral e dos interesses materiais do País.

Creio que será difícil, mesmo impossível chegar a um acordo com os liberais de Romones. A situação política não dura, porém, mais que este curto período de vida que o Presidente se deu, adiando a abertura das Cortes para 24. Que Gabinete lhe sucederá? Qualquer que seja, excluindo será de transição para os conservadores, mas a hipótese do gabinete — Maura, que ainda não há muito sublevava a opinião, ganhou terreno nos últimos meses, e por assim

Continua na pág. 4.

Em apoio da Polisário

Sete dezenas de personalidades políticas, religiosas e intelectuais portuguesas exigiram hoje do Governo espanhol a denúncia do acordo tripartido de Madrid.

Assinado há cinco anos, em 14 de Novembro de 1975, o acordo tripartido de Madrid devidiu a antiga colónia espanhola do Sara Ocidental entre o Marrocos e a Mauritânia.

Num abaixo-assinado, entregue na manhã de hoje na embaixada de Espanha em Lisboa, é exigida do Governo espanhol «a denúncia do acordo tripartido de Madrid, um acordo que é condenado pela justiça, desautorizado pelo direito e desmentido pelos factos».

Os signatários exprimem a esperança de que, denunciando o acordo de Madrid, «o Governo espanhol possa vir a assumir, a exemplo da República Islâmica da Mauritânia, um importante papel na procura de uma dinâmica de paz para o Sara».

Dentre as personalidades políticas que subscrevem o documento destacam-se o candidato à Presidência da República Otelo Saraiva de Carvalho, os deputados João Lima, José Leitão e José Manuel Patrão, do Partido Socialista, Lopes Cardoso, César de Oliveira e Polónio Sampaio, da UEDS, Teresa Santa Clara Gomes, independente, Mário Tomé, da UDP, e Manuel Lopes, José Luís Judas e Armando Teixeira da Silva, da APU.

Os subscritores do abaixo-assinado salientam que, no comunicado conjunto assinado em Julho de 1980 com as autoridades da República Arabe Saraui Democrática (RASD), um representante do Governo Português reconheceu a Frente Polisário como «único e legítimo» representante do povo saraui.

O texto sublinha também que o representante do Governo português declarou igualmente «a sua inquietação pela perigosa situação decorrente da persistência da ocupação militar marroquina do território da RASD».

Emília Braz, presidente nacional da Juventude Operária Católica, padre Silva Mendes e Maria Angélica Teixeira, dirigentes da Liga Operária Católica, o escritor José Cardoso Pires, o padre Luís França e numerosos jornalistas portugueses também assinam o pedido de denuncia do acordo

O "Projecto" de Soares Carneiro

Entre a AD e o general só há diferença de "estilo"

Mais do que o «Projecto Nacional do general Soares Carneiro», o candidato à presidência releu ontem, no Hotel Sheraton, o projecto de revisão constitucional da Aliança Democrática. Soares Carneiro leu para os seus apoiantes e jornalistas portugueses (a ausência da Imprensa estrangeira era evidente) o texto – dizem-nos – da sua autoria. «Foi aprovado por unanimidade no Conselho Político» – acrescenta um dos membros desse Conselho.

E nesse texto, nota-se de facto o «dedo» ideológico do general Soares Carneiro. Exemplos: «Portugal desperta enfim para a realidade que dois opostos sonhos escamotearam do seu viver: o sonho salazarista imperial, incapaz de entender como o mundo mudou: o sonho revolucionário que se lhe seguiu, defraudando o 25 de Abril e caindo na órbita de um imperialismo alheio». Nesse «estilo», Soares Carneiro acrescenta que o Estado o preocupa, «não vá, como um mau rei, fazer fraca a forte gente». Compromete-se, por isso, se for Presidente a «manter a visão larga e a alma forte». Emenda, na altura em que lê, a expressão «ex-colónias» para «países de expressão portuguesa», hesita uns segundos antes de iniciar um capítulo que principiava «A perda do Império...», «Poderio soviético», – principal preocupação externa de Soares Carneiro – ou a «tirania é tão arbitrária – ou mais – do que o despotismo» (referia-se, naturalmente a 1975), são algumas das ideias pessoais de Soares Carneiro. Na economia, poder-se-ia dizer que Soares Carneiro faz este raciocínio curioso: «uma disciplina eficaz dos capitalistas pressupõe que o Estado lhes faça justiça, lhes preste apoio e lhes garanta estabilidade». Isto é, lhes dê tudo.

Consonante com a AD

De resto, o discurso de Soares Carneiro é aquilo que a AD pensa. Em matéria de revisão constitucional, Soares Carneiro é bem claro: «as minhas opções, consonantes com as da Aliança Democrática, apontam inequivocamente para a necessidade de proceder a uma séria revisão constitucional».

Tenta, no entanto, defender-se do controlo absoluto da AD, se viesse a ser eleito, reivindicando os poderes de intervenção. «Cabe ao chefe do Estado, como árbitro institucional, tomar a iniciativa dos casos de grave conflito ou persistente impasse político, dispondo para isso de três meios excepcionais: o uso do direito de dissolução da Assembleia, o poder do Referendo e a declaração do Estado de emergência ou do Estado de sítio».

A supletividade em vez de intervenção foi o papel defendido para o Estado (aliás tal como a AD), para os sectores da saúde, educação, cultura ou desporto.

Mas, foi ao papel do Estado na economia que Soares Carneiro chamou mais atenção para a necessidade de revisão constitucional. Nacionalizações foram em demasia e reforma agrária excessiva. «As nacionalizações destruiram um poder económico altamente concentrado, que vivia à sombra do poder político. E a Reforma Agrária expropriou latifúndios privados. Mas – acrescenta Soares Carneiro – impuseram-nos, em troca, monopólios estatais e criaram latifúndios colectivistas».

E termina, Soares Carneiro, regressando já ao seu estilo: «Acho na terra portuguesa, no seu Povo e na História de ambos a razão profunda do nosso convívio democrático. Queremos uma Pátria nossa a caminho da Europa das Pátrias. Não sou, obviamente, o candidato de todos os portugueses, porque respeito as diferenças que entre cada um de nós possa existir. Mas serei como devo – o presidente de todos nós. Em justiça e liberdade».

O candidato da AD tenta saber a hora exacta, na companhia do seu mandatário nacional, Mota Pinto

Seguiu-se um beberete com a Comissão Nacional de Apoio de Soares Carneiro. «Sabe, diz-nos um dos elementos dos Serviços de Apoio, a mulher do senhor general não veio. Tinha umas aulas para dar». Soares Carneiro cumprimenta grupos apoiantes. Alguns dirigentes com quem conversámos mostram-se pouco optimistas com os resultados das presidenciais. «Mas a máquina da AD já começou a rolar» – acrescentam. Actores apoiantes de Soares Carneiro estavam lá três: Nicolau Breyner, Paulo Renato e Laura Alves. Esta actriz mostrou-se embevecida, enquanto Soares Carneiro lia o documento. Já junto à mesa, Laura Alves comentava: «Tem estaleca». Terá?

Na Madeira

Soares Carneiro seguiu hoje para a Madeira, onde participará amanhã em 15 comícios de pré-campanha presidencial. A viagem termina, amanhã à noite, com um comício no Funchal.

O candidato da Aliança Democrática é acompanhado por Carlos Macedo e Mota Pinto.

Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira

Continuação da pág. ?

dizer já não existe o **veto,** sempre agitado quando os conservadores desenhavam a menor acção para a conquista do poder. Para nós a solução Maura terá uma imensa vantagem — vai-se definir nitidamente a situação. Ele será por nós ou contra nós, mas claramente, sem rebuço, incapaz, como é, de ter as melhores palavras encobrindo as piores intenções.

Armando Navarro confirmou a carta de V. Ex.ª, desenvolvendo todos os seus pontos. Faz V. Ex.ª muito bem, anunciando a Villasinda a publicação do **Livro branco. E um acto absolutamente necessário** e que vira justificar nobremente a atitude do Gabinete de Lisboa, ao mesmo tempo que será uma demonstração da forma correctíssima com que se conduziu durante as negociações, mantendo uma norma de proceder que este Governo não soube, ou quis adoptar, com as suas indiscretas, inconvenientes e tendenciosas comunicações à Imprensa. A publicação do Livro Branco é o complemento necessário da conduta do Governo português e dos representantes em Madrid.

Com a mais distinta consideração, tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Mt.º Att. V. Aff. Ob.

a) José Relvas

Alpiarça, 7 Dez 1913

Meu Exmo. e Prezado Amigo:

O meu médico aconselha-me a permanecer em Portugal por mais algum tempo, e como a licença finda em 11 do corrente venho pedir a V. Ex.ª o favor de me conceder a prorrogação por mais trinta dias, que provavelmente não utilizarei completamente. Previno que projecto regressar a Madrid nos primeiros dias de Janeiro.

Será preciso novo atestado médico ou é suficiente o que mandei para o Ministério?

Com o projecto apresentado às câmaras, vejo que fica adiada a discussão sobre a questão do Tratado. Contudo bom seria que, ao discutir-se aquele projecto, o Parlamento se pronunciasse no sentido de aumentar a força, que aliás já não é pequena, com que poderemos principiar as negociações. Tudo indica que o Governo espanhol será compelido a solicitar essas negociações.

Aguardando desde já o favor da resposta de V. Ex.ª, subscrevo-me, com a mais distinta consideração.

De V. Ex.ª

M. Att.º V. Aff. Ob.

José Relvas

Alpiarça, 10 Dezembro 1913

Meu Exmo. e Prezado Amigo:

Penso que haveria toda a conveniência em preparar uma situação de perfeito acordo com os dirigentes dos grupos parlamentares, para que quaisquer considerações, feitas a propósito do projecto já apresentado às **Cortes,** servissem para apoiar a conduta de V. Ex.ª, e a marcha seguida nas negociações em Madrid.

A melhor táctica, neste momento, é aquela que V. Ex.ª adoptou — não manifestar empenho algum no prosseguimento das negociações, e esperar que o Governo espanhol, assediado pelos muitos interessados na conclusão do Tratado, tome a iniciativa de pedir a continuação das negociações.

E esta situação, que convém defender, evitando que no Parlamento se produza qualquer interpelação, que force V. Ex.ª a declarações, que, embora muito contra a sua vontade, poderiam diminuir as vantagens da nossa posição actual.

Um bom critério patriótico deve aconselhar as oposições a colaborar com o Governo nas questões externas.

Da situação, em que se encontra a Espanha, merecê da estúpida política do Governo Liberal, tem V. Ex.ª conhecimento pelas notícias publicadas na Imprensa de Madrid.

A última de que envio um recorte, mostra que os (que) precedem, tendo procurado compreensão na pessoa em **(duas palavras ilegíveis)** ali nunca são batidos nas suas pretensões. O Governo francês não faria tal concessão.

Envio também uma **coupure** acerca da substituição de Hontoria. Se for nomeado António de Zayas, podemos dizer que estamos com **chance,** porque é um funcionário muito distinto, muito bem orientado e intencionado. Acrescento que tenho com ele as melhores relações.

A minha licença termina amanhã: por isso peço a V. Ex.ª o favor de despachar o requerimento incluso, para seguir para a respectiva repartição.

Com a mais distinta consideração sou

de V. Ex.ª
M. Att. V. Aff. Obg.

a) José Relvas

P. S. Rafael de Labra, actualmente presidente do Ateneu de Madrid, escreve-me insistindo no seu projecto de uma série de conferências portuguesas; a ideia é excelente, mas, para levar a Madrid algum conferente, seria necessário abonar-lhe as suas despesas de viagem e hotel. Julga V. Ex.ª possível que o Governo tome esse encargo? Não respondo sem saber a opinião de V. Ex.ª. Insisto porém em que seriam muito vantajosas para o País.

Alpiarça, 20 de Dezembro 1913

Exmo. e Prezado Amigo

Recebi a carta de V. Exa., de 14 e hoje o telegrama, referindo-se à minha próxima partida para Madrid.

Não respondi imediatamente à carta, como era meu desejo, por se terem agravado mais as dores reumáticas, que me têm obrigado a tratamento de um médico, e que justificam a prorrogação, que pedi da licença.

Estou à disposição de V. Exa., não querendo por forma alguma prejudicar o serviço da Legação, que V. Exa. me confia. Não devo, porém deixar de dizer que tenho bastante receio de piorar, partindo nesta fase de tratamento, e ficar assim impossibilitado do trabalho, que é preciso realizar em Madrid.

Não tenho notícia especial sobre os manejos dos conspiradores, que me habilitem a julgar da viabilidade dos seus eternos projectos da «conquista de Portugal». Tenho apenas em meu poder uma carta muitíssimo interessante do M. (Marquês) de Léma (M.º de Estado) dirigida a um seu correligionário, em que afirma que o Governo não consentirá esses manejos. Essa carta contém também uma referência muito curiosa acerca das Negociações do Tratado, e quando V. Exa. a vir, ficará ainda mais convencido da necessidade que há de não sermos nós a fazer «avanços» ao Gabinete de Madrid. Não sei se ainda em virtude das intrigas do nefasto Hontoria (do qual finalmente e felizmente estamos livres), o M. de Lema fala na «intransigência do Gabinete de Lisboa» e acrescenta que, por conveniência de um bom tratado para Espanha, não toma a iniciativa das novas negociações. Mas, por outro lado, V. Exa. verá que o «Conselho Superior do Fomento» votou uma moção, pedindo ao Governo que reabra as negociações. Essa notícia vem no recorte da «Época», que envio; chamo a atenção de V. Exa. para o último período da notícia da reunião, em que se insinua a sonegação, de que eu tenho desconfiado repetidas vezes. Julgando Hontoria muito capaz de praticar actos dessa natureza.

A nossa grande táctica, como já tive ocasião de o dizer a V. Exa., é manifestar pouco interesse em renovar conversações sobre o Tratado. Os interessados espanhóis forçarão o seu governo a tomar a iniciativa.

Ainda acerca da conspiração permito-me lembrar que não seria inconveniente comunicar a Villasinda? o que V. Exa. souber. Até mesmo para descobrir um pouco a atitude do Gabinete de Madrid, antes do meu regresso.

Fico aguardando as ordens de V. Exa., e terei muita satisfação se for possível conciliar os interesses da nossa representação em Madrid com a demora até aos primeiros dias de Janeiro, o que me garantiria mais o restabelecimento da minha saúde e ainda o prazer de passar dias tradicionais de festa com a minha família.

Com muita estima e a mais distinta consideração tenho a honra de me subscrever,

De V. Exa. — M. At. Af. e Ob.
José Relvas

Ribeiro de Almeida presidente da AR?

●CDS não propõe mas não se opõe

O CDS não subscreve a candidatura de Leonardo Ribeiro de Almeida à presidência da Assembleia da República, mas tal não significa que não venha a votar a favor da sua eleição para o cargo.

A posição centrista foi ontem declarada à ANOP pelo líder parlamentar do CDS, Oliveira Dias.

Segundo Oliveira Dias, a não subscrição, por parte do CDS, da candidatura de Ribeiro de Almeida, «não envolve o sentido do voto dos 46 deputados do CDS».

A candidatura de Ribeiro de Almeida que já foi subscrita por deputados do PSD e do PPM, deverá dar entrada por toda esta tarde na Assembleia da República.

A eleição é na próxima terça-feira.

Carlos Brito disposto a um frente-a-frente com o candidato Soares Carneiro

«Se dependesse da vontade de Soares Carneiro nunca em Portugal teria havido o 25 de Abril» – considerou Carlos Brito, candidato do PCP às próximas eleições presidenciais, ao analisar o perfil do antigo secretário-geral de Angola, no decorrer de uma sessão de esclarecimento, ontem realizada no pavilhão polivalente da Brandoa.

Antes de responder a perguntas da assistência, o dirigente comunista fez uma curta exposição introdutória, onde comentou a entrevista televisiva do candidato da AD, transmitida anteontem. Acusou-o de defender os pontos de vista da «ditadura colonialista que provocou treze anos de guerra» e acentuou que para o general comando eram «mais importantes as medidas de segurança da Pide do que as decisões dos tribunais», tal como aconteceu com o campo de S. Nicolau.

«Só tem garganta»

Carlos Brito mostrou-se, entretanto, disposto a um frente-a-frente na TV com Soares Carneiro, ao responder a uma das perguntas de uma das centenas de pessoas que praticamente encheram o pavilhão daquele bairro limítrofe de Lisboa.

Acrescentou que não recusará participar em debates com os restantes candidatos e, ao comentar o convite a Ramalho Eanes feito por Soares Carneiro para um frente-a-frente na RTP, disse que o candidato AD «só tem garganta».

«Ele nem sequer foi capaz de ir à televisão em directo como os outros concorrentes apesar de ter mais do dobro do tempo de antena» – acrescentou Carlos Brito. Criticou igualmente três do entrevistadores de Soares Carneiro (seus «amigalhaços» – disse) pelo modo como orientaram o debate.

Críticas ainda a Mário Soares e a Otelo e a afirmação de que Eanes é o candidato melhor colocado para derrotar o representante da AD, foram outros dos pontos salientes das respostas do dirigente do PCP.

Carlos Brito, que hoje e amanhã, estará sucessivamente nos distritos de Portalegre e Évora, concluiu a sua intervenção com um apelo à participação dos eleitores na primeira volta do escrutínio, pois – frisou – «a eleição do Presidente da República pode dicidir-se a 7 de Dezembro».

Soares no congresso da IS

'Só num contexto de desanuviamento...'

«Só num contexto de desanuviamento é posível encontrar soluções adequadas ao diálogo entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento» – afirmou o dirigente socialista português Mário Soares ontem em Madrid, falando perante cerca de quatro centenas de delegados ao Congresso da Internacional Socialista que está a decorrer na capital espanhola.

Soares disse depois que os países de Leste Europeu não se podem furtar aquele diálogo com a alegação de não terem sido potências coloniais. De igual modo, acrescentou, a República Popular da China deverá ter um importante papel a desempenhar neste diálogo, visto que se trata, inegavelmente, do maior dos países en vias de desenvolvimento.

Falando sobre a crise económica e financeira mundial, o líder socialista adiantou que ela «terá tendência a tornar-se mais profunda e com consequências cada vez mais perigosas no contexto do agravamento das tensões internacionais».

«A invasão soviética do Afeganistão e a guerra entre o Irão e o Iraque são algumas das manifestações mais visíveis de agravamento da crise internacional, mas não as únicas» – sublinhou.

Mário Soares adiantou que «a Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia não pode ser um diálogo de surdos e deverá abrir caminho prudente procurando ultrapassar o impasse actual no relacionamento Leste-Oeste».

Mário Soares considerou ainda que as negociações para limitação de armas nucleares estratégicas e as sobre os chamados euromísseis devem ser abordadas, sendo também «necesário fazer avançar as negociações de Viena sobre armas convencionais na Europa».

Referindo-se à questão da energia – «causa e consequência do agravamento internacional» – Mário Soares frisou que ela toca o mundo e que grande parte dos problemas de Portugal têm ali origem e explicação.

Indicou que, no contexto do diálogo Norte-Sul, um dos factores de superação da crise poderá estar «na busca de soluções eficazes para uma utilização racional dos recurso existentes ao serviço das populações.

«Preocupações que não podem ser postas de lado», no dizer de Mário Soares, são ainda o colocar da economia ao serviço do homem, a redistribuição de riqueza, e ainda a solidariedade nacional e internacional.

A garantia de estabilização dos preços das matérias primas e a reestruturação do sistema monetáriio e financeiro internacional poderão também segundo Soares, «criar condições de mudança para uma nova ordem económica internacional».

Sobre a questão do armamento, o vice-presidente da Internacional Socialista disse que, por um lado, ele foi «um dos factores de crescimento, de absorção de mão-de-obra e de inovação científica e tecnológica dos países avançados». Mas foi também «um factor paralisante, pois os países menos desenvolvidos gastaram em armamento recurso financeiros que poderiam ser consagrados a outras prioridades essenciais como alimentação, saude, ensino, e defesa da qualidade de vida das populações».

«A ajuda ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo não pode ser equacionada como uma dádiva dos países ricos aos países pobres» – comentou Soares. – «A cooperação para o desenvolvimento tem de ter outras premissas e pressupôr um fluxo bilateral de interesses».

«A velha luta, entre privilegiados e desfavorecidos tem hoje uma verdadeira dimensão internacional entre nações ricas e nações pobres», «o socialismo democrático não pode deixar de estar solidariamente ao lado destas últimas» – afirmou Soares.

«Num momento em que o movimento comunista internacional revela á luz do dia insanáveis contradições, como os acontecimentos da Polónia demonstraram claramente, a resposta não pode vir das receitas do capitalismo selvagem ou sofisticado, mas do socialismo democrático, tendo como metas a paz, a liberdade o respeito pelos direitos do homem, a justiça e a solidariedade internacionais – concluiu.

Amaro da Costa no regresso de Bruxelas

Afinal Portugal não é candidato à instalação de armas nucleares, mas...

Amaro da Costa, ministro da Defesa afirmou ontem, no aeroporto da Portela, não ter sido feita a Portugal qualquer proposta no sentido da colocação de bases ou armas nucleares no território.

De regresso de Bruxelas, onde participou na reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da OTAN (GPN), Amaro da Costa quis de algum modo «adocicar» anteriores declarações e acrescentou que Portugal «não é candidato à colocação» de bases ou armas, mantendo a posição de se «considerar soberano para decidir se a instalação nuclear da OTAN em território português é ou não útil em termos da defesa da paz».

A respeito do próximo Orçamento Geral de Estado para a Defesa Nacional, Amaro da Costa, revelou a intenção do Governo de tentar um aumento mínimo de 3 por cento, em termos reais, para despesas e funcionamento.

CINANIMA 80
É FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO
ESPINHO DE 19 A 23/11

EXPOSIÇÃO
VIMARA 81
De 7 a 16 de Novembro, apresentamos nos nossos salões de exposição a linha «Nova Geração» das caravanas VIMARA.
A sua visita será para nós um prazer.
MARCAMPO — Artigos de Campismo, Lda.
Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D
HORÁRIO
Segunda a Sexta 9,30 h. às 23 h.
Sábado e Domingo 15 h. às 23 h.

solidariedade américa latina
SÁBADO
15 NOV.
20,30 h
VOZ DO OPERARIO
com a presença de
• FRENTE DEMOCRATICA E REVOLUCIONARIA DE EL SALVADOR
• CENTRAL OPERARIA BOLIVIANA (OSCAR SANJINES SECRETARIO-GERAL),
e ainda
QUINTIN CABRERA (cantor do Uruguai)
ZECA AFONSO
JOSE MARIO BRANCO
LUIS CILIA
FANHA
Organizado por GSAL/CIDAC Semanário VOZ DO POVO
contribuição solidariedade
com o apoio da URAP

ALCATIFAS
AS MELHORES MARCAS AOS MELHORES PREÇOS
ALCATIFA INDUSTRIAL DESDE 140$00 m2
PAVIMENTOS
GRANDE SORTIDO PARA COZINHAS E CASAS DE BANHO
PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR
Largo Dr. António Sousa Macedo, 6 • Tel. 675948
(AO FUNDO DA CALÇADA DO COMBRO)
PESTANA & COUCEIRO

Eanes recebeu Kissinger e contactou com estudantes universitários

Como noticiámos na primeira página, o Presidente da República recebeu longamente, esta manhã, o principal obreiro das relações internacionais dos EUA durante o consulado de Nixon, Henry Kissinger, deslocando-se em seguida ao hotel Altis onde contactou com cerca de quatro centenas de estudantes universitários. O encontro do Presidente com o homem que pode voltar ao primeiro plano da política estrangeira dos EUA, agora que um republicano volta à Casa Branca, reveste-se, neste período de pré-campanha para as eleições de 7 de Dezembro, de um pesado significado político, que os homens da AD não deixaram de apreciar.

Actividade crescente

Entretanto na CNARPE, na Avenida da Liberdade, o ritmo de actividade não pára de crescer. A afluência de público que quer de alguma forma apoiar a candidatura de Eanes continua a aumentar e – de acordo com informações prestadas por destacados elementos que ali trabalham desde a primeira hora – muitas têm sido as pessoas da área da AD que por ali têm passado, nalguns casos até contribuindo financeiramente de uma forma significativa.

A participação de gente ligada à AD, de resto, não se tem verificado apenas a esse nível – ainda ontem um dirigente de um dos partidos que integra a coligação agora no Governo esteve nos estúdios de televisão instalados no segundo andar do prédio da CNARPE onde gravou um depoimento que aparecerá num dos tempos de antena que a RTP destina aos candidatos. De acordo com informações recolhidas pelo «DL», mais dirigentes da área AD aparecerão nos programas televisivos de apoio a Eanes.

Sondagens e optimismo

Muito comentados também, ontem ao fim da tarde, eram os resultados das sondagens encomendadas à Norma pelo semanário «Expresso» (que os publicou esta manhã) e eram ali já conhecidos. Os responsáveis pela candidatura de Eanes estavam visivelmente satisfeitos, ainda que não totalmente surpreendidos, pois desde sempre têm dito que a superioridade do candidato em relação a Soares Carneiro é nítida.

Porém, a subida espectacular de Eanes, em relação à última sondagem, no distrito de Viseu, foi considerada especialmente significativa (ver resultados da sondagem noutro local).

Apesar do optimismo reinante os responsáveis não deixavam de chamar a atenção para os perigos que uma errada e perniciosa imagem de «vitória fácil» pode acarretar, nomeadamente quanto a uma «hipotética onda de abstenção» em certo tipo de eleitorado potencialmente Eanes.

Exposição

Na segunda-feira, pelas 22 horas, será inaugurada no edifício da CNARPE a exposição de pintura que «funcionou» até agora no Porto. O êxito desta exposição na capital do Norte foi de tal ordem que, nas primeiras horas depois de ter sido inaugurad, os quadros ali expostos estavam quase todos vendidos, tendo rendido mais de 2000 contos para os fundos da campanha.

Como já foi noticiado, os expositores são 49: Abel Manta, Alberto Carneiro, Alice Jorge, Ana Hatherly, Anahory (Rui), Ângelo de Sousa, António Cruz, António Dacosta, Armanda Passo, Bartolomeu dos Santos, Botelho (Carlos), Carlos Marques, Clementina Carneiro e Moura, Costa Pinheiro, David de Almeida, Deolinda Rodrigues, Eduardo Nery, Emerenciano, Fernando de Azevedo, Fernando Lemos, Graça Morais, Jaime Silva, João Cutileiro, João Vieira, Jorge Martins, José Rodrigues, Júlio, Júlio Pomar, Lourdes Castro, Luís Dourdil, Luísa Correia Pereira, Luísa Gonçalves, Mário Américo, Mário Botas, Noronha da Costa, Nuno Barreto, Nuno Sampaio, Pedro Chorão, Pedro Rocha, René Bertholo, Rogério Gonçalves, Rosa Ramos, Rui Pimentel, Sebastião Resende, Sérgio Pombo, Teresa Magalhães Vasco Costa e Zulmiro.

No folheto-catálogo da exposição, José Augusto França, um dos seus organizadores (juntamente com Fernando de Azevedo e Fernando Pernes) lembra que os expositores vêm «dos mais diversos quadrantes ideológicos e de várias opções plíticas ou alheios a elas, mas trazendo o mesmo aviso e um alarme comum – porque uma vez mais é preciso votar contra forças políticos de projecto totalitário».

Conferência de Imprensa e jantar no Altis

Outras realizações de apoio à campanha estão também desde já programadas. É o caso, por exemplo, de um jantar no Hotel Altis, na quart-afeira, para o qual estão convidadas 700 personalidades da vida política, cultural e económica nacional. O preço é de 2 mil escudos por pessoa – o que dará a linda quantia de 1400 contos, suficiente para pagar todas as despesas e ficar muito dinheiro para os indispensáveis fundos. (Ao que o «DL» conseguiu apurar também o candidato Soares Carneiro vai realizar um jantar em Lisboa, brevemente, para recolha de fundos. Só que a «entrada» será incomparavelmente mais cara, falando-se na módica quantia de 50 contos por cabeça, no Tavares).

Programada está igualmente uma conferência de Imprensa do general Ramalho Eanes – a primeira já depois de formalizada a sua candidatura. Terá lugar no Hotel Altis, na próxima terça-feira, pelas 16 horas.

Calendário da campanha

Quanto ao calendário que Ramalho Eanes seguirá durante a campanha, tudo, ou quase tudo, está programado. É provável que apenas hoje se defina em absoluto o «esquema», mas sabe-se já que a campanha abrirá em Lagoas, no dia 22 – dia integralmente «gasto» no distrito do Algarve – e terminará no dia 5, no distrito de Lisboa.

Embora seja de admitir a possibilidade de algumas alterações, o «esquema-base» será: dia 23, Madeira; dia 24, Açores (ilha de S. Miguel); 25, Viseu, Vila Real e Bragança, dia 26, Porto e Braga, dia 27, Braga, Viana do Castelo e Porto; dia 28, Porto e Aveiro; dia 29, Porto e Coimbra, dia 30, Guarda e Castelo Branco, dia 1, Castelo Branco e Portalegre; dia 2, Lisboa e Setúbal, dia 3, Lisboa e Santarém; dia 4, Lisboa e Leiria; dia 5, como já referimos, distrito de Lisboa.

Segundo as sondagens Eanes à frente

Ramalho Eanes não só não desceu, como subiu nos distritos de Lisboa, Beja e Viseu, depois da intervenção de Mário Soares na RTP. Em relação a uma sondagem feita há 15 dias por um semanário de expressão nacional, apenas se verificou uma descida no Porto.

Na sondagem hoje divulgada e abrangendo precisamente os mesmos distritos de há 15 dias, verifica-se uma descida do general Soares Carneiro. O candidato da AD perde em todos estes quatro distritos, apenas subindo no Porto, na hipótese de uma 2.ª volta.

Ramalho Eanes aumenta em Lisboa – no espaço de 15 dias – de 36,5 para 59 por cento; em Viseu, de 23,8 para 27 por cento, e, em Beja, de 47,9 para 57 por cento. Quanto ao Porto, como já dissemos, verificou-se a tal baixa: de 45,7 para 37 por cento.

Quanto ao candidato da AD, Soares Carneiro, desce em Lisboa, de 24,2 para 19; em Viseu, de 38,9 para 26; no Porto, de 20,9 para 20 por cento e em Beja, de 3,5 para 1 por cento. A vantagem de Ramalho Eanes, segundo esta sondagem aumenta no caso de uma segunda volta.

Entretanto, um outro semanário, está também a publicar sondagens efectuadas por uma outra empresa, a qual também dava grande vantagem a Ramalho Eanes. Na próxima edição desse semanário, em continuação da publicação da sondagem, conclui-se ainda que a posição assumida por Mário Soares (retirar o apoio a Ramalho Eanes) terá afectado apenas 1,5 do eleitorado socialista.

Por último, a CNARPE (Serviços de Apoio à Candidatura de Ramalho Eanes) também deverá publicar os resultados de uma sondagem.

Solidariedade com a América

Embaixada de Bruxelas não deu visto a Gabriel Coll

A Embaixada portuguesa em Bruxelas recusou visto de entrada em Portugal a Gabriel Coll, militante da resistência chilena ao regime de Augusto Pinochet, que deveria participar este fim-de-semana em Lisboa numa jornada de solidariedade com a América Latin.

Os promotores desta iniciativa anunciaram ontem que o militante chileno lhes tinha comunicado na quinta-feira a recusa de visto e que iria fazer nova tentativa junto daquela Embaixada. Não há notícia de que esta tentativa tenha resultado.

A jornada de solidariedade com a América Latina iniciou-se na quinta-feira em Coimbra, estando prevista para hoje uma sessão em Lisboa, na Voz do Operário, em que participarão um representante da Frente Dernocrática Revolucionária de El Salvador e o secretário-geral da Central Operária Boliviana, Óscar Sanjines, para além do cantor popular uruguaio Quintin Cabrera, e dos artistas portugueses José Afonso, Luís Cília, José Mário Branco e José Fanha.

A jornada tem o apoio do Grupo de Solidariedade América Latina, do Cidac, do jornal «A Voz do Povo» e da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, URAP.

Entretanto, em conferência de Imprensa realizada ontem em Lisboa, Óscar Sanjines afirmou que o Governo da Bolívia está interessado em mudar a sua imagem internacional, pelo que ultimamente libertou vários presos políticos.

Diferenciando o último golpe boliviano dos anteriores (desde a independência até hoje, 379 golpes em 156 anos), Sanjines, caracterizou-o como sendo principalmente dirigido à população, pelo que os militares, antes mesmo de terem tomado o palácio do Governo, se apoderarem da Central Operária, e o ministro do Interior ordenou recentemente que o edifício fosse demolido.

«A guerrilha continua, no interior. Combate-se nas condições mais duras – disse Sanjines, adiantando que «a repressão tomou características de bestialidade», existindo mesmo uma lei que ordena a confiscação de todos os bens imóveis daqueles que ajudaram os oposicionistas, sindicais ou políticos.

O representante da Frente Democrática e Revolucionária de El Salvador falou sobre a guerrilha no seu país e destacou o apoio da Igreja à luta popular, o que levou a que nos últimos três anos tivessem sido mortos dez sacerdotes, entre os quais o arcebispo Romero, para além de outros padres desaparecidos ou que foram torturados.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

LAR RESIDENCIAL DE ALCOBAÇA

ADMITEM-SE:

1 Médico Psiquiatra .....LETRA E
1 Médico de Clínica Geral .....LETRA E
1 Técnico Auxiliar de Diagnóstico e Terapêutica de 2.ª Classe .....LETRA J
2 Enfermeiros de 2.ª Classe .....LETRA J

Respostas e mais informações na Secretaria do Lar Residencial de Alcobaça, pelos telefones 42092 e 42545.

CAIXIPRATA
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

CAIXILHARIA E ALUMÍNIO ANODIZADO

MARQUISES

Qualidade e rapidez na execução de: MARQUISES EM ALUMÍNIO, PORTAS, JANELAS E MONTRAS, ESTORES METÁLICOS

ORÇAMENTOS GRÁTIS

ESCRITÓRIO:
R. Francisco de Holanda, 22-2.º Esq.º — Lisboa — Telef. 76 13 43.
FÁBRICA:
R. da Abelheira, lotes 3 e 4 — Cacém — Telef. 294 79 53.
FILIAIS:
Almada — Telef. 229 45 45.
Porto — Telef. 941 37 52.

PUB

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
SZST

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 16 de Novembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Das 7 às 10 Horas
CONCELHO DE PALMELA: Carrilhão, S. Julião, Ciclo, Colónia de Férias, Bombeiros, S. João, Terras de Pão, Vargem, Aires e Volta da Pedra.

Das 7 às 13 Horas
CONCELHO DE PALMELA: Craveiras, Vinha da Bicha, Quinta do Anjo e Aldeia de Cima.

Das 7,30 às 13,30 Horas
CONCELHO DO SEIXAL: Amora, Brigadeiro, Branca Saraiva, Quinta da Atalaia, Borja, Comuda, Monte Sião, Preciosa, Inglesinhos, S. Tomé, Vito e Quatro Caminhos.

Das 8,30 às 14 Horas
CONCELHO DE ALMADA: Ministro e Quebra Joelhos.

Lisboa, 11 de Novembro de 1980. ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETUBAL
Manuel Fernandes Camacho

ARTESANATO

Cursos de pintura em porcelanas, vidro, tecido, etc. Esmaltagem, decoração floral.
Telefone: 89 00 82

PUB

CARAVANA GAIA

PELIANTE * PESO À TRACÇÃO 7,5 kg.

PARA AS SUAS VIAGENS OU FINS DE SEMANA

Em meio minuto, dois quartos de casal e uma sala.

EXPOSIÇÃO E VENDA Firel

R. dos Industriais 13/15 · 1200 Lisboa
Telef. 660460

Mau estado da embarcação e mar adverso atrasam chegada da traineira "Pedra Alta"

—Portimão ou Sines são destinos possíveis

A traineira «Pedra Alta», de Sesimbra, socorrida na passada quinta-feira ao largo da costa marroquina pela fragata «João Belo», quando se encontrava em situação crítica e batida por vagas de cinco a seis metros, ainda não tinha chegado a meio da manhã de hoje à vista da costa portuguesa.

Um porta-voz da capitania de Portimão, para além de confirmar o atraso na chegada da traineira, previsto para a madrugada de hoje, revelou ao nosso jornal que a embarcação teria sido orientada para o porto de Sines.

Nesta localidade, não foi possível confirmar a veracidade desta informação, embora um responsável da capitania admitisse essa possibilidade. No entanto, ao fim da manhã de hoje, a traineira ainda não estava à vista de terra, na área de Sines.

Uma nota do Serviço de Relações Públicas do Gabinete do Estado-Maior da Armada dava ontem conta das dificuldades encontradas no reboque, depois de se ter afundado o bote da «Pedra Alta» utilizado pelo mestre, um sócio e um tripulante para virem a bordo da fragata. A operação, esclarecia, é de «êxito duvidoso, face ao mau estado da embarcação e às adversas condições de mar», razão por que apenas três tripulantes ficaram a bordo da traineira. Por outro lado, acrescentava a mesma nota, «a operação de reboque desenrolar-se-á a uma velocidade reduzida», prevendo-se a chegada a Portimão cerca das três horas da madrugada de sábado, caso não tenham lugar quaisquer contratempos e se confirme a melhoria do estado do mar». O atraso verificado na chegada da traineira à costa portuguesa poderá, pois, explicar-se pela conjugação destes factores, uma vez que o navio de guerra não navegava a mais de sete milhas por hora.

Os tripulantes foram entretanto observados pelo médico da «João Belo», confirmando-se o seu bom estado de saúde. Ignora-se ainda se a traineira «Pedra Alta» ficará em Portimão para ser submetida a reparações, ou se será levada a reboque para Sesimbra.

Não houve feridos nem pânico

Comboio viajou sem condutor entre as Caldas e S. Martinho

CALDAS DA RAINHA, 15 – É um caso raro, mesmo muito raro, a merecer notícia e destaque: a uma velocidade que terá ultrapassado a centena de quilómetros horários, uma locomotiva «viajou» sozinha os quase quinze quilómetros que separam esta cidade de S. Martinho do Porto.

«A corrida fantasma» terá sido provocada pela trepidação resultante da passagem de uma outra composição. Foi uma «viagem» rápida e sem quaisquer consequências, dado que a locomotiva se encontrava desligada de qualquer composição, e que, pouco antes (felizmente à tabela), se haviam cruzado na estação dois outros comboios. Mas o acontecimento ocorreu há cerca de um mês. Só agora foi tornado público e por casualidade. E assim se diz que por conta própria viajou, com toda a liberdade, uma locomotiva, que por aqui já se chama «a das Caldas», e que veio a ser «detida» depois de passar por S. Martinho do Porto – onde encontrou a intransponível ladeira que aparece após aquela povoação.

Eleições ganhas, obras embargadas

"Feira Popular" de Belém transformada em centro de recepção de turistas

Consumada a bronca do embargo da feira popular de Belém, que a Câmara deixou andar até os feirantes terem gasto muito dinheiro na construção de «stands», acaba de ser anunciado que o recinto será integrado na décima Exposição Europeia de Arte prevista para 1983.

A Exposição ficará distribuída por vários edifícios de Lisboa, com maior incidência na zona dos Jerónimos, designadamente Cordoaria, Mosteiro e Torre de Belém. O local que estava a ser preparado para a «feira popular», funcionará como centro de recepção, de turistas e técnicos, no quadro da Exposição Europeia de Arte.

Este novo aproveitamento do recinto foi decidido durante uma reunião efectuada ontem à tarde entre o Presidente da Câmara de Lisboa e o secretário de Estado da Cultura, conforme consta do comunicado conjunto divulgado no final.

As obras da feira, uma iniciativa da Junta de Freguesia de Belém (maioritariamente AD) e muito acarinhada por Krus Abecassis até às eleições legislativas, foi embargada pela Câmara lisboeta no final de Outubro, alegando que não se coadunavam com as características históricas da zona (entre a Praça do Império e a Afonso de Albuquerque).

A decisão tem sido largamente contestada pelos feirantes, não só pelo dinheiro que ali investiram, segundo dizem, nada lhes foi dito inicialmente sobre as características que deveriam ter os «stands».

No comunicado de ontem afirma-se que nas soluções a encontrar para o recinto se irá procurar «na medida do possível, considerar os problemas sociais já criados».

Os feirantes foram ao fim da tarde, recebidos na Câmara de Lisboa.

Extinto consulado em Salisbúria

Um diploma do MNE publicado no «Diário da República» dá por findo o Consulado-Geral de Portugal em Salisbúria com efeitos a partir de 1 de Julho passado.

Nessa data, ainda segundo o decreto, toda a sua existência foi transferida para a secção consular da Embaixada na mesma cidade do Zimbabwé (ex-Rodésia), incluindo os bens de Estado que lhe estão atribuídos e o respectivo activo e passivo.

Painel sobre Alqueva na Universidade de Évora

Na Universidade de Evora, sob a orientação do Núcleo do Sul da Associação Portuguesa dos Recursos Híbridos, foi realizado um painel com incidência sobre os aspectos culturais, ambientais e socioeconómicos da barragem do Alqueva.

Entre os assuntos abordados na reunião destaca-se o impacte, a nível ecológico e no património arqueológico do empreendimento, tendo sido ainda focados os custos e benefícios do regadio no Alentejo.

A propósito, o vice-reitor da Universidade de Evora, Santos Júnior, afirmou que o empreendimento do Alqueva continua a ser «objecto de estudo e reflexão, por parte de pessoas de domínios mais diversos e de variadas perspectivas». Referindo-se à realização tardia dos trabalhos, Santos Júnior fez questão em frisar que «essa situação nada tem a ver com a posições tomadas a nível governamental».

Além dos professores da Universidade de Evora participaram nureunião técnicos do IFADAP e da Hidroeléctrica Portuguesa.

Mudámos o padrão mundial de precisão mas o aperfeiçoamento não parou.

Seiko introduz
Uma nova linha de relógios de quartzo com mostrador duplo

O compromisso Seiko com a qualidade impecável e a total eficiência, produziu agora uma nova linha de relógios de quartzo com mostrador duplo, para cidade ou desporto. Uma dupla visão concebida para destacar todos os benefícios da leitura digital de zona horária dupla, alarme, cronómetro e calendário sem sacrificar o aspecto distinto dos relógios de quartzo Seiko tradicionais.
Venha vê-los nos Agentes Oficiais Seiko.

SEIKO

Um dia todos os relógios serão feitos desta maneira.

publitest

de ontem para hoje

Você sentiu abalo de quinta-feira à noite?

Sentiu a terra tremer às 21 e 39 de anteontem? Pois fica a saber que se tratou de um sismo (a terra a tremer, como popularmente se diz) com grau 3 da escala internacional e que foi sentido em Oeiras, Odivelas e Lisboa. Quer dizer: só as populações dessas três terras e em princípio nem todos os que em número aproximado do milhão habitam Lisboa e parte da cintura em volta, se terão apercebido do abalo que, segundo um comunicado do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica do aeroporto, teve o seu epicentro no mar, a 190 quilómetros a Oeste-Noroeste da capital. Todas as estações sismográficas do continente registaram o tremor de terra, o terceiro sentido este mês em Portugal. Esclareça-se ainda, e a propósito do abalo de quinta-feira à noite, que o grau 3 é sentido dentro de casa, sobretudo nos andares mais altos, e dentro das viaturas. Todavia, não é geralmente identificado como tremor de terra, uma vez que se assemelha mais à trepidação provocada pela passagem na rua de um veículo pesado.

Guimarães «viaja» para a Europa

Guimarães está desde ontem mais «próximo» da Europa. Foi o próprio ministro dos Transportes e Comunicações quem o revelou, ao falar para os jornalistas depois da inauguração do novo edifício dos CTT/TLP. Foi também Viana Baptista o primeiro a ensaiar esse passo em frente, essa «viagem» vimaranense para a Europa, ligando automaticamente para Londres, para o nosso embaixador na Inglaterra, Freitas Cruz. Desde ontem que Guimarães passa a ter ligações automáticas directas com onze países, assim como Braga, uma vez que ambas as cidades são o eixo da rede Braga-Guimarães. É a quarta ligação automática com aquele grupo de países, podendo agora os seus 21 mil assinantes ligar directamente para a Grã-Bretanha, RFA, Andorra, Bélgica, Espanha França, Lienchtenstein, Mónaco, Holanda, Suécia e Suíça. Até ao fim do ano, os assinantes de Setúbal terão também ligação directa internacional com aqueles países, e a Madeira no próximo ano. Orçou em 200 mil contos (segundo Norberto Pilar, presidente dos CTT/TLP) esta obra.

Filagro/80 abriu ao público

A Filagro/80 abriu ontem o público na FIL (Feira Internacional de Lisboa), como o «DL» avançara na passada terça-feira, quando o IV Salão Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação foi apresentado aos representantes da Comunicação Social. Um ministro (do Trabalho) e dois secretários de Estado (do Emprego e do Trabalho) percorreram demoradamente os vários corredores do certame e visitaram os respectivos «stands». Na Filagro deste ano estão patentes as últimas novidades nos campos da agropecuária e alimentação, e no primeiro caso um tractor-empilhador que desde o início atraiu a atenção de todos. O certame fecha em 23 do corrente. Hoje, a feira foi visitada por 400 agricultores, a convite da AIP e com a colaboração do BPA.

Veja a Guarda sempre a «atacar»

A Guarda, cidade e concelho, avançam a olhos vistos. Ficou sem a «Renault» como empório de fabrico, verá a «via rápida» passar-lhe ao lado, não tem qualquer Instituto Politécnico, mas é sempre notícia. Agora, acaba de aí ser formada uma sociedade de desenvolvimento com capital da Câmara e da Empresa Pública de Parques Industriais (EPPI), sociedade que passa a ter a sigla «SODIGA». Visa promover o desenvolvimento industrial da região. Entretanto prepara-se para aí (na zona industrial se instalar uma nova unidade de confecções e pronto a vestir, enquanto é referido que cerca de 2000 mil turistas utilizaram em Outubro o posto de informação da Comissão Municipal de Turismo da Cidade, no Largo da Sé, ao lado da CM), na sua maioria espanhóis (mas também franceses, alemães e ingleses), e se anuncia que amanhã, iniciativas de carácter cultural e religioso assinalarão o encerramento da **Semana dos Seminários**, sendo as cerimónias religiosas presididas pelo bispo da Guarda, D. António dos Santos.

Estuário do Tejo: biologia na «mesa»

Especialistas franceses no domínio do ambiente participam numa mesa-redonda sobre «Problemas Biológicos Ligados ao Estuário do Tejo» que a Comissão Nacional do Ambiente vai realizar no próximo dia 18. Assim, deslocam-se para o efeito a Lisboa, J.C. Hureau, subdirector do Museu Nacional de História Natural de Paris, Nicole Bourrier e Dominique Doumenque, especialistas do Laboratório de Biológia dos Invertebrados Marinhos daquele museu, e Girad Bellain e Denise Bellain, directores de investigação da Estação Marinha de Audôme, em Marselha. Esta mesa-redonda, que se efectua no âmbito das realizações do projecto do estudo ambientel do estuário do Tejo será moderado por Luís Saldanha, professor da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Engenheiros: Ordem tem novo presidente

Virgílio Teixeira Lopo é o novo presidente nacional da Ordem dos Engenheiros. Actualmente a exercer as funções de presidente do Conselho Geral da Centralcer – (ex-Sociedade Central de Cervejas, em Vialonga), Teixeira Lopo que é engenheiro químico foi o único candidato a apresentar-se ao acto eleitoral que ontem terminou em Coimbra. Virgílio Teixeira Lopo que é irmão do administrador-delegadod de «O Primeiro de Janeiro» em Lisboa, Teixeira Lopo, é um dos 250 elementos que solicitaram a Ramalho Eanes que se recandidatasse à Presidência da República, e um dos «notáveis» que para o efeito foram a Belém.

Crianças "ocupam" Câmara de Setúbal

Dezenas de crianças, oriundas dos arredores da cidade de Setúbal, (Alto da Guerra-Poço do Mouro), «ocuparam» o salão nobre da Câmara Municipal de Setúbal, no decorrer da última reunião do executivo da edilidade. Ostentando cartazes e com reivindicações no bolso, as crianças não foram à «Câmara fazer reclamações»: tratou-se mais da demonstração de abertura e tolerância dos principais responsáveis da autarquia setubalense que propriamente de um acto de protesto.

Foi, aliás, uma reunião com alcance «indesmentível». Porque o Executivo despachou publicamente inúmeros assuntos de interesse para os munícipes – a saber: autorizações para o Mercado do Livramento, regulamentação de uma minifeira de Natal, dossier habitação –, como ainda pelo profundo debate que as várias questões foram suscitando.

É aqui, deve dizer-se, que algumas forças adversárias da actual orientação da Câmara setubalense têm centrado as suas críticas. Segundo os porta-vozes dessas forças, o executivo perderia «tempo em demasia com debates que nada têm a ver com os problemas concretos dos munícipes».

Tanto quanto a nossa reportagem tem podido apurar, o sentimento dominante das populações é de sentido contrário. Advogam os moradores, os trabalhadores, aqueles que contactam mais de perto com a vida da Câmara, que os debates verificados no seio do executivo devem ser de carácter público, para que os cidadãos conheçam não apenas as decisões dos responsáveis camarários mas principalmente as motivações de natureza política e em muitos casos pessoais que determinam tais decisões. Ainda segundo a esmagadora maioria dos que são obrigados a recorrer à Câmara Municipal, «o que é importante é que saibamos porque é que a Câmara Municipal, «o que é importante é que saibamos porque é que a Câmara decide assim ou assado, e se existem forças a contrariar ou caluniar o espirito com que as coisas são feitas, é porventura porque estão mais interessados em não dar explicações aos munícipes».

Executivo: vereador xeque-mate...

Entretanto, reassumiu funções no Executivo da Câmara o fogoso vereador Tavares de Carvalho da AD, major na reserva que tem pautado a sua intervenção por um evidente espírito de obstrução. Agora, porém, Tavares de Carvalho viu-se desarticulado – uma nova distribuição de pelouros retirou-lhe o comando do sector cultural, em que o major-vereador se distinguiu, nomeadamente, pela «operação-museu de Setúbal», que consistiu em subtrair este importante instrumento da cultura local da alçada camarária, «passando-o», para a supervisão do Governo. O coro da AD não se fez, entretanto, esperar – segundo os representantes da direita, **a Câmara Municipal está a ser monopolizada pela APU e pelo PS.** Coisa que não corresponde à verdade, como se pode deduzir pelo depoimento de uma fonte afecta ao Partido Socialista:

«Se com monopolização se quer dizer que os homens da APU e do PS cumprem com os seus mandatos, regularmente e de mangas arregaçadas, então há monopólio. O que se não pode compreender é que existam forças que negam a maior das evidências e direitos: que as forças que são efectivamente maioritárias exerçam os seus mandatos sem exitações».

Tempos Livres

Voltando ao grupo de crianças que fez uma pacífica e bem humorada ocupação do salão nobre da Câmara Municipal. Tratou-se de uma forma **original e reveladora do respeito que existe pelo poder local,** como foi declarado à reportagem do «DL» por um dos organizadores da iniciativa, destinada a fazer sentir à Câmara a necessidade de criar condições para a instalação de uma «verdadeira organização de tempos livres das crianças no Bairro do Alto da Guerra e do Poço do Mouro».

A manifestação teve resultados imediatos – Francisco Lobo, Presidente do Executivo, membro da APU, declarou ainda durante a reunião que a presença dos jovens, de viva voz, seria fatalmente considerada nos planos da Câmara.

Se o episódio, em si, não tem significado por aí além em termos de representatividade, o certo é que confirma, por um lado, o espirito de abertura e cooperação do executivo, e a sua efectiva ligação com as populações, por outro abre a porta para um modelo de participação dos cidadãos na vida das autarquias até agora inexperimentado. **Muitas destas crianças** – dizia para a reportagem do «DL» uma educadora infantil setubalense – vão decerto ficar sensibilizadas para o que se passa no interior de uma Câmara Municipal. Penso mesmo que se trata de um hábito, a cultivar. Se grupos diversificados de cidadãos, crianças ou adultos, repetirem esta experiência das crianças do Alto da Guerra, sem dúvida que a própria Câmara terá a sua vida facilitada e a sua função melhorada».

Comerciantes especuladores nas malhas da fiscalização

Penas de prisão em alternativa de multas, que vão de três mil a 51 mil escudos, foram aplicadas pelos tribunais a comerciantes que pretendiam vender produtos impróprios para consumo, entre 31 de Outubro e 3 de Novembro.

A Direcção-Geral de Fiscalização Económica levou a tribunal José Pires Correia, proprietário de uma mercearia de Lisboa, que foi condenado a 51 mil escudos de multa ou, em alternativa, 339 dias de prisão, por comercializar carne de porco proveniente de matança clandestina

Por seu turno, Manuel Joaquim de Oliveira, sócio-gerente da firma «Manuel Oliveira e Afonso Reis» também de Lisboa, foi condenado em 20.000 escudos de multa ou 333 dias de cárcere, por ter no estabelecimento produtos impróprios para consumo. Este condenado ficou com a pena suspensa por três anos.

Carlos Acácio Dias, responsável por um restaurante da capital, foi sentenciado ao pagamento de 10.000 escudos de multa ou prisão alternativa de 66 dias de prisão, por possuir nas despensas géneros impróprios para consumo.

Outros dois casos, estes por especulação, levaram a tribunal Leopoldina de Jesus Alves, que vendia bananas a preços acima da tabela, e Justino Pereira de Matos, que procedia de forma idêntica, vendendo sanduíches.

Estes dois prevaricadores foram condenados, respectivamente, a 5000 e 3000 escudos de multa, ou 40 e 10 dias de prisão, em alternativa.

APRENDA AGRICULTURA por correspondência

O País precisa de maiores e melhores colheitas. A sua fazenda, o seu terreno necessitam de serem melhor trabalhados. Você, que é agricultor ou que o deseja ser, precisa conhecer as **MODERNAS TÉCNICAS AGRÍCOLAS E DE CRIAÇÃO DE ANIMAIS. O MAIS MODERNO CURSO DE AGRICULTURA CCC**, que pode estudar em casa, suavemente e com facilidade, ensina-lhe como obter maiores lucros com menores despesas.

OUTROS CURSOS CCC
- Electrónica, Rádio e Televisão
- Guitarra
- Cabeleireiro
- Corte e Confecção
- Puericultura

2 MILHÕES DE ALUNOS em 93 países.
317 especialistas asseguram assistência aos seus estudantes.

Peça folheto ilustrado GRÁTIS, recortando o cupão e indicando o curso do seu agrado

CCC PORTUGAL
EURORADIO - Av. Manuel da Maia, 32
1096 - Lisboa Codex Tel. 54 35 63
QUEIRAM ENVIAR-ME INFORMAÇÕES SOBRE O CURSO DE:
NOME
MORADA
LOCALIDADE
AG2/DL

Solidariedade com os povos da América Latina

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, no salão de «A VOZ DO OPERÁRIO», uma sessão de solidariedade com os povos em luta da América Latina na qual usarão da palavra Cristobal, da Frente Democrática e Revolucionária de El Salvador e Óscar Sarjins, secretário-geral da Confederação Operária da Bolívia (C.O.B.), e um representante da Resistência chilena.

Seguir-se-á uma parte artística na qual actuarão os portugueses Zeca Afonso, Luís Cília, José Mário Branco, José Fanha e o latino-americano Quintin Cabrera.

VENDE-SE MORRIS 1000 CLUBMAN

Jantes Especiais e outros Extras.

PODE SER VISTO NA R. CASTILHO, 185-D.

PUB

Federação dos Sindicatos das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Vidro de Portugal

Considerando que a Posição tomada pelo Representante da Empresa Normax à mesa de negociação não atinge expressão que permita antever a possibilidade de acordo.

Considerando o esforço feito pela C.N.S. no sentido de tornar mais célere o processo de negociação em curso.

Nomeadamente apresentando propostas para a tabela salarial que apenas levaram em conta a reposição do poder de compra.

A Federação usando o mandato conferido pelos trabalhadores emite o seguinte.

PRÉ-AVISO DE GREVE

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

À EMPRESA NORMAX

Fábrica de Vidros Científicos Ld. Em cumprimento do disposto no Art.º 5 da Lei 65/77 comunica-se que os trabalhadores da Empresa Normax representados pelo Sindicato dos T. da I. Vidreira paralisam no próximo dia 19/11/80 4 horas com início às 08.00 em luta pelas novas tabelas salariais.

O Secretariado

Tribunal de Polícia

O brinquedo roubado

O juiz deu a sentença – 30 dias de prisão com pena suspensa por três anos. Depois fez o sermão: roubar é crime, não devemos querer o que não nos pertence, o património alheio é para respeitar, etc.

Tudo poderia estar muito certo se efectivamente no nosso país os direitos de adquirir bens que nos passem a pertencer fossem iguais para todos. No entanto, quando um homem rouba um brinquedo no valor de 433$60 e tem dois filhos, quem pode julgar, do ponto de vista moral o seu acto? O juiz considerou existirem circunstâncias atenuantes e nenhuma agravante, provavelmente porque não esquece que já foi criança e entendeu o drama de um pai que o quer ser em toda a sua dimensão e não encontra outra forma para dar brinquedos aos seus filhos, que não seja roubando.

«Porque fez isso homem?», foi das poucas perguntas que o juiz lhe fez. A resposta saiu tímida e amargurada «foi mais a tentação, sr. juiz». «Queria o brinquedo para dar aos seus filhos, não é verdade?», e o homem de 28 magros anos, abana a cabeça afirmativamente.

Na assistência a mãe do réu, cabeça branca, agarrada a uma mala velha onde diz ter o dinheiro para pagar todas as despesas que o filho terá que liquidar, para sair em liberdade, murmura de lágrimas reprimidas, tremendo «tem dois filhinhos, são pequeninos» e levanta-se «posso falar senhor juiz?». «Não pode não senhor», «oh senhor juiz é que o meu filho...» e acaba por se sentar, deixando as lágrimas correr. O filho está de pé, cheio de tiques, olhando fixamente o juiz, a pensar possivelmente nos filhos, sem brinquedos, a crescerem depressa demais.

Roubar é crime. Certo, mas não será ainda mais criminoso assistir-se a uma infância despojada das possibilidades do imaginário, sem um mundo de brinquedos, com a fome diariamente a apertar, sem evasão? Uma vez um amigo contou-me que quando era criança roubava os seus brinquedos, «sabes é que os meus pais não mos podiam comprar e eu achava que tinha tanto direito como os outros miúdos lá da rua». E continuou explicando-me que os seus brinquedos tinham um valor incalculável porque lhe eram difíceis de obter, custavam-lhe a conseguir como a nenhum dos seus amigos, que o amor que lhes tinha era muito especial, como se tivesse trabalhado para os conseguir. «Um dia meti na cabeça que havia de ter uma bicicleta e roubei uma. Andei uma semana com ela, só que depois fui descoberto e foram-ma buscar a casa. Os meus pais decidiram juntar dinheiro para ma comprar, mas eu não quis porque perdia todo o interesse ter um brinquedo que não me custasse nada».

Pode haver quem pense que um brinquedo não é algo de indispensável, «ainda se fosse comida» dirão, mas na verdade quem se lembra dos seus tempos de criança sabe bem o mundo incrível que um brinquedo dá, e esse mundo é um direito imprescindível.

Gulomar Belo Marques

Inventores portugueses em Genebra e Bruxelas

Um grupo de criadores portugueses vai dividir os seus catorze inventos pelos salões internacionais de invenções e técnicas novas de Genebra e Bruxelas.

Tal deve-se ao facto de os salões se realizarem este ano nas mesmas datas: o de Bruxelas principia a 27 de Novembro e o de Genebra a 29, prolongando-se ambos até 7 de Dezembro.

O presidente do Conselho Directivo da Associação Portuguesa de Criatividade, disse à ANOP que «a actividade inventiva em Portugal já vai recebendo alguns apoios, embora numa escala muito reduzida comparativamente ao que se passa noutros países onde merece uma atenção muito especial dos governos».

«A cooperação existente entre a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial e ainda do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas é muito oportuno no momento em que Portugal se prepara para enfrentar a esmagadora competitividade da CEE» – acrescentou Humberto Duarte Fonseca.

A Associação Portuguesa de Criatividade, com cerca de duzentos associados conta com centros que reúnem inventores e promovem a criatividade inventiva e de inovação e com um centro de inovação para deficientes, bem como um centro juvenil de criatividade para jovens até 25 anos.

O inventores portugueses já conquistaram diversas medalhas em salões internacionais.

A Associação conta ainda com a revista «Inventiva».

Um colchão ortopédico, um apagador aspirador, medalhas de ouro e bronze, respectivamente, no salão de Genebra e um sistema granulador cónico hidráulico, medalha de ouro e grande prémio do júri em Bruxelas são alguns dos inventos portugueses neste momento alvo de atenções de empresas portuguesas e estrangeiras com vista à comercialização.

Família portuguesa assassinada em França

Quatro dos cinco membros de uma família portuguesa emigrada em França foram assassinados em Grigny, perto de Lyon, escapando apenas o chefe da família, Norberto Rocha. As vítimas do massacre foram Laura Rocha, de 40 anos, e os três filhos do casal, António, de 18 anos, Maria, 15, e João Filipe, 9.

Na origem do crime, cometido por Carlo Romeni, um electricista italiano de 34 anos, esteve uma ligação amorosa entre Annie, a mulher de Romeni, e o jovem António. O caso tinha-se passado já há um ano e estava terminado mas as relações entre Carlo Romeni e sua mulher nunca se recompuseram.

Romeni costumava agredir Annie, tendo-lhe partido a cana do nariz, e na véspera do crime tentou estrangulá-la quando ela lhe anunciou que estava disposta a pedir o divórcio.

Desvairado, Romeni, decidiu então vingar-se de António, que considerava responsável pelo fracasso do seu casamento. Armado de uma pistola dirigiu-se a casa da família Rocha, que dormia, e arrombou a porta. António foi o primeiro a tombar, crivado de balas, e enquanto o pai correu a pedir auxílio aos vizinhos, Romeni continuou a disparar, matando Maria, João Filipe e a mãe das crianças.

Mais tarde, ao entregar-se à Polícia Romeni não soube explicar porque matou os outros membros da fáilia.

O massacre deixou consternados os emigrantes portugueses da região, onde a família Rocha era muito estimada. Norberto Rocha, o único sobrevivente, pensa abandonar a França e regressar a Portugal.

Segurança social

Governo regulamenta prestações a não beneficiários contributivos

As pessoas que não beneficiam de regimes de natureza contributiva nos casos da atribuição das prestações do esquema da segurança social têm essa situação regulamentada. Contudo, o decreto regulamentador só terá efeitos a partir de 31 de Dezembro próximo, segundo o «Diário da República».

O diploma 160/80 de 27 de Maio definia genericamente as condições de acesso ao esquema de prestações de segurança social e não beneficiários dos regimes de base contributiva, mas deixava em aberto a regulamentação de questões de pormenor necessárias à sua execução. O presente diploma dos Ministérios das Finanças e do Plano tem o mérito de as regulamentar.

Há aspectos e soluções remetidas para a rotina administrativa, do mesmo modo que aos organismos gestores é deixada certa margem de manobra quanto a diversos procedimentos a adoptar. No que concerne ao problema da inscrição o diploma avança com soluções inovadoras.

Amigos de jóias alheias

Objectos de ouro no valor aproximado de 500 contos desapareceram da residência do seu proprietário, José Henrique Bertrand Fernandes, na Rua Manuel Múrias, 14, em Lisboa.

Os amigos do valioso, que não precioso metal, entraram na habitação depois de terem arrombado a fechadura da porta, e desprezarem todos os restantes valores em existência no local, como já vem sendo hábito nestes últimos tempos. A Judiciária acrescenta à longa lista de furtos jóias mais este, e outros se lhe seguirão, pois as facilidades de transacção deste género de artigos parecem serem cada vez maiores.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

Alfredo - Bigouette

Cabeleireiro·Coiffeur·Hair Stylist

Membro da Haute Coiffeure Française

Boutique-Perfumaria

XXIV ANOS

AO SERVIÇO DA BELEZA

CHIADO LISBOA

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

VAI HAVER FALTA DE BACALHAU?

Os 320 trabalhadores de terra da SNAB estiveram em greve nos passados dias 3, 10 e 11 de Novembro, sempre com uma adesão que rondou os 100%.

A sua luta é por um aumento salarial, que a própria Comissão Administrativa da SNAB considera justo e inevitável — mas que o Sr. Secretário de Estado das Pescas, até agora, não autorizou.

As tabelas contratuais em vigor datam de Janeiro de 1977:

Naquela data **todos** os trabalhadores de terra da SNAB ganhavam acima do salário mínimo nacional sendo os salários mais baixos de 7500$00 e o salário mínimo nacional de 4500$00.

Hoje, **75%** dos trabalhadores de terra da SNAB ganham apenas o salário mínimo nacional!

Esta evolução diz tudo quanto à degradação do seu poder de compra: contudo, apenas estão pedidos acréscimos que, globalmente, representam 15,6% o que, para a esmagadora maioria dos trabalhadores, se traduzem em, apenas, 1500$00 mensais...

A justeza da posição dos trabalhadores de terra da SNAB é evidente — só não a quer ver, de resto, o Sr. Secretário de Estado das Pescas que continua, inexplicavelmente, a não dar qualquer resposta.

Por isso vai haver novas greves na SNAB a partir de 18 de Novembro.

O prolongamento desta luta vai levar, inevitavelmente, à falta de bacalhau no mercado — contudo, desde que as razões dos trabalhadores sejam aceites pelo Sr. Secretário de Estado, como já o foram pela Comissão Administrativa da SNAB, tal inconveniente será superado.

Os trabalhadores de terra da SNAB estão convictos de que a população em geral, perante a verdade dos factos, compreenderá que os inconvenientes da sua greve são da exclusiva responsabilidade do Sr. Secretário de Estado das Pescas.

13 de Novembro de 1980

A DIRECÇÃO

Jogadores "fora de série" criam um verdadeiro pânico nos casinos de Macau

Os donos dos casinos de Macau estão a entrar em pânico por causa de seis jovens americanos e um austríaco que já os «aliviaram» de 100 000 dólares e ameaçam fazer «saltar a banca», uma vez por todas, nas mesas de jogo de «Black-Jack».

Os sete jogadores – cinco homens e duas mulheres, todos com menos de 30 anos – não escondem de resto, e é bom que se saiba o seu jogo. Apesar da angústia dos directores e do vento de pânico que fazem soprar sobre as mesas de jogo, recusam-se a abandonar como lhes é solicitado, excepto se Stanley Ho, o director do «Lisboa», o mais importante dos quatro casinos de Macau, aceitar o seu desafio, jogando com eles uma partida no valor de 200 000 dólares norte-americanos.

Porém, Stanley Ho nem sequer os quer ouvir. Recusou o desafio e apenas procura, tal como os colegas, desembaraçar-se deste «pesadelo» formado por sete jogadores com demasiada sorte, aos quais acusa de pertenceram a uma «lista negra» internacional de jogadores profissionais já afastados dos principais casinos do mundo.

Ho chegou já a fazer uma proposta ao grupo: comprometeu-se a pagar-lhes os bilhetes de Macau para Las Vegas, em primeira classe, bem como as despesas de estadia, caso consigam estar 24 horas em Las Vegas sem serem expulsos dos locais de jogo.

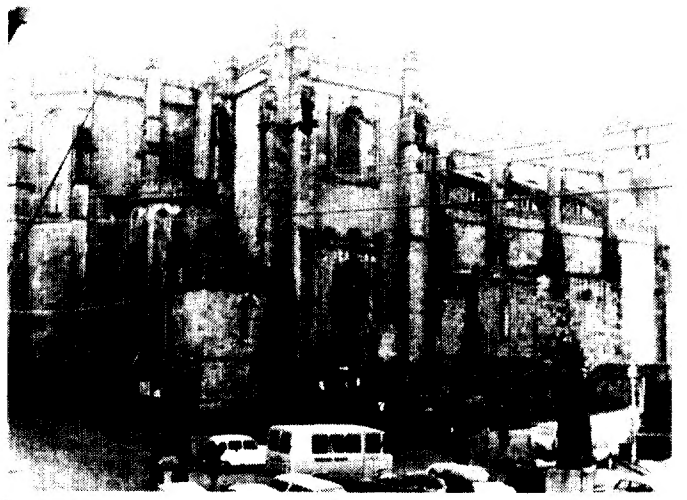
Contudo, o porta-voz do grupo Gabriel Tirado, um californiano de 29 anos, com um riquíssimo anel num dos dedos e pontiagudas botas de vaqueiro americano nos pés, recusou a oferta, ameaçando mesmo abrir em Macau uma «escola de formação» de «Black-Jack», caso a entrada nos casinos vier a ser-lhes interdita.

O caso torna-se bastante mais difícil de resolver devido ao facto de a legislação de Macau não proibir o jogo aos profissionais, pelo que a única saída para os directores dos quatro casinos seria a de conseguirem provar que os sete jogadores fazem batota.

Porém, até agora, toda a vigilância se mostrou vã. E os directores dos casinos – que, como todos os seus «colegas», gostam muitíssimo de ganhar e pouquíssimo de perder – estão a passar um péssimo bocado: por inúmeras vezes já, tiveram de assistir, de coração destroçado, às idas e vindas, entre uma e outra mesa, de uma das raparigas do grupo, que vai ganhando milhares de dólares em escassos minutos e parte com todo o à-vontade. A referida jogadora até já possui um vestido próprio para estas «grandes ocasiões»: algo que lembra os fatos espaciais, cheio de braceletes e diamentes.

O impasse chegou a tal ponto que o caso já foi levado ao próprio governador de Macau, Melo Egídio, que regressou na quarta-feira de Lisboa. Melo Egídio classificou o caso de «delicado», embora se afirme que o governador está disposto – ou pelo menos desejoso – a resolver o caso tão depressa quanto possível.

Os directores dos casinos, tão habituados a enriquecer, estão agora sujeitos a comoções cada vez mais fortes. Será que aguentarão?



É cada vez pior o estado de conservação da Catedral da Guarda

Tem vindo a agravar-se progressivamente o estado de conservação da Catedral da Guarda. Entre diversas razões aquela que mais preocupa grande número dos habitantes daquela cidade é o derrube eminente de algumas das suas abóbadas.

Após um tremor de terra que se verificou na região há cerca de 10 anos, o templo ficou seriamente danificado, com a abertura da junta nas pedras que constituem as abóbadas mais altas. Posteriormente efectuaram-se obras de reparação que se revelaram, no entanto, insuficientes. O perigo de ruína obrigou a Direção de Conservação dos Monumentos Nacionais, a impedir o acesso do público, aos terraços superiores.

Simultaneamente ao já atrás exposto, tem-se igualmente verificado infiltração de água das chuvas nas paredes da Catedral, cuja causa se pensa ser o alastramento de musgos e outras plantas de acentuada acção erosiva.

Este templo construído em granito e que se encontra actualmente em grave estado de degradação, contava já com algumas estruturas concluídas nos finais do século XIV.

No seu interior encontram-se diversas sepulturas de cónegos e bispos fundamentalmente da época romântica. O último enterro que ali se verificou, foi em 1903.

Vários autores se serviram da Catedral da Guarda como tema para crónicas, livros, estudos e obras poéticas, destacando-se de entre estes: Watson, Rosendo Carvalheira, Tomás Ribeiro, Santana Dionísio, Gama e Castro e Sousa Viterbo.

Relançamento do Termalismo vai ser debatido na Curia

A situação actual do termalismo português caracteriza-se por uma oferta desadequada às novas exigências e tendências do turismo moderno e da procura especificamente termal, afirmam em síntese Lícinio Cunha e Nunes da Silva, em dois documentos de trabalho a apresentar à reunião que se realiza na Curia a 22 e 23 deste mês, e destinada a relançar o termalismo em Portugal.

A iniciativa é da Associação Nacional dos Industriais de Águas Minero-Medicinais e de Mesa e surge na sequência das Jornadas de Termalismo do passado mês de Maio e do Congresso da Federação Internacional do Termalismo e Climatismo (FITEC) realizado em Outubro, destinando-se a «Não deixar arrefecer o entusiasmo gerado, nem perder o esforço intelectual e material investido».

A estagnação dos investimentos no sector, o fraco aproveitamento da capacidade de oferta instalada e a evolução favorável da procura efectiva e das perspectivas no domínio da procura potencial, caracterizam, no entender daqueles dois especialistas, o termalismo no nosso país.

A situação concreta é, pois, a de um círculo vicioso que só poderá ser ultrapassada pela adopção de medidas de carácter global, que vão desde o domínio financeiro á promoção e criação de mecanismos de atracção da procura, afirmam ainda. No entender dos industriais, por outro lado, interessa igualmente alargar essa procura às épocas consideradas fora da estação, o que terá de ser acompanhado do lançamento de infra-estruturas de apoio.

Cabo Verde quer vender a Portugal cinco mil toneladas anuais de banana

Cabo Verde solicitou a concessão de licenciamentos para a importação, por Portugal, de um máximo de 5000 toneladas de banana por ano – informou a ANOP, citando uma fonte oficial.

O pedido cabo-verdiano foi formulado na reuniÇão da Comissão Mista de Cooperaão Luso-Cabo-Verdiana, que decorreu de 5 a 10 de Novembro na cidade da Praia.

Várias dezenas de missões técnicas foram solicitadas a Portugal, praticamente em todos os domínios da actividade e da vida do arquipélago, segundo os protocolos da reunião.

No domínio da agricultura e do desenvolvimento rural, missões portuguesas irão a Cabo Verde cooperar nos sectores da geomorfologia, na análise da aguardente de cana e do vinho da Ilha do Fogo e da elaboração da carta fitogeográrica do arquipélago.

Uma exposição ou exposição-venda de livros portugueses será organizada em Cabo Verde em 1981 e uma missão cultural portuguesa aconselhará acções urgentes de cooperação neste sector.

Uma missão de média duração, chefiada pelo professor Mesquitela Lima, da Universidade Nova de Lisboa, deverá começar em 1981, na Ilha de Santo Antão, uma operação voltada para a recolha da tradição oral e outros fenómenos de cultura popular do arquipélago de Cabo Verde.

Portugal poderá prestar apoio à alteração de metodologia do ensino do português como primeira língua estrangeira em Cabo Verde a partir do primeiro ano da escolaridade básica elementar.

A criação de um curso de equiparação, de auxiliares sociais a assistentes sociais, talvez para todos os países africanos de expressão oficial portuguesa, poderá ter a assessoria técnica de especialistas portugueses.

A concessão anual por Portugal de 250 bolsas de estudo e de estágio de aperfeiçoamento profissional deverá estender-se ainda no próximo ano, à formação de agentes da Polícia Judiciária e à habilitação profissional de paramédicos.

Treinadores de futebol e de ténis e um árbitro de futebol farão deslocações a Caboi Verde para apoio das estruturas desportivas em fase de implantação.

Também uma missão da Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações aconselhará a empresa pública de transportes colectivos terrestres de Cabo Verde (TRANSCOR), na organizaçso da exploraçáo, manutenção e gestão de «stocks» e na escolha do tipo de material circulante.

TAP esclarece o encerramento das linhas para Boston e Montreal

A polémica suscitada pelo encerramento das linhas da TAP – Air Portugal para Boston e Montreal levou aquela empresa a esclarecer e precisar publicamente o sentido das medidas tomadas.

No que se refere à linha de Lisboa para Boston, e nos termos do «Plano Táctico e Enquadramento Estratégico até 1984», que serviu de base à elaboração do Acordo para o Saneamento Económico e Financeiro (ASEF) assinado entre o Estado e a TAP-Air Portugal em 16 de Setembro de 1980, «a exploração do feixe de linhas da transportadora nacional entre o nosso País e os Estados Unidos, deverá centralizar-se num único aeroporto de destino – o aeroporto John Kennedy, em Nova Iorque. Esta decisão não anula a operação dos serviços de Lisboa para os EUA, via aeroporto da Terceira, nos Açores, que será mantida, embora com terminais em Nova Iorque, em vez de Boston».

A melhoria das condições económicas da exploração da TAP nas suas linhas para o Canadá passa, por seu turno, pelo «acesso da transportadora nacional ao aeroporto de Toronto, que serve uma das maiores concentrações da comunidade portuguesa naquele País». Até hoje «tal acesso não tem sido permitido à TAP», esclarece a empresa. «A manter-se inalterada esta situação, a continuidade do esquema de voos que vem sendo operado entre Lisboa e Montreal – directamente e via Açores – muito dificilmente poderá encontrar justificações em termos estritamente empresariais».

Só em atenção aos graves inconvenientes que adviriam para Portugal e para a comunidade portuguesa radicada no Canadá, «da supressão total das linhas do Canadá exploradas pela TAP, se mantém a operação daquelas linhas no decurso do período IATA de Verão de 1981, no pressuposto de que, entretanto, se esclareça definitivamente e em tempo útil, a viabilidade da TAP poder vir a utilizar o aeroporto de Toronto nos seus serviços para o Canadá ainda durante aquele período, ou posteriormente».

Barragem no rio Ocreza

Uma barragem com a capacidade aproximada de 40 milhões de metros cúbicos vai ser construída no curso superior do rio Ocreza, no distrito de Castelo Branco.

A barragem destina-se a abastecer, com cerca de dez milhões de metros cúbicos anuais de água, a cidade de Castelo Branco e povoações vizinhas, e à irrigação de 2500 hectares de terras destinadas à agricultura.

As obras, que se prevê tenham início na próxima Primavera, estão orçadas em quinhentos milhões de escudos, prevendo-se também a construção de uma albufeira com a superfície de quinhentos hectares.

O consumo anual da cidade de Castelo Branco ronda um milhão de metros cúbicos anuais de água, datando de 1933 a actual rede de abastecimento.

A barragem vai localizar-se junto da ponte da Marateca, nas proximidades da freguesia de Lardosa.

O primeiro projecto para abastecimento de água a Castelo Branco data de 1845, através de uma conduta, na serra da Gardunha.

Este projecto, no entanto, só viria a concretizar-se em 1933, tendo na altura, a captação a capacidade de fornecimento de 300 mil metros cúbicos.

Em 1963, o abastecimento de água a Castelo Branco foi reforçado com a ligação das condutas da barragem do Pisco, em São Vicente da Beira, com a capacidade de 1,4 milhões de metros cúbicos anuais, e da estação elevatória do Lirião.

Faleceu Francisco Galacho

Faleceu Francisco Galacho, membro do Conselho Directivo da Associação Portugal-URSS, a cujo progresso dedicou grandes esforços nos últimos anos da sua vida.

Francisco Galacho era um democrata consequente e sincero amigo do povo soviético.

Companhia Portuguesa Rádio Marconi
o simbolo novo da comunicação renovada
CPRM telecomunicações internacionais

Em 1979

A União de Bancos canalizou para Portugal 14 por cento das remessas de emigrantes

A União de Bancos Portugueses canalizou durante o ano passado para o circuito económico nacional 16 milhões de contos como remessas de emigrantes, ganhando uma cota no volume global das remessas, na ordem dos 14% e revelando um crescimento de 36,7% em relação a 1978.

A maior parte desta actividade da UBP foi exercida na França, país onde tem uma cota de mercado entre os emigrantes portugueses de 24%. Este facto terá incentivado os propósitos de abrir na capital francesa, a muito curto prazo, uma sucursal da União.

Estes dados constam do Relatório e Contas de 1979, em que se pode verificar, também que os depósitos totais na UBP, em 1979, atingiram os 69 milhões e 800 mil contos, enquanto esta instituição bancária – resultante da fusão de três importantes bancos – concedeu créditos de 127 milhões de contos. O saldo do crédito atinge quase os 61,5 milhões, contra 50 milhões no ano anterior.

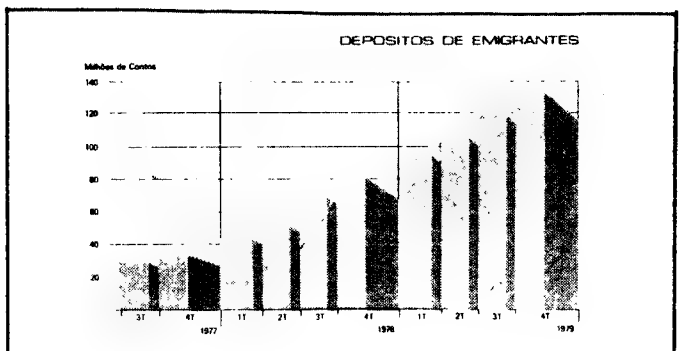
O resultado do exercício foi de 35 750 mil contos, quando em 1978 fora de 15 mil. O lucro de exploração, feitas as provisões (721 mil) e amortizações (114 mil) situou-se em, praticamente, 40 mil contos sendo o «cash-flow» assim gerado talvez inferior ao que o movimento do banco poderia proporcionar dada «a procura de equilíbrio empresarial e a continuação das acções visando a consolidação da fusão», como acentua o Conselho de Gerência, no seu Relatório.

Aliás, a consolidação da fusão e a extrema complexidade do seu processo dominaram os dois últimos anos da actividade da UBP, impedindo a expansão que está ao seu alcance dada a implantação no território e a posição ocupada nos circuitos da economia portuguesa.

Este processo «não se encontra ainda inteiramente concluído», sublinha o relatório de 1979, admitindo-se, no entanto, que «os próximos anos de actividade da UBP sejam mais intensamente virados para a sua crescente afirmação como empresa inserida no sector público, empenhando-se constante e activamente na procura da melhoria dos serviços que presta e das indispensáveis condições de rendibilidade empresarial».

Em 1979 a UBP continuou a sua expansão geográfica interna passando dos 98 balcões, quando da fusão, para 116, devendo ser abertas, até ao final deste ano, 130.

Os depósitos subiram no ano passado em cerca de 44%, mormente pelo crescimento acelerado dos depósitos a prazo, ocupando neste momento uma fatia de 9,5% dos depósitos totais no sistema bancário português.



A captação da poupança dos emigrantes portugueses em França foi uma das actividades mais bem sucedidas da UBP no ano passado, elevando-se até quase aos 140 milhões de contos os depósitos actuais das contas-emigrantes

O crédito (127 milhões de contos) foi concedido com prioridade às indústrias transformadoras (57%) seguindo-se o comércio (24%). De qualquer modo, por força da política definida pelo Ministério das Finanças, o crédito não acompanhou o ritmo de crescimento dos depósitos.

O Relatório e Contas da União de Bancos Portugueses faz parte integrante de um volume, luxuosamente apresentado, em que se destacam um estudo da conjuntura económica internacional, a história e perspectiva das negociações de adesão de Portugal à CEE, e ainda, reproduções de obras de Vieira da Silva, Nadir Afonso e Zadkine.

Em 10 meses

Investimento estrangeiro atingiu os oito milhões de contos

O investimento estrangeiro em Portugal, desde Janeiro deste ano, atingia em Outubro os oito milhões de contos, representando quase metade das entradas líquidas de divisas, informou o director da delegação do Porto do Instituto de Investimento Estrangeiro, Silva Pinto.

Este investimento provém em mais de metade (55%) dos países da CEE. 20% foi mobilizado por países da EFTA e sete por cento dos Estados Unidos. Cerca de um terço foi canalizado para a Regiao Norte, com aplicação privilegiada na metalurgia de base, fabricação de máquinas e indústria têxtil.

Mas não é só do dinheiro e do interesse dos capitalistas estrangeiros que terá de alimentar-se a actividade económica em Portugal. O secretário de Estado do Tesouro afirmou num seminário realizado em Lisboa, sobre a experiência britânica de financiamento às exportações, que o crescimento anual do investimento nacional não poderá abrandar nos anos mais próximos como condição para o desenvolvimento económico e social.

Para o conjunto deste ano o Governo prevê um crescimento de seis por cento no investimento produtivo.

Acentuando a grande importância do investimento na perspectiva governamental, o secretário de Estado disse ser necessário recorrer ao crédito externo, «mas de forma selectiva».

Banco Totta e Açores em 1979

Lucros de exercício de 70 mil contos e aumento de 57 por cento nos depósitos

O resultado do exercício do Bancco Totta & Açores em 1979, feitas as provisões e amortização (740 mil contos) saldou-se em 70 727 contos o que terá constituido, segundo a administração do Banco, «apreciável reforço do prestígio interno e externo desta instituição com mais de um século de existência».

O BT & A apresenta também como uma das suas actividades mais conseguidas, os esforços para a captação da poupança pública e privada. Dessa actividade resultou um aumento dos depósitos no banco na ordem dos 57 por cento, sendo 78 milhões de contos fruto de poupança interna e as restantes maioritariamente dos emigrantes.

A parcela mais importante do aumento nos depósitos coube aos depósitos a prazo, de acordo com a tendência sentida em todos os bancos e alimentada pelas altas taxas de juro que lhe correspondem; mas segundo o Relatório e Contas de 79, a própria situação dos depósitos à ordem «continua a ser das mais favoráveis no conjunto dos bancos comerciais, com uma certa recuperação sentida a partir de meados do ano.

O Banco Totta & Açores concedeu um volume elevado de crédito durante o ano, ascendendo o saldo respectivo, no final de Dezembro a cerca de 62 milhões de contos. O ritmo de crescimento de créditoa acentuou-se, sobretudo no último trimestre, o que é apontado como «retoma significativa da actividade económica».

Para além destas actividades clássicas da banca, exercidas pela centenária instituição, o Totta revelou, uma grande actividade no mercado externo, nomeadamente pela liderança no mercado internacional de três empréstimos a médio e longo prazo destinado a financiar grandes empresas portuguesas: TAP e CNP e a participação como «manager» noutras operações a favor da Petrogal e da Quimigal.

O BT & A participou, também, num empréstimo à República Portuguesa e em cerca de outros 20 empréstimos a diversos países. O Conselho de Gestão destaca, ainda, como actividades importantes, a nível internacional, no ano transacto, as «ligações muito especiais» com os bancos centrais da Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

"A EFICIÊNCIA NÃO TEM FRONTEIRAS."

O nosso dia de aluguer tem 24 horas. Diga-nos apenas quando começa. 8 da noite, 8 da manhã, ou .... no intervalo.

Experimente e verá!

iR interRent

interRent

Organização internacional de aluguer de automóveis

CENTRAIS DE RESERVAS: Lisboa ☎ 32 35 47 · Porto ☎ 38 19 64 · Faro ☎ 2 47 63/64
ALBUFEIRA · CASCAIS · COIMBRA · ERICEIRA · ESTORIL · LAGOS · MONTE GORDO · PÓVOA DO VARZIM · PRAIA DA ROCHA · QUARTEIRA · TAVIRA · VILAMOURA

Consulte o seu Agente de Viagens

DOLLAR interRent DOLLAR iR rent-a-car system

seja independente!

trabalhe no que é seu

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PUBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL
☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peça o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS

DL 22

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

CEC - ÁLVARO TORRÃO * Radio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 1096 LISBOA Codex Telef. 54 31 36

Reportagem

O que é, de facto,

Romance a vários tempos da

Muitos serão os que ouviram falar do atropelamento de uma militante da FRS, durante a última campanha eleitoral, pela mulher do presidente da Câmara de Celorico da Beira.

Outros, mais atentos e de boa memória, terão lido na imprensa que um presidente da câmara mandara derrubar, em Agosto do ano passado, em Carvalheda (Celorico da Beira), um coreto erguido pelo povo do lugar através de subscrição pública e trabalho voluntário, só porque não lhe agradavam as suas linhas estéticas.

Poucos portugueses conhecem, mas em Celorico da Beira vive-se, um dos exemplos disponíveis de modelo de sociedade AD. A AD governa com maioria absoluta há cerca de quatro anos. Aí se vive, segundo alguns, um clima mais opressivo do que antes do 25 de Abril.

E o seu presidente, o exemplo meio tragicómico, meio absurdo de tiranete de bolso, chama-se Carlos Faria de Almeida que também foi deputado eleito pela AD à última Assembleia da República e tem histórias que, por ferirem gravemente os parâmetros do acreditável, merecem ser contadas.

Na região é já conhecido por «imperador Bokassa» e há quem o conheça da Assembleia da República, pelas suas escassas e pouco criteriosas intervenções, como «o nabo da Beira».

Apenas um pequeno exemplo prévio do clima que se vive em Celorico da Beira: Numa sessão da Assembleia Municipal um dos poucos membros do Partido Socialista, Viçoso Ferreira, fazia uma intervenção sobre a política seguida e orientada pelo actual presidente da Câmara. Do lado, um dos deputados da AD, dizia em voz alta: «Estes senhores só estão aqui para chatear. Deviam mas era ser calados». E continuou a provocar acabando por sair crescentemente irritado, dizendo que, lá fora, esperaria pelo orador. Viçoso Ferreira interpelou o presidente da Câmara (é ele também quem responde pelo presidente da Assembleia): «Então não se põe cobro a isto? Assim não há condições democráticas!»

Responde Carlos Faria de Almeida: «Ainda com muita sorte estão vocês. Batava eu levantar os olhos para cima para eles vos caírem todos em cima!».

Duas nalgadas bem dadas

E um outro exemplo façanhudo:

Só compareceram dois delegados (APU e FRS) à reunião de propositura dos nomes para as mesas de voto de uma das freguesias (S. Pedro) de Celorico. Face à ausência dos delegados da AD, propuseram, tal como lhes assistia o direito, os nomes necessários para a compor. O presidente da Junta (AD) ficou sem saber se aceitar ou não. E foi falar com o «chefe» (Carlos Faria). Este, pura e simplesmente, anulou a decisão. E constituiu, ele próprio, a **sua** mesa. A delegada da FRS procurou-o e tentou explicar-lhe a situação. Mostrou-lhe a lei. Em vão.

Cansada de insistir Irene Ramalho (a delegada da FRS) abandonou a conversa. Carlos Faria de Almeida, vendo-a afastar, gritou em pleno átrio da Câmara perante as muitas pessoas que já assistiam à conversa, que ou ela vinha de novo ao pé dele ou lhe daria duas «nalgadas bem dadas».

Algumas regras para a definição de caciquismo

É evidente que qualquer destes dois exemplos introdutórios não necessita de explicações.

Em Celorico da Beira, Carlos Faria, o tal presidente da Câmara, cujas tropelias são frequentemente auxiliadas por um alcoolismo habitual, não tem cerimónia.

Nas últimas eleições o padre de Celorico já tinha preconizado que o voto deveria ser «AD Deum». E os carros da Câmara Municipal não pararam de transportar o povo de vários lugares e aldeias para as urnas de voto. Apenas uma «pequena ajuda». O próprio Carlos Fariaainda teve tempo para ir ao lugar conhecido por Casas do Soeiro (com maioria socialista) ameaçar quem votasse nos vermelhos... É necessário pois compreender Celorico da Beira para medir o conteúdo real de um chavão que se costuma repetir: **caciquismo.** Embora o exemplo em causa seja, estamos certos, um dos mais extremados e aberrantes que actualmente existem no continente. E talvez por isso.

A incrível ascensão de Carlos Faria

Faria de Almeida era, ao tempo em que chegou o 25 de Abril, um regente agrícola que vendia pesticidas. Foi visto então pelas pessoas da vila ligadas ao anterior regime como um dos seus possíveis substitutos. Daí a sua indicação às gentes do CDS como candidato a deputado e a preparação do ingresso no lugar de presidente da Câmara. Apareceu então liderando uma fantasmagórica **comissão liberal** («integrada no Movimento das Forças Armadas», segundo reza hipocritamente um dos seus comunicados) que se tentava opor à Comissão Administrtiva eleita em plenário concelhio, logo a seguir ao 25 de Abril, constituida por um conjunto de democratas. Na raiz desta ascensão de Carlos Faria esteve o conselho do dr. Olegário Lourenço da Silva, último presidente da Câmara antes do 25 de Abril e ainda hoje advogado na vila. Ele mesmo nos confirmou isso mostrando-se agora arrependido do conselho e considerando que a actuação de Carlos Faria de Almeida tem sido «prepotente, autocrático e arranpúta». «A administração pdublica não pode ter à sua frente homens que se sirvam dela mas que a sirvam»; embora aproveite para alfinetar o descentralismo «que sempre tem dado maus resultados desde o constitucionalismo do século passado». Com velha raposa ligada ainda aos ideais fascistas tem a percepção de que a actuação do presidente da Câmara, que chegou a apoiar e hoje considera intolerável, devendo ser demitido, «pesou na descida da AD nas últimas eleições, prejudica a AD».

Orgulhosamente só (ou quase!)

Mas não é só o dr. Olegário quem está descontente com a situação. Um conjunto bastante alargado de pessoas que o apoiaram, dentre as mais razoáveis ou, pura e simplesmente, dentre as prejudicadas ou vigarizadas pela actuação do presidente da Câmara, já lhe retirou o apoio ou espera a sua demissão. É o caso do prof. Arlindo Neves, do ensino secundário, simpatizante do CDS e seu eleito nas primeiras eleições, que foi ultrajado e mesmo ameaçado de «porrada» em plena assembleia municipal só por se insurgir contra insultos a várias pessoas proferidas pelo presidente. «Lá fora ajustamos contas», foi a resposta escutada, confirmativa do estilo geral imprimido por este autarca.

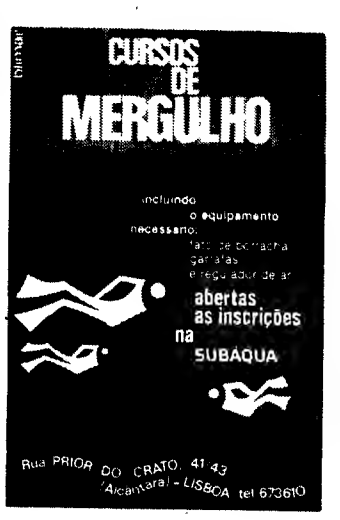
São habituais também os casos em que o presidente decide expropriar terrenos onde considera que certos caminhos devem passar sem tentar chegar a acordo prévio com os proprietários e, em certos casos, dizendo mesmo que nada pagará.

Este tipo de situações e, de um modo geral, toda a política da Câmara escapa aos restantes vereadores. Manuel Pires dos Santos, actual vereador eleito pelo PS, queixa-se de não ser ouvido nem achado para decisão nenhuma, situação que não difere muito da de outros vereadores eleitos pela AD. Ele mesmo faz notar que há vinte e quatro anos que está no concelho e «não se lembra de haver tantos ditos, tantas mentiras, tantas aldrabices». «A gente até perde a vontade de viver. Ele pode, quer e manda. Os vereadores não contam». A propósito deste homem que dirige a Casa do Povo, Carlos Faria chegou a afirmar que «enquanto ele estiver à frente dessa instituição ela não terá um tostão da Câmara». O vereador que, por certo, não estará nesta posição é Clara Faria de Almeida, esposa do presidente, «por acaso» vereadora a tempo inteiro. Esta colocação nas listas da AD da não menos polémica Clara Faria de Almeida, de quem falaremos adiante, teria sido, aliás, segundo os próprios elementos da AD, conseguida por Carlos Faria ludibriando os seus parceiros e contra a orientação do próprio partido, na altura da apresentação final dos candidatos, quando já não era possível substituir ninguém.

Nem os bombeiros escapam

Quase todas as instituições da vila foram já prejudicadas por este ímpeto de a tudo estender a dominação, diz-nos António Seno, também do PS e antigo dirigente dos Bombeiros Voluntários. Esta organização tinha, em 1978, uma direcção com gente de vários sectores de esquerda de que António Seno fazia parte. O presidente conseguiu, através da sua acção, fazer com que tal direcção se afastasse, na sequência de várias manobras e assembleias de pressão. Hoje, com uma direcção da sua confiança, os Bombeiros vivem uma das maiores crises de sempre tendo caído num caos organizativo e num grande desprestígio a vários níveis. A actual direcção encontra-se desde há muito em mandato irregular (o mandato é anual e já deviam ter sido convocadas eleições em Dezembro de 1979) e não tem apresentado contas das suas iniciativas. A «longa manus» do presidente é aí auxiliada por um ajudante de comandante que a todos ameaça e provoca.

Mas António Seno, que foi vogal à anterior assembleia municipal e vereador, tem também, como não podia deixar de ser, uma história curiosa para contar a propósito da actuação do presidente. Ele próprio foi levado a uma reunião por uma escolta da GNR. O presidente tinha convocado uma reunião extraordinária no dia anterior e, como ela não pudesse funcionar sem que ele lá estivesse, tinha tomado a liberdade de o «convocar» por essa forma.



CURSOS

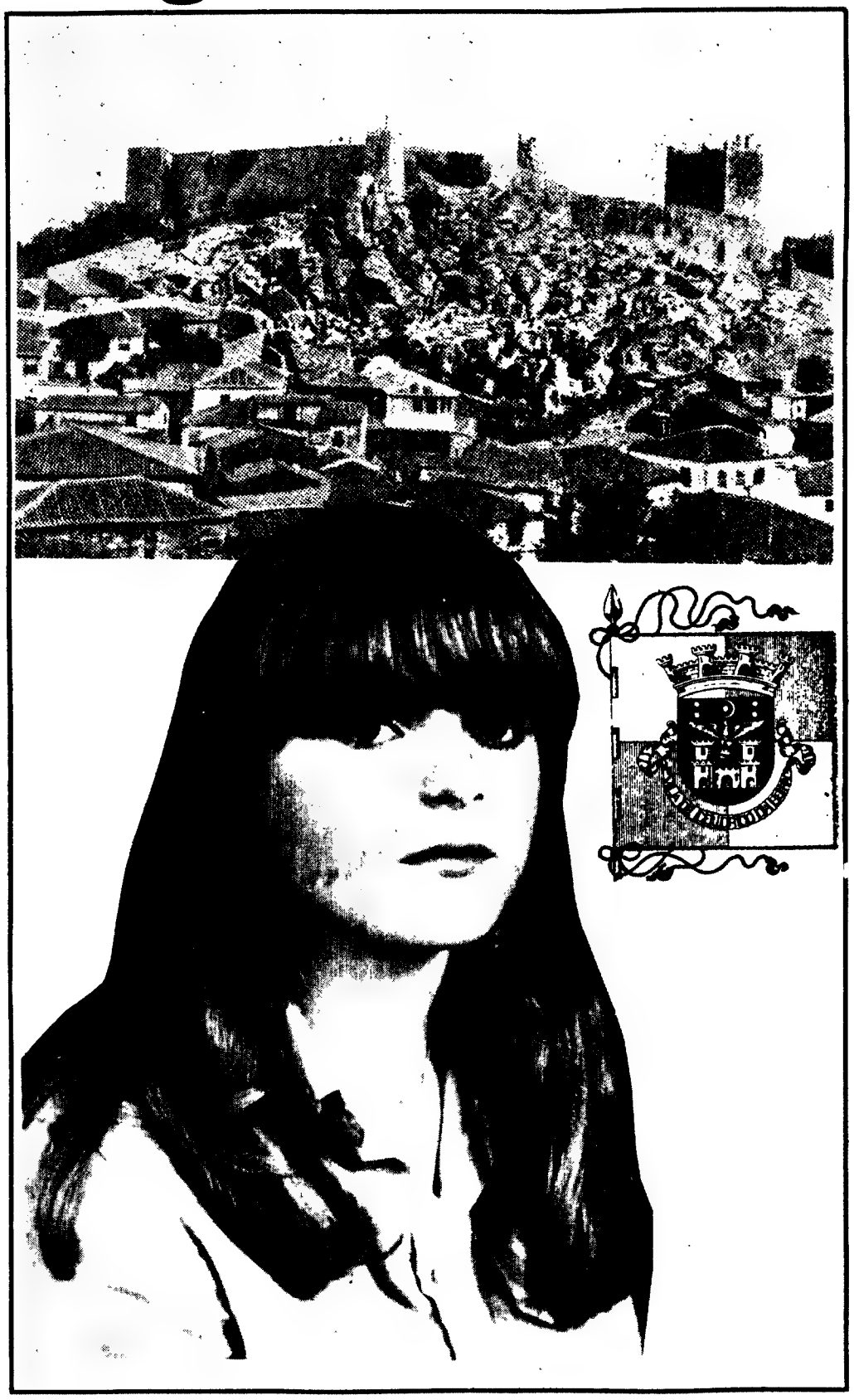
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO / VERIFICAÇAO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742
Recolha de dados p/ computador
SISTEA IBM e UNIVAC
Início: 21-11-80

DACTILOGRAFIA
EM MÁQUINAS MANUAIS
OU ELECTRICAS IBM
Início: todos os dias
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
TELS. 32 56 52 - 36 42 72
Rua do Arsenal, 100-1.º
1100 LIBA

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

o caciquismo?

vida invulgar em Celorico da Beira



Caminhos em bruto piores do que no tempo dos romanos

Fala-se, a alguns níveis, de uma obra que, apesar de tudo, Carlos Faria teria realizado. Perante tudo isto a posição de muitos cidadãos do concelho é ainda de alguma perplexidade. Contudo, esta obra é facilmente contestada pelas pessoas melhor informadas. Já alguém nos dissera que a maior parte das obras realizadas por Carlos Faria eram «à volta da capela», no centro da vila, para enganar os passantes e criar a ilusão de obra feita. É o caso da iluminação que não chega a abranger no total dois mil metros colocada nas 4 entradas da vila.

No entender de Eduardo Simões Marques, da APU, presidente da Comissão Administrativa a seguir ao 25 de Abril, «toda a rede rodoviária anteriormente prevista estagnou bem como o plano de calçadas e de alcatroamento». «Este presidente da Câmara está a abrir caminhos em bruto, mais para carros de bois do que para automóveis, em prejuízo das obras já planeadas desde a comissão administrativa do meu tempo e mesmo de antes; alguns destes caminhos são piores do que no tempo dos romanos no Minhocal, Porteira ou Aldeia da Serra, por exemplo, e outros destinam-se a servir propriedades privadas ou interropem-se onde elas existem», continua. O depoimento de Eduardo Marques abrange quase todas as áreas da actuação do presidente mostrando um conhecimento e uma preocupação invulgares da realidade do concelho. Diz-nos que esta Câmara ainda não meteu água em nenhuma freguesia, a electrificação continua por fazer em algumas destas, lugares e escolas e mesmo os passeios projectados para levar calcário e basalto foram cimentados sem qualquer nivelação. Condena a construção daquilo que considera ser um minimercado na zona em que foi instalado por prejudicar a beleza do largo e, nomeadamente, dos três monumentos religiosos que lá existem. Esse largo da Corredoura estaria destinado a completar o sistema escolar do concelho e a instalar a biblioteca da Gulbenkian.

Mas a maior barbaridade, no seu entender, e, como pude mais tarde constatar, no entender de muitos celoricenses de várias tendências, é a demolição há pouco efectuada, do antigo edifício dos Paços do Concelho. Tanto pelo seu traçado arquitectónico, como pela sua história era parte integrante do património que a vila deveria preservar. Carlos Faria mandou-o demolir e, em sua substituição, está a construir um edifício novo cujo custo rondará os 30 mil contos. Uma demolição que se não compreende até porque existe terreno ao lado do edifício onde seria possível construir. Mas esta obra está ligada, como nos informaram, a outros interesses e valores. Por estranho que pareça quem está a executar a obra é um dos vereadores da AD, António Rodrigues Leão, embora exista um «testa de ferro», seu familiar, que assinou o contrato de adjudicação.

«Enquanto prossegue este regabofe com os dinheiros de todos, refere ainda Eduardo Simão Marques, existem edifícios como os da antiga cadeia, edifício de valor histórico, que de há muito se encontra abandonado, sem qualquer aproveitamento, podendo aí perfeitamente ser instalada a GNR, como estava previsto desde 1975 altura em que a Câmara Municipal o alugou».

«Como se isto não fosse tudo, para construir uma dessas avenidas (sem projecto inicial, beneficiando as quatro casas mais ricas de Celorico da Beira em prejuízo de todo o concelho) destruiu uma mata – Celorico não dispõe a partir de agora de nenhum parque florestal – e que era destinada a parque de campismo e ainda a um pavilhão gimnodesportivo entre essa mata e o campo de futebol. E isto é apenas o que está à vista. Era necessário para que tudo isto ficasse a limpo fazer uma sindicância a toda esta actuação, mas esta deveria ser realizada por um Governo a sério».

O povo constrói e ele destrói

Mas, tal como referimos na abertura, foi com a destruição do coreto na Carvalheda, construído com o dinheiro e o esforço da população local, que Carlos Faria traçou de si uma das suas antológicas linhas definidoras. O coreto não seria propriamente uma maravilha artística mas o povo entendia que servia os fins para os quais tinha sido feito. Carlos Faria não gostava do coreto. Chamava-lhe «poleiro». Tentou demoli-lo uma primeira vez com a ajuda da GNR. A população opôs-se. À segunda vez levou mais de trinta efectivos da GNR dos vários concelhos com jeeps e atacou às 6 horas da manhã (aqui a GNR compareceu a horas) e demoliu mesmo o coreto. A população ainda tentou opor-se. Algumas mulheres foram feridas, como é o caso da empregada do ciclo que nos contou a história. «O povo tinha-o construído no Verão de 79 e já tinha servido na festa», acrescenta, «depois, para fazer ver, construiu outro, noutro sítio do largo, para mostrar como administra os dinheiros públicos».

O atropelamento

O atropelamento de uma jovem militante socialista provocado por Clara Faria, no dia 22 de Setembro, em plena campanha eleitoral, veio chamar a atenção do País para o carácter das pessoas que neste momento dirigem os destinos de Celorico da Beira. As condições em que se deu o atropelamento são, contudo, de tal forma chocantes que não podem ser vistas isoladamente. Este só é possível perante uma situação, da qual procurámos traçar alguns contornos. Uma situação de arrogância prepotente e atemorização premeditada que atropela tudo e todos inclusive a democracia e a legalidade, o bom-senso e as regras mínimas de convivência entre as pessoas.

Sobre as condições e natureza do desastre muito já se escreveu na Imprensa.

Não cabe no conteúdo desta reportagem a história minuciosa do atropelamento embora seja conveniente um resumo breve de como as coisas se passaram.

O atropelamento, que ocorreu cerca das 20.30 do dia 22 de Setembro último, deu-se na freguesia de Cortiçô da Serra, a poucos quilómetros de Celorico. Nas bermas da estrada populares esperavam a chegada da caravana socialista que integrava Mário Soares e Lopes Cardoso. Entre estas pessoas destacava-se um grupo de jovens socialistas no qual estava Paula Oliveira. Foi quando surgiu, de automóvel, Clara Faria que, dando uma guinada em direcção à berma e às pessoas, apanhou, com o guarda-lama dianteiro, a Paula Oliveira e atirou-a ao solo onde bateu com a cabeça. Clara Faria pôs-se imediatamente em fuga, segundo testemunho claro de todos os populares que assistiram. Mais à frente foi interceptada por um deles que saiu em sua perseguição, a obrigou a parar e a quem esta pediu para não dizer nada a ninguém. Alfredo Vaz, um dos dirigentes socialistas locais e funcionário da Caixa Geral de Depósitos, foi também em perseguição de Clara Faria. Quando a apanhou esta disse-lhe que não tinha atropelado ninguém, tinha apenas batido num pau e não ia a fugir mas apenas chamar o marido que estava numa população próxima.

Entretanto Paula Oliveira era transportada ao Hospital de Celorico onde o médico concluiu que devia seguir de imediato para Coimbra. Nesta mesma altura já Clara Faria havia chegado também ao Hospital de Celorico e, mais tarde, também os pais da moça. A estes disseram que a Paula tinha seguido para a Guarda tendo-os, assim, desviado para lá. Clara Faria vai então, sozinha, na ambulância, com a Paula para Coimbra. Desde aí o estado de saúde de Paula manteve-se extremamente grave até há poucos dias, altura em que saiu do estado de coma passando progressivamente a uma recuperação que ainda se não sabe se será total.

Durante todo este tempo muito fizeram Carlos e Clara Faria em Celorico para apagar da memória das pessoas esse acontecimento:

Carlos Faria, passadas algumas horas do atropelamento, passou em Cortiçô da Serra a ameaçar as testemunhas. A uma delas afirmou que a comprava com um barril de vinho. Como esta mantivesse que tudo iria contar, ameaçou-a de cadeia. Ao outro dia dirigiu-se à entrada da Caixa Geral de Depósitos e ameaçou Alfredo Vaz de lhe «partir o focinho». Entretanto chamou à sua presença algumas testemunhas. A outras processou-as judicialmente pelos mais bizarros motivos ou ameaçou-as disso. Tentou aliciar directa ou indirectamente outras ainda com empregos. As mais diversas ameaças de violência feitas pelo presidente ou as suas gentes são coisa habitual. Disso se queixam, por exemplo a Maria Elvira e a Maria Roseta, íntimas amigos da Paula, que se encontravam ao seu lado na altura do atropelamento. Elas próprias nos disseram que Clara Faria, a atropelante, tinha demonstrado durante a tarde do dia do atropelamento a sua intenção de proceder malevolamente já que, estando elas a fazer propaganda da Frente com as respectivas camisolas e bonés, da parte da tarde, ela lhes teria dito: «Vocês andam muito bem equipadas mas logo a brincadeira vai acabar».

A actuação da GNR local foi a de cruzar os braços como se nada tivesse acontecido para não desagradar ao presidente. Contactada logo a seguir ao desastre não se dignou comparecer no local. A ocorrência foi registada muitas horas depois por uma brigada móvel de trânsito que, por acaso, ali passou. Não tratou de ouvir e muito menos prender Clara Faria e só muitos dias mais tarde lhe enviou uma ordem para que se apresentasse a depor. Clara Faria, como é óbvio, não se apresentou, enviou pelo pai um atestado médico e retirou-se para Trancoso para casa dos pais. Carlos Faria aproveitou também um «convite de emigrantes» e foi aos EUA, tendo levado o carro do atropelamento até Lisboa. Regressou depois e, mais tarde, fez uma reunião com presidentes de Juntas garantindo-lhes que queria pedir a demissão mas os «ministros lhe tinham pedido para ficar» e que Paula Oliveira estava boa e tudo tinha sido artifício do PS para as eleições. Aliás, esta foi a argumentação que fizeram circular em todo o concelho. Não por convicção, mas por má-fé. Do grave estado de saúde de Paula estavam perfeitamente informados, em contacto diário, pelo dr. José Martins, de Coimbra, como ele próprio confirmou.

A própria Clara Faria tem um irmão médico oftalmologista nesta cidade.

O neto do coelho e a feudalidade

Quando entrei na estação de caminho de ferro para o regresso, preocupado com o frio terrível que fazia gelar e tentando confirmar se seria realidade ou ficção de um tempo passado o material humano e temporal com que tinha lidado, pensava em duas coisas: na descrição que Eduardo Simão Marques, madeireiro, dos seus cinquenta anos de antes vergar que torcer, me tinha feito da «sua terra e das outras em volta onde aqui há uns anos cada aldeia era de um gajo, um nobre qualquer de quem tudo dependia». Onde numa dessas aldeias se afirmava que «quando os rendeiros ficavam com os canudos do milho era bem bom». E pensava ainda na lenda do tempo que o pastor me tinha contado no caminho da estação.

Estas pessoas nunca possuiram nada. Eram possuídas, elas próprias, até há muito pouco tempo. A feudalidade retirou-se daqui hoje de manhã. Agora, à noite, as pessoas não são objecto de posse no verdadeiro sentido da palavra, mas nada possuem como sempre. À mais pequenina possibilidade ou conquista de posse agarram-se a ela de uma forma que julgam definitiva. E usam contra possíveis ou imaginárias agressões a violência contida de séculos, de gerações, que não foi descarregada contra os verdadeiros espoliadores. Trata-se apenas de um desarranjo no tempo aquilo que faz errar a pontaria.

Tal como diz o pastor, o frio fez gelar o caçador prostrado à porta da lura com um pau. À sua volta nada se passou enquanto as fibras se mantiveram geladas. Mesmo que aos seus olhos fosse possível ver eram altas as pedras e as montanhas e nada vinha do outro lado. Quando o degelo lhe devolveu a vida, movimentou-se contra o frio. Continuava frio, embora menos. O coelho que saiu não era o mesmo. Era o neto, de olhos pequeninos. E, embora a reprodução dos coelhos seja rápida, muita coisa tinha acontecido dentro da lura. A terra tinha sido revolvida, toda a sua arquitectura se tinha transformado. Estava por baixo ou à superfície da terra? Era ainda uma lura? E o coelho era um coelho de facto? E aquilo era a saída de alguma lura? Quanto tempo se teria passado nas montanhas, um minuto, um século?

O frio tinha sido muito, de facto, e havia agora que apanhar esse tempo todo com os braços.

O frio tem sido muito aqui em Celorico e têm sido muitas e altas as montanhas que têm separado o interior do resto do País.

Augusto Barros

circular é viver

24 horas

● **SISMO NA FORMOSA** – Um forte tremor de terra abalou o Norte e Leste da ilha da Formosa provocando o pânico entre a população. As primeiras notícias divulgadas não indicam o número de feridos ou prejuízos causados pelo abalo. O Centro Sismológico da Formosa revelou que a intensidade do abalo sísmico foi de 5,9 da escala de Richter e teve o seu epicentro localizado a cerca de 28 quilómetros de Ilan, no Leste da ilha.

● **ASSASSINIO EM EL SALVADOR** – O dirigente sindical direitista salvadorenho Felipe António Zaldivar foi assassinado em pleno centro de São Salvador, quando saía das instalações do Sindicato União de Trabalhadores da Construção Civil – anunciou a polícia local.

● **PREMIO PARA MANDELA** – A India atribuiu hoje ao dirigente negro sul-africano Nelson Mandela o seu mais alto galardão internacional, o prémio Jawaharlal Nheru. Nelson Mandela encontra-se preso na Africa do Sul há dezassete anos, devido à sua oposição ao regime de apartheid.

● GIAP NO MAPUTO – Para uma visita oficial de cinco dias a Moçambique chegou hoje de manhã a Maputo o vice-primeiro-ministro do Vietname, General Vo Nguyen Giap. Recebido no aeroporto pelo secretário do Comité Central da FRELIMO para a política económica, Marcelino dos Santos, o vencedor de Dien Bien Phu manifestou a sua alegria por se encontrar em Moçambique.

● **ESQUADRAO DA MORTE** – O jornal governamental «Uganda Times», de Campala, afirma que um «Esquadrão da Morte» composto por ugandeses está a ser treinado no Quénia para abater dirigentes do partido do ex-presidente do Uganda, Milton Obote. O jornal acusa Lameck Ntambi, dirigente da União Nacional do Uganda no exílio, de dirigir a organização.

● **ASSEMBLEIA POPULAR DE ANGOLA** – Os deputados da Assembleia Popular de Angola elegeram uma Comissão Permanente, que será o órgão supremo do poder entre as sessões da assembleia. A Comissão é constituída por 25 elementos, entre os quais membros do Bureau Político do Comité Central do MPLA – partido do Trabalho. O presidente do MPLA-PT e chefe de Estado angolano, José Eduardo dos Santos, foi eleito Presidente da Comissão Permanente.

● **CONTRA A CEE** – O novo líder do Partido Trabalhista Britânico Michael Foot pronunciou-se sexta-feira a favor da retirada britânica da Comunidade Económica Europeia. Na sua primeira entrevista de fundo à Televisão desde que foi eleito na segunda-feira, Foot advogou a revogação da acta parlamentar que dá força de lei no país aos regulamentos estabelecidos pela Comissão Executiva do Mercado Comum.

● **DESAPARECIDO** – Um responsável dos serviços secretos do Ministério britânico da Defesa foi dado como desaparecido, estando em curso operações de busca envolvendo um amplo contingente de forças policiais, soube-se hoje de fonte oficial. O funcionário desaparecido, de mais de sessenta anos e cuja identificação não foi divulgada a pedido da família, residia em Stortford, 48 quilómetros a nordeste de Londres.

Declaração de Brejnev

O tratado URSS-Síria não ameaça qualquer país

«Cada linha do Tratado de Amizade e de Cooperação entre a União Soviética e a Síria reafirma os ideais da paz e da cooperação pacífica entre os dois Estados, não constando no documento qualquer ameaça aos outros países» – declarou L. Brejnev, perante uma sessão do Presidium do Soviete Supremo da URSS que, em 8 de Outubro passado, ratificou o tratado aludido pelo chefe de Estado da URSS.

Em seguida, Brejnev viria a tecer algumas comparações entre a política externa dos Estados socialistas e capitalistas, declarando nomeadamente: «tomemos o exemplo dos famosos acordos de Camp David, assinados entre os Estados Unidos, o Egipto e Israel. Trata-se de um acordo hostil aos interesses de uma paz autêntica no Médio Oriente e humilhante para os povos árabes. Os acordos militares recentemente concluídos pelos Estados Unidos com a Somália, Oman e com outros países do Indico e do golfo Pérsico, não foram ditados apenas por boas intenções, uma vez que tornam estes países cúmplices dos perigosos projectos dos EUA».

Depois de criticar em termos enérgicos «a política agressiva e imperialista» de Israel e dos Estados Unidos, Brejnev afirmou que «o tratado URSS-Síria reforça a cooperação entre ambos os países e contribuirá para a instauração da paz no Médio Oriente», acrescentando que o mesmo «corresponde aos verdadeiros interesses dos povos dessa região».

Outra vez o Líbano

Duas crianças morreram e várias pessoas ficaram feridas em consequência de um bombardeamento israelita à cidade costeira libanesa de Sidon – noticiou a rádio oficial de Beirute.

Quatro bombas caíram em Sidon, 45 quilómetros a sul de Beirute, na quinta-feira, durante uma barragem de artilharia contra alvos palestinianos. Uma das bombas atingiu uma escola primária causando apenas danos materiais – acrescentou a emissora.

Entretanto, vários incidentes em Beirute e no norte do Líbano deixaram hoje de manhã a área numa atmosfera tensa.

Repressão em Israel

Dois árabes descritos pela acusação como antigos elementos do movimento de guerrilha palestiniana foram condenados a dezasseis e quinze anos de prisão por contrabando de armas e explosivos, foi divulgado em Telavive.

Khlaed Ahmed Atamana, de 33 anos, da cidade de Jenin, da margem ocidental, foi condenado por um tribunal militar israelita a dezassete anos de prisão por ter fornecido explosivos para uma série de ataques bombistas levados a cabo pela Al Fatah (OLP), na cidade israelita de Behalf.

Hisham Yussuf Hatateba, de 22 anos e residente na aldeia de Beit Furiq, próximo da cidade de Nablus, da margem ocidental, foi condenado a quinze anos pela sua acção no contrabando de explosivos com destino à Frente Popular de Libertação da Palestina.

Por outro lado, o Governo militar israelita ordenou o encerramento por uma semana da universidade de Bir Zeit, a maior da margem ocidental, na sequência da abertura no estabelecimento de uma feira de artesanato palestiniano.

As autoridades militares fundamentaram a determinação na alegada falta de autorização dos estudantes para realizarem a Semana Palestiniana, um acontecimento que todos os anos tem lugar em Bir Zeit.

O presidente da Universidade, Gabi Baramki, afirmou por seu turno que a Semana Palestiniana faz parte da actividade tradicionalmente desenvolvida pelo Conselho de Estudantes e foi, nos últimos quatro anos, realizada sem que para tanto fosse necessária a permissão do Governo Militar.

Vingança

Uma criança ateou fogo à casa para se vingar dos maus tratos infligidos pelos pais, provocando um incêndio em que morreeram o casal e dois filhos.

A criança, cujo nome não foi revelado, confessou ontem à polícia ter ateado fogo a uma cama antes de ir para a escola com dois dos seus irmãos, na segunda-feira.

O incêndio propagou-se e matou os pais, Linda Ruppert e Robert Wilder, e duas crianças, uma de três anos e outra de cinco meses.

As autoridades de Ashton (Michigan) EUA, onde ocorreu a tragédia, indicaram que as quatro vítimas haviam sido asfixiadas pelo fumo.

Os três sobreviventes narraram à polícia que eram maltratados pelos pais e que um deles tinha sido espancado na segunda-feira antes de ir para a escola.

Pik Botha na Europa discute problema da Namíbia

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, partiu de Londres com destino a Bruxelas e Paris, onde terá conversações sobre problemas da Namíbia.

À partida de Londres, Botha qualificou de «úteis» as conversações que travou com o seu homólogo britânico, Lord Carrington.

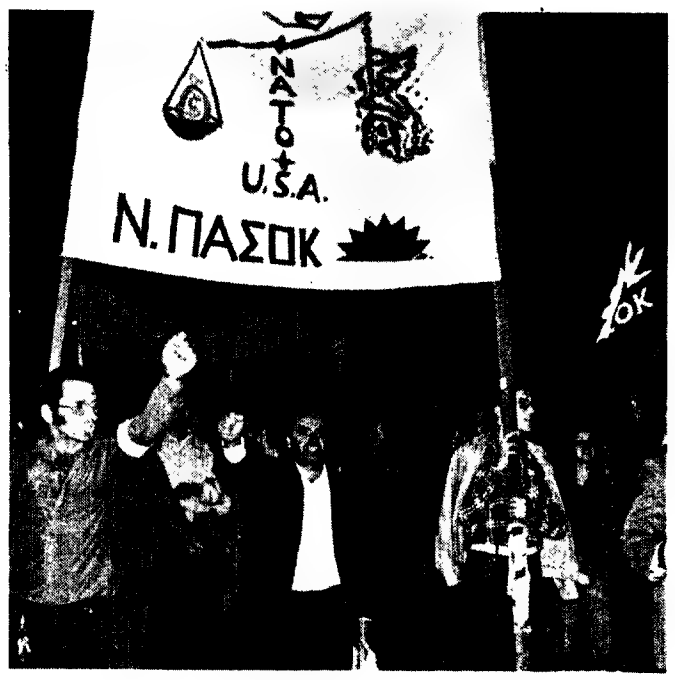
«Não concordámos quanto a certas questões, mas houve uma espécie de acordo potencial em relação aos principais aspectos, o que é importante» – disse Botha, referindo-se às conversações sobre a Namíbia e outros problemas sul-africanos.

Tanto Lord Carrington como o primeiro-ministtro britânico, Margaret Thatcher, pressionaram Roelof «PIK» Botha no sentido de que a Africa do Sul assuma uma atitude menos ntransigente em relação am papel das Nações Unidas – segundo meios diplomáticos londrinos.

Por outro lado, terminada uma visita de dia e meio, deixou Maputo ao princípio da manhã de hoje o comissário das Nações Unidas para a Namíbia, Marti Ahtisaari.

Durante a sua permanência na capital moçambicana, aquele diplomata finlandês conferenciou demoradamente com o presidente Samora Machel, acerca dos preparativos de uma reunião internacional sobre a Namíbia.

O presidente da Organização de Unidade Africana (OUA), Siaka Stievens, aceitaria que a mesma se realizasse no seu país, a Serra Leoa, mas outras hipóteses têm vindo a ser aventadas.



Manifestantes gregos protestam contra a reintegração do seu país na estrutura militar da NATO (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Mísseis da NATO estão em "bom andamento"

A reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO à qual assistiram ministros da Defesa de treze países membros da Organização terminou ontem em Bruxelas, com um comunicado final, cujos pontos principais são os seguintes:

Os ministros tomaram nota de que a aplicação da decisão de 12 de Dezembro de 1979 sobre a instalação de novos mísseis e as negociações sobre essas armas estão a avançar. Registaram igualmente os progressos verificados nos programas de produção dos mísseis «Pershing» e dos mísseis de Cruzeiro, aprovados na mesma altura.

Os ministros acolheram com satisfação a abertura de discussões preliminares com a União Soviética em Genebra, relativamente às armas euro-estratégicas. Salientaram o interesse que lhes merece o prosseguimento dessas discussões (...) e manifestaram a esperança de que as mesmas culminem num acordo sobre limitações equilibradas, justas e sujeitas a verificação. Notaram igualmente que a retirada de um milhar de ogivas nucleares americanas da Europa se encontra neste momento em fase bem avançada.

Os ministros reafirmaram a sua preocupação no que respeita à permanente distribuição de mísseis balísticos «SS 20» soviéticos e de bombardeiros «Backfire» para além dos mísseis «SS4» e «SS5», anteriormente colocados, o que aumenta a disparidade já existente em armas nucleares euro-estratégicas a favor da União Soviética.

Os ministros registaram com satisfação o propósito do Governo britânico de colocar a sua futura força de submarinos «Trident» à disposição da NATO.

A próximas reunião do grupo dos Planos Nucleares da NATO ficou marcada para a República Federal da Alemanha na Primavera de 1981.

Presidente da Mauritânia visita Bissau e Cidade da Praia

Com a assinatura de um acordo geral de cooperação e divulgação de um comunicado conjunto terminou a visita do presidente mauritano, Mhamed Haidalla, à Guiné-Bissau.

No comunicado, os dois países manifestam a sua preocupação pela «persistência» do conflito no antigo Sara Espanhol e exortam as partes nele envolvidas a intensificarem os esforços com vista à busca de uma solução pacífica.

A visita do tenente-coronel Haidalla a Bissau marcou o reatamento das relações entre os dois países, que estiveram interrompidas enquanto a Mauritânia manteve sob a sua soberania parte do antigo Sarta Espanhol que lhe coube na partilha do Tratado de Madrid.

O presidente mauritano, que prosseguiu a sua viagem por Cabo Verde, declarou à sua chegada à Cidade da Praia, que a posição do seu país relativamente ao Sara Ocidental é a de «aguardar o cumprimento das resoluções tomadas em Freetown pelo Comite ad-hoc da OUA».

O presidente Uld Haidalla chegou à cidade da Praia para uma visita oficial de dois dias à República de Cabo Verde, a convite de Aristides Pereira.

O presidente do Comité Militar de Salvação Nacional da Mauritânia disse à Imprensa que o seu Governo «deseja e espera o cumprimento das resoluções de Freetown - II», que preconizam conversações entre as partes interessadas no conflito do Sara Ocidental.

Um acordo geral de Amizade e Cooperação entre Cabo Verde e a Mauritânia será assinado no final da visita do coronel Mohamed Uld Haidalla.

Internacional Socialista

A Internacional Socialista deixou a nu as suas divisões a propósito do problema palestiniano, dado que duas moções divergentes foram postas a circular, sexta-feira, no Congresso de Madrid.

A primeira apresenta-se sob a forma de um apelo redigido pelo chanceler austríaco Bruno Kreisky, o antigo chanceler alemão federal Willy Brandt, o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Butros Ghali, e o presidente do Partido Trabalhista Israelita, Shimon Peres.

Neste texto, os quatro estadistas lançam um apelo «a todos os Estados árabes e a Israel para que assumam as suas responsabilidades seguindo a atitude corajosa do presidente Sadat e para que lancem, a partir de agora, negociações para conseguir uma solução que esteja de acordo com as resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança». «Lançamos um apelo, dizem, a todos os países vizinhos e em especial à Jordânia, para que assumam as suas responsabilidades para abrir uma negociação construtiva com Israel».

«Apelamos, afirmam, para a Internacional Socialista, para que se esforce e desempenhe um papel activo para atingir uma paz justa no Médio Oriente, uma paz que garanta a segurança de todas as partes envolvidas no conflito e que permita satisfazer os direitos legítimos do povo palestiniano.»

Esta resolução foi apresentada ao Congresso por Brandt, mas a IS não terá que se pronunciar sobre este apelo, indicou o antigo chanceler alemão federal.

Por seu turno, o PSOE e o Partido Socialista italiano fizeram circular uma outra proposta em que insistem no facto de a OLP dever ser considerada como o verdadeiro representante do povo palestiniano.

Para eles, «é entre as partes directamente interessadas que deve ser lançada a negociação».

«O problema, do seu ponto de vista, continua a ser o de um contacto directo e positivo entre israelitas e palestinianos, entre um Estado soberano e a OLP, organização representativa dos palestinianos, reconhecida como tal por uma vasta opinião internacional».

Jóias apreendidas

Os advogados que representam os interesses do Irão na Suíça fizeram apreender o produto da venda de certas joias vendidas na quinta-feira em Genebra, pela Sotheby, anunciou, sexta-feira, em Berna, um dos dois juristas, Erich Diefenbacher.

O Estado iraniano considera, com efeito, que estas joias pertenceram à ex-família real do Irão, e que são sua propriedade.

O chefe da comunidade chiita na Europa, o «ayatollah» Mehdi Ruhani, protestou, sexta-feira, contra esta venda, e afirmou que as joias tinham pertencido à ex-imperatriz Farah.

Os dois advogados suíços tinham intervido, quarta-feira, por ordem do seu cliente, obtendo das autoridades suíças autorização para a apreensão.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

No meio de uma polémica religiosa

João Paulo II chegou à RFA

O Papa João Paulo II chegou esta manhã a Colónia para uma visita oficial de cinco dias à Alemanha Federal.

João Paulo II chegou ao aeroporto de Colónia/Bona, às 8.52 locais (7.52 em Lisboa), tendo sido recebido pelo presidente federal Carl Carstens.

Apesar da chuva que caía com intensidade, mais de 20 000 pessoas aguardavam o Papa no aeroporto. João Paulo II recebeu, ainda a bordo do avião especial da Alitália, o cardeal Josef Hoeffner, presidente da Conferência episcopal da Alemanha Federal, e o núncio apostólico em Bona, que lhe deram as boas-vindas.

Poucos minutos depois João Paulo II apareceu à porta do avião, sendo saudado por uma salva de 21 tiros.

Além do presidente Carstens, encontravam-se também no aeroporto para receber o pontífice o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher e outros dirigentes políticos alemães.

Uma banda do Exército alemão tocou o hino papal e o hino da Alemanha Federal, depois do que o pontífice e o presidente Carstens passaram a revista à guarda de honra.

Duas crianças de um orfanato de Bona entregaram depois ramos de flores ao Papa, que esteve alguns minutos a conversar com eles e lhes deu a sua benção.

Antes de deixar o aeroporto, João Paulo II recebeu os cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Bona, cerca de 95 embaixadores e representantes oficiais, que lhe foram apresentados individualmente.

No seu discurso de boas-vindas o presidente Carstens destacou a importância da visita do Papa para a vida pública e religiosa do país.

Ao iniciar o seu discurso de resposta, enquanto a multidão continuava a gritar em latim «amo-te, amo-te» João Paulo II destacou a sua união com os católicos alemães, através do cardeal Hoeffner.

Durante a sua permanência na Alemanha Federal, João Paulo II participa em Colónia nas cerimónias do sexto aniversário da morte de Santo Alberto Magno, visitando também as cidades de Bona, Osnabruck, Mainz, Fulda, Altoetting e Munique.

Salientando a natureza ecuménica da sua visita, o Papa declarou antes de partir de Roma que considerava a peregrinação «particularmente importante» para a unidade cristã.

Mas a viagem provou controvérsias entre católicos e protestantes. Muitos destes ficaram zangados com um ataque feito a Martinho Lutero – o teólogo alemão cujos ensinamentos dividiram os cristãos ocidentais há quatro século e meio – na breve História da Igreja Alemã distribuida pela Conferência dos Bispos Alemães Federais, como literatura de apoio à visita papal.

O historiador alemão federal, Remigius Baeumer, que escreveu o artigo mostra Lutero como um rebelde zangado e enganado «cego para a verdade católica».

Depois da reacção dos protestantes, quase exclusivamente luteranos e que compreendem cerca de metade dos 63 milhões de habitantes da RFA um porta-voz do Vaticano disse que as passagens sobre Lutero não reflectem a posição da Igreja Católica.

Joao Paulo II pensa encontrar-se com o Conselho das Igrejas Evangélicas na segunda-feira em Mainz, onde os protestantes dizem que ele planeia «apresentar claramente a posição evangélica no diálogo entre as duas vias religiosas».

Sequestro em Bruxelas

A polícia de Bruxelas dominou os três assaltantes de um autocarro que mantiveram como reféns, durante seis horas, oito crianças, um professor e um motorista, no centro da Rádio e Televisão belga, em Bruxelas.

Os três jovens, desempregados, com idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos, pretendiam falar na Televisão sobre as desigualdades da sociedade.

Os jovens, dois dos quais são irmãos, utilizaram na operação de rapto, que principiou de manhã cedo, uma caçadeira de canos cortados, várias granadas de mão e uma caixa de produtos químicos tóxicos.

A operação de resgate levada a cabo pela polícia ocorreu no interior do edifício da Rádio e Televisão de Bruxelas, com agentes da polícia envergando os uniformes azuis dos operadores da estação emissora.

A primeira tentativa para separar os sequestradores dos reféns falhou, mas à segunda tudo resultou da melhor maneira.

No decorrer da espera, os três jovens invectivaram os polícias perguntando-lhes se sabiam quanto ganhava um ministro, afirmando que enquanto havia gente a ganhar oito mil francos, os membros do Governo auferiam oitenta mil.

Polónia

Stanislaw Kania recebeu Walesa

O primeiro-ministro e líder do Partido Opérario Unificado da Polónia, Stanislaw Kania, recebeu em audiência o dirigente sindical Lech Walesa.

Durante o encontro, segundo a agência polaca «PAP» foi debatida a situação socio-económica da Polónia e abordadas questões relacionadas com a participação dos sindicatos independentes no desenvolvimento do país.

Lech Walesa apresentou ao dirigente máximo do país os principais problemas que se colocam ao movimento sindical independente.

O telegrama da agência polaca não especifica quais os problemas levantados por Walesa, sendo no entanto de crer que tenha feito referência às tentativas de obstrução ao sindicato independente «Solidariedade», levadas a cabo por dirigentes regionais do partido e do Estado.

Entretanto o tribunal de Varsóvia rejeitou na sexta-feira o pedido de registo da Associação Independente Estudantil das Universidades de Varsóvia e Cracóvia.

Consenso no Conselho da Europa sobre a luta anti-terrorista

Parlamentares e especialistas do Conselho da Europa concluiram em Estrasburgo uma conferência de três dias sobre terrorismo.

A conferência, subordinada ao tema «A Defesa da Democracia contra o Terrorismo na Europa», teve como principal tarefa estudar sobre que forma e com que meios a democracia pode nos países membros cumprir a sua tarefa antiterrorista essencial de defesa, de luta e de repressão , sendo fiel a ela própria e garantindo as liberdades e os direitos que constituem o seu fundamento, e que o terrorismo a quer obrigar a abandonar e a violar.

Esta conferência permitiu uma convergência de pontos de vista, segundo o relator-geral da conferência o deputado comunista italiano Franco Calamandrei.

Ainda segundo este deputado, todos os participantes estiveram de acordo em considerar que o terrorismo, seja sua etiqueta de esquerda ou de direita, tende a destruir o sistema democrático e que uma das condições eficazes para combater o terrorismo é o alargamento e aprofundamento da democracia, assim como o controlo democrático e a coesão entre as forças constitucionais.

Prisões em Itália

Vinte extremistas foram presos no princípio desta semana, em Milão e Bergamo, numa vasta ofensiva policial – informaram hoje as autoridades.

Fontes oficiais afirmam que entre os detidos se encontra Rossela Simone, de 37 anos, mulher de um dirigente das Brigadas Vermelhas, a cumprir pena de prisão.

A Polícia referiu que estas prisões ocorreram no mesmo dia em que dois militantes armados das Brigadas Vermelhas mataram um industrial da Ercole Marelli, no metropolitano de Milão.

Comuns "perdem a cabeça" com o governo Thatcher

A Câmara dos Comuns viveu na quint-feira uma das sessões mais tumultuosas da sua história quando um grupo de deputados trabalhistas impediu fisicamente a entrada do Mensageiro Real que deveria encerrar a actual Legislatura.

O facto, que tem apenas um precedente similar em 1926, foi provocado pela decisão governamental de anunciar um aumento entre 30 a 40% das rendas de casas municipais sem possibilidade de debate na Câmara.

Enquanto os deputados trabalhistas pediam a anulação da decisão governamental, o presidente do Parlamento deu por terminada a sessão e reclamou a entrada na sala do Mensageiro Real para o encerramento da Legislatura.

No entanto, um grupo de deputados trabalhistas dirigiu-se para a porta e bloqueou fisicamente a entrada do representante do Reino.

O presidente do Parlamento, perante o desafio à sua autoridade e o clima tenso que reinava, suspendeu a sessão duas vezes por períodos de dez e quinze minutos, mas a ordem só se restabeleceu quando o ministro do Meio Ambiente, Michael Heseltine, anunciou a retirada da decisão governamental.

No exterior do Parlamento, já de madrugada, ocorreram vários incidentes. Um membro do Governo afirmou ter sido agredido por deputados trabalhistas e um grupo destes disse ter recebido insultos do primeiro.

Situação incerta em Abadan

A guerra entre o Irão e o Iraque entrou hoje no seu 56.º dia com ambos os países a reivindicarem vitórias sobre a cidade iraniana de Abadan.

O Iraque indicou que os seus tanques «apertaram o cerco em Abadan» apoiados em barragens de artilharia e ataques de heli-canhões.

O Irão, através da agência PARS, referiu que as suas forças contra-atacaram ao longo do rio estratégico de Bahmanshir, que banha a parte norte e sul do flanco leste de Abadan.

Adiantou que foram montadas posições permanentes a leste do rio pela primeira vez desde a ocupação iraquiana e que foram logradas as tentativas do inimigo para se movimentar ao longo das pontes móveis.

Todas as nações árabes produtoras de petróleo na zona do Golfo apoiaram o protesto da Arábia Saudita contra o ataque aéreo sobre um posto avançado no deserto do Kuweit, próximo da principal zona de guerra entre o Irão e o Iraque.

O Kuweit, o segundo maior exportador de petróleo do golfo, elaborou um protesto formal contra o Irão pelo bombardeamento na quarta-feira do seu posto fronteiriço em Al-Abadali, ao longo da auto-estrada Kuweit-Iraque, e pediu ao Governo iraniano garantias contra uma repetição do ataque.

Entretanto, o Conselho Supremo de Defesa iraniano decidiu reduzir as relações do país com a Jordânia do nível de embaixador para o de encarregado de Negócios, noticiou a Rádio de Teerão.

A decisão foi tomada com base na «atitude hostil adoptada pelo Governo jordano face ao Irão na guerra com o Iraque», precisou a emissora, citando um porta-voz do Conselho.

O monarca jordano, Hussein, tem manifestado abertamente o seu apoio ao Iraque desde que as hostilidades foram iniciadas em 22 de Setembro.

Na sua reunião, o Conselho Supremo de Defesa passou em revista a situação militar.

Segundo a PARS, trezentos soldados iraquianos foram mortos no decurso de uma «vasta operação que terminou com êxito» na região da Ahvaz.

Na mesma operação foram destruídos entre oitenta a cem tanques inimigos, adiantou a agência noticiosa iraniana, sem mencionar a ocorrência de baixas nas fileiras nacionais.

Por sua vez, o Iraque reivindicou a eliminação de 74 soldados das tropas inimigas, o abate de onze aviões e a destruição de três tanques e seis peças de artilharia em combates de terra e ar travados na sexta-feira.

Um comentário da NOVOSTI

Maquinações contra o desanuviamento

O encontro de Madrid ainda se não tinha iniciado e já alguns jornalistas, nos seus artigos, falavam no fracasso: um «pessimismo» que não é novo na Europa e cresceu nos últimos tempos, escreve, da capital espanhola, o enviado especial soviético, Spartak Beglov, da agência «Novosti».

Nas salas do Palácio dos Congressos de Madrid, onde se reúnem as delegações à Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa, e nos corredores, diplomatas e jornalistas referem-se com frequência ao «forum» chamando-lhes «processo iniciado em Helsínquia». Entretanto não é difícil verificar que esta noção tem interpretações diversas. Para certos políticos ela constitui apenas uma espécie de passaporte para as intrigas contra os países com outro sistema social.

A Acta Final é por estes apresentada como se apenas respeitasse aos direitos do homem na União Soviética e nos outros países socialistas europeus. Como se o «processo iniciado em Helsínquia» servisse unicamente para privar os povos da Europa de Leste do seu direito soberano de resolverem eles próprios os seus problemas e, simultaneamente, permitir aos «protectores» no Ocidente iludir as suas responsabilidades em relação ao direito principal do homem: o direito à vida num clima de paz.

A Acta Final de Helsínquia tem, de facto, diversas componentes. Mas todas elas estão subordinadas a um objectivo principal para todos os povos europeus: salvaguardar a paz, impedir o regresso a um passado de guerra, caminhar para um futuro liberto dessa ameaça, pela aplicação de medidas capazes de reforçar a confiança e baixar o nível da confrontação militar. E esta a visão global que a União Soviética e os países socialistas têm procurado manter presente para toda a Conferência de Madrid.

Toda a sessão preparatória do encontro, que durou mais de dois meses, foi gasta a discutir a interpretação da Acta Final. Os EUA e alguns dos seus aliados atlânticos propuseram-se transformar o encontro de Madrid numa arena de confrontação. Os representantes americanos chamam à sua táctica de «exame normal da aplicação da Acta Final pelo mundo socialista».

Trata-se, na realidade, da tentativa de impor à Conferência uma discussão interminável de carácter propangandístico que impedirá certamente, a adopção de novas medidas construtivas no âmbito do desanuviamento.

A URSS, pelo contrário, afirma o seu empenhamento na aplicação das recomendações adoptadas anteriormente, por todas as partes e em todos os domínios. Também nós – dizem os representantes – temos questões a pôr ao Ocidente. As mais importantes estão relacionadas com a corrida, sem precedentes, aos armamentos. Há ainda as tentativas de boicote económico dos EUA contra a União Soviética. E os Estados capitalistas terão dificuldades em explicar por que atrasam tanto, em relação aos seus vizinhos de Leste, o intercâmbio cultural. Era também interessante saber quais as medidas tomadas em Londres, Bona, Washington e noutras capitais, para melhorar a situação dos imigrantes e o que se faz para assegurar o exercício dos direitos sociais e políticos dos cidadãos.

Tudo isto – continuam os referidos representantes – são partes que integram a Acta Final de Helsínquia. Mas a questão está em saber se é necessário conferir a esta troca de pontos de vista a forma de um pugilato. A nosso ver – acrescentam – o espírito do confronto pode enfraquecer o de cooperação, entravará a procura de um compromisso e a elaboração de pontos de vista comuns. E esta é a opinião não só dos países socialistas, mas também de muitos outros participantes na Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.

"A conferência está salva"

A Conferência de Madrid já tem ordem do dia e, assim, já não morre. O espírito de Helsínquia tão-pouco agoniza e a ameaça de uma nova guerra-fria ficou oportunamente arquivada até outra ocasião.

O compromisso chegou através de uma proposta comum de sete países – Áustria, Chipre, Liechtenstein, Malta, São Marino, Suécia e Jugoslávia – sete países neutrais e não alinhados.

O ministro sueco dos Negócios Estrangeiros, Ola Ullsten, foi o primeiro que deu aos jornalistas o título ideal para a crónica da jornada: «A Conferência de Madrid Está Salva».

Por seu lado, o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Leonid Illychov – o homem que, após consultar Moscovo, deu o «sim» – comentou em conferência de Imprensa: «Por fim triunfou o bom, senso».

Segundo Illychov, «o compromisso ontem alcançado não é mais do que o reflexo da voz dos povos do Mundo, que querem paz e desanuviamento, e foram escutados no foro da CSCE».

O clima de optimismo também se reflectiu nas primeiras impressões da delegação norte-americana. «Percorreu-se um longo e difícil caminho até ao entendimento. Agora, já se pode trabalhar», disse um porta-voz à agência «EFE»

Javier Ruperez, chefe da delegação espanhola, qualificou a proposta como equilibrada e acrescentou: «Não houve nem vencedores nem vencidos».

Depois de dez semanas de colapso, a esperança surgiu com a proposta do grupo de países neutrais e não alinhados: seis semanas para que a Conferência debata os temas para que foi criada, a promoção dos direitos humanos e o desanuviamento Leste-Oeste.

Segundo a nova ordem do dia, as duas primeiras semanas destinam-se ao protocolo inaugural, as três seguintes à revisão do cumprimento da Acta de Helsínquia e a sexta à explicação das propostas apresentadas.

Desporto

Europeu de judo

Ouro para a RDA no primeiro dia

O português Pedro Teixeira venceu um combate e perdeu dois na jornada inaugural do campeonato europeu junior de judo a decorrer no Pavilhão dos Desportos em Lisboa.

Teixeira (dezassete anos do Clube de Judo de Lisboa), começou por perder por «IPPON» no chão, depois de ter sofrido um «WAZARI» na categoria de menos de sessenta quilos, com Paluscher, da RDA, que viria a conquistar o título.

Na sua «POULE», de três atletas, Teixeira ganhou por decisão ao israelita Kuaz. Apurado viria a perder depois, por desclassificação com o soviético Miakonki. Das três medalhas de ouro em disputa a República Democrática Alemã conquistou duas.

Nas finais, Paluscher (RDA) bateu Bregion (França) por «IPPON» no chão (menos de sessenta quilos), Divishenko (URSS) venceu Brand (RDA) por decisão (menos de 65 quilos) e Olhorn (RDA) bateu Berovachivili (URSS) por castigo do soviético (mais de 95 quilos).

Classificações das categorias ontem disputadas: menos de sessenta quilos: 1. Paluscher (RDA); 2. Bregion (França); 3. Miakonki (URSS) e Chanson (Suiça), menos de 95 quilos: 1. Divishenko (URSS); 2. Brand (RDA); 3. Fazi (Itália) e Gauthert (França). Mais de 95 quilos: 1. Olhorn (RDA); 2. Berovachivili (URSS); 3. Salonen (Finlandia) e Oudshoorn (Holanda).

Viren despede-se

O finlandês Lasse Viren, campeão olímpico dos 5000 e dos 10.000 metros em 1972 e 1976, vai despedir-se do atletismo, internacionalmente, em 22 deste mês, num crosse de oito quilómetros a disputar em Gateshed, perto de Newcastle, Inglaterra.

Lasse Viren participará nesta prova, organizada pelo antigo atleta britânico Brendan Foster, em companhia do seu compatriota Karlo Naninka, medalha de prata dos 10.000 metros nos Jogos de Moscovo.

Futebol só dos "segundos"

Mas pode-se ir à Luz ver a Selecção

Com a interrupção do campeonato «maior» de futebol, (por motivo do encontro e da preparação dos portugueses para o jogo com a Irlanda), este fim-de-semana será de «defeso», facto que não obsta a que prossigam os campeonatos dos «segundos» e dos «terceiros».

No caso da 2.ª Divisão, hoje, (poucas horas após a saída desta edição do «DL») encontram-se o Sanjoanense -Ermesinde e o Nacional - Est. Amadora. Domingo contudo, é o dia em cheio com os desafios que porão frente a frente: Paços de Ferreira - Leixões; Riopele -Famalicão; Chaves - Salgueiros; Rio Ave - U. Lamas; Fafe - Vizela; Amarante - Bragança; Mirandela - Gil Vicente; Estrela -Beira Mar; Oliveirense - Portalegrense; Viseu e Benfica -União de Santarém; Cartaxo -Agueda; Nazarenos - Caldas; Sporting da Covilhã - Torriense; Oliveira do Bairro - Benfica de Castelo Branco; União de Leiria -Ginásio de Alcobaça; Montijo -Beja; Odivelas - Quimigal; Estoril - Oriental; Sacavenense - Silves; Lusitânia de Evora - Juventude Farense e Vasco da Gama -Cova da Piedade.

No Nacional da 3.ª Divisão (que como o da 2.ª vai na sua nona jornada) jogam hoje (com início às 16 horas): Feirense -Vila Real; Oliveirense - União e Cabeça Gorda - Aljustralense. Amanhã disputam-se os seguintes jogos: Série A – Mirandês -Vianense, Monção - Aves, Ribeirão - Valdevez, Moreirense -Prado, Taipas - Cabeceirense, S. Martinho - Merelinense, Neves - Aguiarense e Limianos -Mogadourense.

Série B – Paredes - Esmoriz, Vilanovense - Valonguense, Tirsense - Leça, Oliveira de Frades - Lixa, Lamego - Infesta, Estarreja - Valadares e Paços de Brandão - Lourosa.

Série C – Esperança - Anadia, Guarda - Fornos de Algodres, Marialvas - Lousanense, Penalva do Castelo - Naval, Tondela - Alba, Mangualde - Febres, U. Coimbra - Barco e Vildemoinhos - Vilanovense.

Série D – Rio Maior - Tomar, Alcanense - Nisa, Guiense -Bombarralense, Vieirense - Marrazes, Pataiense - Marinhense, Coruchense - Pombal, Alferrarede - Campomaiorense e Peniche - Torres Novas.

Júlio, Chalana e Carlos Manuel ao «sprint», numa das fases de preparação da «nossa selecção» para o jogo da próxima quarta-feira com a Irlanda. Amanhã será dia de descanso mas, hoje, (aponta-se para as 18 horas) ainda haverá muito movimento dos seleccionados, que jogarão com o Benfica no seu estádio

Agora são ainda dezassete. Para a «quarta-feira irlandesa» que «onze» sairá do grupo que vemos na imagem (?), constituído por: (em pé) seleccionador-treinador Juca, Eurico, Júlio, Manuel Fernandes, Nené, Damas, Pietra, Laranjeira, Shéu, Simões e o professor José Falcão. Ajoelhados vêem-se: Jordão, Gabriel, Carlos Manuel, Teixeira, Bento, Chalana, Alves e Costa

Série E – Almada - Camarate, Elvas - Vilafranquense, Atlético -Pêro Pinheiro, Olivais - Tires, Alverca - Loures, Vitória- Malveira e Bucelenses - Alcochetense.

SERIE F – Comércio e Indústria - Olhanense, Lusitano - Santiago do Cacém, Campinense -Pescadores, Trafaria - Sesimbra, U. Montemor - Esp. Lagos, Seixal - Alvorense e Barreirense - Paio Pires.

Romeu «seguro»

Os olhares estavam de certo modo concentrados em Romeu, o qualificado jogador que enverga a camisola do FC do Porto, e isto porque o contrato que o vincula ao clube das Antas expirava agora o seu prazo, tendo-se chegado a aventar a sua saída. Esta não virá, contudo, a acontcer posto que Romeu acaba de assinar por mais três épocas.

Recorda-se que outros jogadores da colectividade do Norte terminam por esta altura os seus contratos, admitindo-se sempre a possibilidade de um ou outro «fugir» à renovação. Para já Romeu ficou «seguro».

Viseu: um passo em frente

Hoje, vai de longada até Viseu caravana pouco normal: uma larga dúzia de jornalistas desloca-se à bela cidade das Beiras para a inauguração de um Centro de Estágio e Recuperação que o Académico Visiense, mercê do entusiasmo e da bolsa de um escasso punhado de bons amigos, fez nascer numa residencial que esses «carolas» adquiriram e apetrecharam convenientemente para o objectivo em vista: o apoio aos seus atletas e, de braço dado, a assistência a associados da colectividade do fontelo que careçam de recuperar de acidentes físicos.

Na base desta iniciativa estão dois homens que, em hora extremamente difícil, tomaram as rédeas do Académico de Viseu: Armando Mões e António Joaquim Ferreira, este último o dirigente que duramente castigado por uma atitude intempestiva no decorrer do embate Benfica – Académico de Viseu, não desanima no propósito de continuar a colaborar estreitamente com o clube que é a menina dos seus olhos e, simultaneamente, não desiste no percurso até à justiça que pretende para o emblema visiense, único representante das Beiras no grande aerópago do futebol.

Enquanto lá por fora o Estado, através de um largo incentivo ao Desporto, contribue para o erguer de clubes desportivos, para um real incremento à causa da Educação Física, em Portugal a estranha apatia de sucessivos e palavrosos governos continua a obrigar homens como Armando Mões e António Joaquim Ferreira a rasgarem os cordões à bolsa e a proverem com o seu dinheiro as carências de símbolos desportivos, a quem tudo se exige e nada se oferece.

Homens que estão permanentemente no fio da navalha: ou defendem acrisoladamente o clube em que empenharam palavra e dinheiro ou, rolando para o conformismo, acabam por tombar no esquecimento, no desdém, no mesmo desprezo em que – hoje e ainda – são considerados os emblemas de menor projecção em paralelo com os maiorais que bem conhecemos onde, ditatorialmente, toda a gente é protegida: seja roupeiro ou treinador, futebolista ou presidente.

Neves de Sousa

Hóquei — "Mundial"

Sorteio não terá sido o melhor para Portugal

O seleccionador português Correia de Brito admitiu que o sorteio da fase final do «Mundial» de hóquei em patins não terá sido o melhor para Portugal. O técnico da selecção das «Quinas» disse preferir que os jogos com os adversários mais perigosos «fossem mais espaçados entre si». Portugal vai defrontar a partir da segunda jornada a Argentina (actual campeão do Mundo) Itália, Espanha e Chile.

«Preferia também defrontar a Espanha logo na primeira jornada, pois os espanhóis não devem vir muito confiantes da fase de apuramento em Santiago e não conhecem o rinque de Talcahuano tão bem como nós» – acrescentou. Por outro lado, disse que o jogo com a Argentina não vem em boa altura. «Corre-se o risco de o título mundial ser decidido logo na segunda jornada», comentou Correia de Brito.

Para o seleccionador espanhol Roca o sorteio é indiferente, pois, afirmou «para se conquistar o título tem de se ganhar todas as partidas». «Todos os jogos são muito importantes e não creio que existam vantagens ou desvantagens especiais por a ordem dos adversários ser esta ou aquela» sublinhou o responsável da Espanha.

Para Roca, o sorteio é a forma «mais honrosa» de ordenar o calendário e concordou que a sua equipa, na primeira fase da competição, não esteve à altura.

«O rinque ao ar livre teve muita influência, pois aquecia com facilidade tornando a bola mais macia. Penso, porém, que agora tudo vai ser diferente», afirmou esperançado.

«Velhos conhecidos», assim classificou Roca os jogadores portugueses que, segundo o seu pensamento «continuam a formar uma grande equipa, que nenhum adversário deve subestimar».

O técnico da Argentina, Santos Alvarez disse não ter ainda «estudado profundamente» o calendário da fase final

Quanto a defrontar Portugal logo na segunda jornada, respondeu da forma mais simples – «em qualquer altura teriamos de jogar com a selecção portuguesa».

«Quanto a isto de sorteio não há que tecer lamentos. Todos vamos ter de jogar contra todos» – concluiu Alvarez.

Sobrinho diz das suas razões

João Sobrinho, vice-capitão da equipa portuguesa que está a disputar o «Mundial» de hóquei em patins, afirmou ter existido **alguma falta de humildade na selecção** até ao jogo com os Estados Unidos.

O médio português disse que a causa principal residiu numa **certa clubite** que, acrescentou, **julgo ter ficado ultrapassada depois do jogo de quinta-feira.**

A prova é que os jogadores que ficaram de fora apareceram na cabina depois do jogo, o que não tinha acontecido no final dos dois primeiros encontros, revelou Sobrinho.

Para o hoquista do Sporting, outros dois objectivos importantes foram conseguidos no embate com os Estados Unidos: a recuperação psicológica de Chana e a definição do cinco-base.

Todos tinham vontade de jogar e o seleccionador criou uma indecisão muito grande em toda a equipa ao não definir o cinco-base. Penso que essa definição devia ter surgido ainda em Lisboa, criticou Sobrinho.

Para o médio português, Chana foi o mais afectado pelas dúvidas do seleccionador, **pois era indiscutível para toda a gente que ele devia fazer parte do cinco.**

Felizmente, prosseguiu, **que chana na segunda parte do jogo com os norte-americanos já apareceu a conduzir a bola e a ser o jogador com o ânimo e a vontade que é proprio dele.**

MICROSCÓPIO

Hoje às 21.30:

Benfica-Atlético

O Campeonato Regional de Lisboa da 1.ª Divisão tem hoje, no Pavilhão da Luz (21 e 30), um jogo a chamar a atenção dos adeptos do basquete. Referência concreta ao encontro entre o Benfica e o Atlético.

Campeonato de cama elástica

Vai decorrer já no próximo dia 22, no Salão da Sociedade Alhandrense, o campeonato nacional de trampolim (cama elástica). Encontram-se inscritos na competição ginastas do Clube Desportivo Cimpor-Alhandra e do Sporting Club de Portugal.

Atletismo nos Olivais

Na linha das centenas de provas de atletismo organizadas por clubes de bairro, tambem o Clube de Atletismo dos Olivais promove no proximo dia 30, pelas 9 e 30, nos arruamentos daquele bairro lisboeta, uma competição designada por 2.º Festival de Outono.

«Atletas do ano»

O recordista mundial do Decatlo, Guido Kratschmer, e a campeã mundial dos três mil metros, Birgit Friedman, foram proclamados «Atletas do Ano» na República Federal da Alemanha. A votação foi promovida pela Federação Alemã de Atletismo, entre os leitores da revista oficial da federação.

Hernandez conserva título

O espanhol Carlo Hernandez conserva o seu título europeu dos pesos super meios-leves ao ter vencido o italiano Aristide Pizzo por KO, ao 7.º assalto.

Jabouille saiu da clínica

O piloto francês de Fórmula Um Jean-Pierre Jabouille, que ficou gravemente ferido, no decurso do último Grande Prémio do Canadá de Fórmula Um, deixou a clinica do professor Judet em Paris, onde estava internado.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEMANA

Rogério Paulo completa hoje trinta anos de profissional

Rogério Paulo, actor-encenador de teatro, actor de cinema, rádio e televisão, publicista com vários livros publicados e colaboração em quase uma dúzia de revistas e jornais, completa hoje 30 anos de carreira profissional.

Estreou-se no dia 15 de Novembro de 1950, em Vila Franca de Xira, com a Companhia Alves da Cunha. Parece que foi ontem, mas dos elementos que faziam parte dessa companhia, só estão vivos quatro: o próprio Rogério Paulo, Clarisse Belo, Pizani Burnay e Emília Duque. Morreram já Alves da Cunha, Ema de Oliveira, Beatriz de Almeida, Luís Filipe, Luís de Campos e João Calazans.

R.P. — «Na altura em que me estreei como profissional era estudante de medicina e trabalhava em 'part-time' como delegado de propaganda médica no Instituto Pasteur. Fazia umas coisas como amador no Teatro Estúdio do Salitre, dirigido por Gino Saviotti, recentemente falecido. Foi ele que me abriu os olhos para o teatro e me apresentou ao Alves da Cunha».

«DL» — Como é que foste parar ao Teatro Estúdio do Salitre?

R.P. — «Fui pela mão do Ricardo Alberty, que me apresentou ao Gino Saviotti. A primeira peça em que entrei foi o **Rei Veado,** de Carlo Gozzi, e a primeira pessoa com quem contracenei — imagina — foi com o David-Mourão Ferreira, era ele estudante de Letras. O secretário do grupo era o Luís Francisco Rebelo».

«DL» — Lembras-te do teu primeiro encontro com o Alves da Cunha?

R.P. — «Recebeu-me em pijama e camisola interior. Mirou-me de alto a baixo e disse: 'O senhor não se importa de se levantar. O senhor tem boa planta, não precisa de começar por entrar com uma bandeja'. Alves da Cunha estava a preparar uma 'tournée' com **O dr. Juiz,** de Roger Ferdinand. Contratou-me logo e distribuiu-me um papel de responsabilidade.

«DL» — Assim, sem mais nem menos?

R.P. — «Estas coisas não surgem de geração espontânea. Lembro com saudade os primeiros ensaios com Alves da Cunha, a solicitude dele, o cuidado e a atenção que me dedicou, como se do meu êxito dependesse também o prestígio dele. A 'tournée', que durou mais ou menos um mês, pelo país fora, foi o meu Conservatório. Passou despercebida. Quando acabou, pensei que a aventura em que me tinha metido não teria continuidade».

«DL» — Como profissional, onde é que te estreaste em Lisboa?

R.P. — «Foi no Belém Clube, no âmbito da tal 'tournée'. Em meados de 1951, a Companhia que então estava no Ginásio (Alves da Cunha, Lucinda Simões, Eunice Muñoz, Fernando Gusmão, etc.) resolveu pôr a peça em que eu me tinha estreado. A temporada tinha corrido mal e havia um buraco na programação. Era preciso apresentar um espectáculo no mais curto espaço de tempo, e como **O dr. Juiz** já estava praticamente pronto...».

Os novos e os mais velhos

«Lembro-me que no dia da estreia, quando acabou a peça, o Alves da Cunha agarrou-me pelo braço e, nos agradecimentos, pôs-me à frente da companhia, como se quisesse significar ao público: 'Este é o meu aluno'. Foi nessa altura que se me abriram as portas da carreira. Tinha grande importância um primeiro actor apresentar um novo. Apesar de tudo quanto então estava mal no teatro português eram tempos em que os jovens não tinham vergonha de aprender com os mais velhos, e estes não desconfiavam dos mais novos, não lamentavam o tempo que perdiam a ensiná-los».

«Depois estive cinco anos no Teatro Nacional, cinco anos decisivos para mim, sem os quais não sei se a minha vida de profissional do teatro teria tomado o rumo que tomou... A estabilização na carreira devo-a a duas pessoas, a quem sou muito grato: Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro».

«Sempre que puderem, os jovens devem trabalhar com actores antigos, embora, bem entendido, não devam copiá-los, pois é certo que, apesar do talento, da boa vontade e da cultura, inexperiência mais inexperilência só pode dar inexperiência. Em Portugal, uma opinião destas pode parecer conservadora, mas lá fora, em países e sociedades onde o teatro não faz figura de parente pobre, é adoptada como uma regra de ouro.»

«DL» — Momentos de maior impacto na tua carreira?

R.P. — «Oh tantos: a minha estreia, a primeira vez que representei no Teatro Nacional, a estreia de **O Tinteiro,** no Teatro Moderno de Lisboa (uma pedrada no charco dada por uma cooperativa de actores, sem subsídios nem empresários), a entrega, em Paris, do Primeiro Prémio do Curso Superior do Teatro das Nações, obtido entre 58 estagiários de 24 países (como premiado estava sentado ao lado de figuras tão insignes como Giorgio Strehler, melhor encenador do Festival, e Dame Peggy Ashcroft, melhor actriz), enfim, tantas recordações gratas da minha vida...».

«Passei ali cinco anos decisivos...»

«A Morte de um Caixeiro Viajante» (Abril de 74)

«DL» — Tens trabalhado muito no estrangeiro...

R.P. — «Sim, e também tenho algumas boas recordações do meu labor lá fora, como quando encenei na Bélgica **O Gebo e a Sombra,** do Raul Brandão, ou em Cuba **A Traição do Padre Martinho,** do meu saudoso e querido amigo Bernardo Santareno, ou ainda quando apresentei em Paris em 1973, sem nenhum apoio das entidades oficiais, «O Juiz da Beira», do Gil Vicente (a Casa de Portugal, a que presidia o senhor José Augusto, contribuiu com... três mil escudos para ajudar a comprar roupas para fazer a peça; se não fosse a direcção do Teatro das Nações ter financiado tudo...)».

«Outro momento importante passou-se por alturas da Revolução de Abril, quando estava a representar **A Morte do Caixeiro Viajante** no Teatro Maria Matos. O teatro esteve fechado no dia 25. Na noite de 26, quando reabriu as portas, antes do espectáculo, eu avancei até ao proscénio e saudei, em meu nome e no da Companhia, a Revolução Libertadora, anunciando que era a primeira vez, em 24 anos de carreira, que ia representar sem censura. Estava lá a televisão. Alguns dias depois, recebi uma carta de um amigo da província que me escreveu a dizer que só nesse dia tinha percebido o que era aquele movimento».

Rogério Paulo retratado por António Domingues

«Fui aluno de Jean Vilar...»

«Fui aluno de Jean Vilar, de quem guardo uma recordação inesquecível. Era «un grand monsieur» no mundo teatral europeu. Conheci Helena Weigel, viúva de Brecht, com quem estive em Moscovo, o Vittorio Gassman, o Paolo Grassi, hoje administrador do Scala de Milão, o René Allio, quando estava na Universidade do Teatro das Nações (ajudou-me muito nos cenários de «O Juiz da Beira»), Arthur Adamov, com quem ia ter ao «Old Navy», onde ele aparecia com fome mas com uma dignidade de compostura inesquecível... Adamov levou sempre uma vida terrível, mas não se rendeu até ao final. Pobre França: enquanto um Buffet ou uma Françoise Sagan enriqueciam, Adamov passava fome...»

Pessoas fundamentais na minha formação foram o António Sérgio, com quem estava todos os sábados, o Professor Vieira de Almeida, Eduardo Salgueiro (editor da Inquérito), que me apresentou a todas essas pessoas, Alves Redol, Bento de Jesus Caraça, Amílcar Cabral, de quem me orgulho de ter sido amigo e que teve uma enorme influência na minha formação humanística. Não sei se sabes que nasci em Angola e pertenci à direcção da Casa dos Estudantes do Império...»

Penso que é dessas influências da minha juventude que provém o meu não sectarismo. De me ter formado no contacto com todos esses espíritos libérrimos, por um lado, e por outro de ser filho de mãe protestante e pai católico. Sou oriundo da média e não da pequena burguesia: fui educado em Cascais... A minha opção política e ideológica implicou um salto de classe...»

«Ao fim destes trinta anos, mantenho-me fiel a um princípio que aprendi com António Sérgio (está no segundo volume dos Ensaios): 'O ódio pesa muito a quem o transporta e não pesa nada a quem o recebe'. Nunca odiei ninguém. Só há um sentimento, ao fim destes trinta anos, que não consegui afastar — às vezes sinto um profundo desprezo por certas pessoas... Quando era jovem, tinha afixada na parede do meu quarto uma frase da Eleonora Duse: 'Onde não puderes amar não te demores'.

«O Judeu» no Nacional

«D.L.» — E agora, Rogério, em que ponto estamos?

R.P. — Estou a preparar, neste momento, para o Teatro Nacional, o famoso «Judeu», de Bernardo Santareno. Encarrego-me da adaptação cénica do texto, da dramaturgia e da encenação. Sou o encenador que mais peças de Santareno encenou até hoje. Era amigo dele como se fosse meu irmão. Trabalhámos juntos no arranjo do texto. Com a morte dele fiquei sozinho, às voltas com a tremenda responsabilidade de levar por diante esta tarefa e com a carga emocional que deriva do facto de ele ter pedido para se despedir de mim antes da **última operação».**

«Considero 'O Judeu' uma das maiores peças da dramaturgia portuguesa de todos os tempos. Não tenho encontrado dificuldades por parte da direcção do Teatro e, felizmente, beneficio da solidariedade colectiva de técnicos e artistas, mesmo dos que fazem pequenos papéis, para fazer esta peça. E a maior aposta artística da minha carreira».

«D.L.» — Tens viajado muito...

R.P. — **«É uma das facetas positivas da minha carreira, e são-me bastante gratas as viagens que fiz ao Brasil, as minhas quatro visitas à União Soviética, onde estabeleci relações de amizade com os melhores actores e onde nunca me falaram de política e só de teatro, as minhas estadas no Brasil, na Bélgica, etc. E devo dizer-te, sem vaidade, que essa minha actividade no estrangeiro, teve alguns momentos bastante altos, como quando fiz o protagonista do «Marco António», de Shakespeare, no Cirque Royal, em Bruxelas, numa encenação de Adrian Bryner, do «Royal Court», de Londres.»**

«D.L.» — Tu tens muitos amigos no teatro e fora dele, e sei que os teus colegas te vão prestar esta noite uma homenagem íntima na Casa do Alentejo, durante a Festa do Sindicato...

R.P. — «Sabes uma coisa: trinta anos de teatro, num meio como o nosso, é muito tempo para que uma pessoa não tenha feridas difíceis de cicatrizar. Mas o que te posso dizer é que isso não é nada quando se tem muitos amigos e esses amigos nos estimam.»

Agenda

CINE/PONTO

Annie Hall

de Woody Allen
(USA-1977)

Talvez o cume da carreira de Woody Allen, filme mágico que se faz e se analiza ao mesmo tempo, trabalho que integra a vanguarda e o comércio. E Diane Keaton é genial.
Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30)
(Não acons. men. 18 anos)

A Laranja Mecânica

de Stanley Kubrick
(GB-1971)

Preparando o terreno para **The shining** que estreia já para a semana, este filme de Kubrick entra em últimas exibições. Uma película inquietante e vertiginosa, um registo que Kubrick ainda não voltou a encontrar.
Cinema City Cine (14.30, 19 e 21.30)
(Interdito a men. 18 anos)

Gloria

de John Cassavetes
(USA-1980)

O outro lado do sonho americano. A violência e a cidade, as regras do jogo e os preços a pagar. Gena Rowlands num filme de John Cassavetes ou a perigosa aventura de uma mulher contra o mundo.
Cinemas Satélite e Xenon (Interdito a men. 13 anos)

O Cavalo Negro

de Carroll Ballard
(USA-1979)

Com a «ajuda» de Copolla, Ballard entra com o pé direito no campo da longa metragem de ficção. Filme de crianças mas cujo sabor só é, talvez, perfeitamente apreciado por adultos, **O Cavalo Negro** é uma daquelas gratas surpresas que, de vez em quando, acontecem.
Cinema ABCine — sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45)
(Para todos)

Benvindo, Mr. Chance

de Hal Ashby
(USA-1979)

Peter Sellers no melhor trabalho da sua vida. Ashby a acertar na **mouche** após uma série de filmes desequilibrados. Outra das grandes surpesas em exibição.
Cinema Berna (14, 16.30, 19 e 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

La Luna

de Bernardo Bertolucci
(Itália-1979)

Aqui, se há surpresa, ela é inversa. Bertolucci filma um argumento inconsistente de uma forma magnífica e o resultado é desconcertante: ora nos entusiasmamos, ora nos aborrecemos mortalmente.
Cinema Nimas (13.45, 16.15, 19 e 21.45)
(Interdito a men. 18 anos)

Joaquim Rosa e Joaquim Manuel Dias em «Manhã Submersa»: cinema pensado e fabricado em português

Manhã Submersa

de Lauro António
(Portugal-1979-80)

A fazer uma interessante carreira, este filme de Lauro António é o primeiro de um conjunto de filmes portugueses que podem reconciliar o público com o cinema que por cá se faz. Embora sem rasgos, **Manhã Submersa** é um trabalho escorreito por onde, subterraneamente, passam muitas das questões decisivas destes dias.
Cinema Quarteto — sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00)
(Não acons. men. 13 anos)

American Gigolo

de Paul Schrader
(USA-1979)

Schrader evita o contágio. **American Gigolo** é um filme quase antisséptico.
Cinema Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30)
(Não acons. men. 18 anos)

All That Jazz

de Bob Fosse
(USA-1979)

Um filme dolorosamente falhado. Apesar de posuir em si um forte impulso de honestidade e de vertigem, **All That Jazz** não sabe demarcar os limites do seu funcionamento: enquanto espectáculo musical é excelente, sempre que se quer visionário **(à la Fellini)** desilude sem remédio.

Cinema Quarteto — sala 1

(15, 17.30, 20.30 e 23.00) e sala 2 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00)
(Não acons. men. 18 anos)

Hair

de Milos Forman
(USA-1978)

Extemporânea reposição apátrida de Milos Forman. O comércio tem razões que a razão desconhece.
Cinema S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30)
(Interdito a men. 13 anos)

A Arvore de Guernica

de Fernando Arrabal
(França-1975)

Arrabal perde em força e ganha em tiques. Só uma solidariedade antifascista o torna suportável.

Cinema Quarteto — sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.00)
(Interdito a men. 18 anos)

O Brinquedo

de Giuliano Montaldo
(Itália-1979)

Um filme a que falta a economia de meios necessária para edificar uma obra sólida sobre uma ideia que é, à partida, interessante. Demasiado longa e disperso, **O Brinquedo** salda-se por uma franca decepção.
Cinema Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30)
(Interdito a men. 13 anos)

Capítulo Segundo

de Robert Moore
(USA-1979)

Neil Simon escreve em série e desgasta-se. Só Marsha Mason torna este filme minimamente visível.
Cinemas Castil (15.30, 18.30 e 21.30) e Vox (14, 16.30, 19 e 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

As estrelas

Annie Hall	★★★★
Tess	★★★★
A Laranja Mecânica	★★★★
Gloria	★★★
O Cavalo Negro	★★★
Benvindo, Mr. Chance	★★★
La Luna	★★
Manhã Submersa	★★
American Gigolo	★★
All that Jazz	★★
Hair	★
A Arvore de Guernica	★
O Brinquedo	★
Capítulo Segundo	★

A «Chave»

★★★★ **Excepcional**
★★★ **Bom**
★★ **Interessante**
★ **Desinteressante**
● **A evitar**

O «TEATRO NACIONAL DE D MARIA II» APRESENTA NO
TEATRO DA TRINDADE (INATEL)

HOJE ÀS 16 E 21.30H.
AMANHÃ
SÓ MATINÉE ÀS 16H
a peça de
BERTOLT BRECHT

BAAL

versão:
JOSÉ FANHA/JOÃO LOURENÇO

dramaturgia:
VERA SAN PAYO LEMOS
música:
PEDRO OSÓRIO
assistência coreográfica:
ARMANDO JORGE
cenários e figurinos:
JOÃO VIEIRA
encenação:
JOÃO LOURENÇO

ESPECTACULO PARA MAIORES DE 18 ANOS • TODAS AS NOITES, EXCEPTO DOMINGOS E 2as FEIRAS AS 21 30 • SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS MATINÉES AS 16H

DESCONTOS: 50% A SÓCIOS DO INATEL, DE QUALQUER SINDICATO, CASAS DO POVO, CPTS, CENTROS DESPORTIVOS, ESTUDANTES E GRUPOS DE MAIS DE 20 PESSOAS.
BILHETEIRA ABERTA DAS 13 AS 19 HORAS - TEL. 32 00 00

ATENÇÃO PÚBLICO
MÓVEIS CONFIANÇA
GRANDE CAMPANHA

Quarto de criança desde 9 000$00 COMPLETO
Quarto de casal desde 15 000$00 COMPLETO

Estante sala moderna desde 16 500$00
Jogos de maples desde 10 500$00

TODA A GAMA DE MOBILIÁRIO AO DESBARATO

SALÕES DE VENDAS:
Estrada de Benfica, 174 (Junto ao Jardim Zoológico — a 500 m de Sete Rios)
Telefone 87 05 99 — LISBOA
Avenida 25 de Abril, 45 — Telefone 276 90 01 — ALMADA
Rua Ville Plaisir, 23-B — Antiga Rua 5 (Esquina com Rua do Trabalhador)
Telefone 204 22 44 — BAIXA DA BANHEIRA

A BAIXOS PREÇOS
A LINHA DE LUXO 80-81

CINEMA Sete Ponto Sete

Peter Firth e Nastassia Kinski em «Tess»

"Tess" de Roman Polanski

O que, à partida, faz de **Tess** um filme impressionante, não é tanto a magnificência da imagem, a grandiosidade dos meios ou a já requentada questão de saber se **Tess** é um filme enquadrado no universo de Polanski, ou uma porta aberta para uma «segunda carreira» após o beco que **O Inquilino** demonstrava; o que impressiona, em **Tess**, é, antes do mais, o seu lado romanesco esse sopro profundo que faz personagens e coisas, pessoas e **décors** desfilarem sob impulsos de ficção, obsessões muito antigas (o destino, a decadência aristocrática, o amor, a maldição de um nome...) num espaço cuja motivação central é o quase esquecido prazer de contar uma história e de a contar bem.

Nestes últimos anos têm-se a impressão de que a maioria dos filmes são feitos sob pressões de vária ordem (ou «fabricar» um sucesso, ou «denunciar» qualquer coisa, ou «descontruir» códigos) mas que que raros são os cineastas que ainda têm como âncora o gosto de contar histórias: Coppola (com **Apocalipse Now**), Wajda (com **A Terra da Grande Promessa**), Kubrick (de que toda a obra é atravessada pelo romanesco) Truffaut (sobretudo com **A História de Adèle H),** Malick (com **Dias do Paraíso**) são dos poucos realizadores que têm mantido viva essa funda componente do espírito humano sobre a qual se ergueu muita da força e da popularidade do cinema.

Tess desde a primeira sequência que se assume como membro dessa família: o encontro do pastor protestante com o pai de Tess em que se revelam as raízes aristocráticas da família miserável dos Durbeyfield (corruptela do nome dos d'Urberville), marca, com efeito, uma das características que definem o romanesco: uma situação anódina (um encontro num caminho) provoca revelações e despoleta acontecimentos que vão alterar radicalmente o provável destino dos personagens. E Polanski filma esse destino com um gosto quase perverso: ao entardecer, a decadência.

A palavra decadência é, no actual estádio da cultura ocidental, um quase-valor como se o gosto pela derrocada fizesse parte dos hábitos de uma sociedade de consumo que se sente ela mesma, em declínio. Mas Polanski não filma essa decadência com o objectivo comercial de se juntar a uma onda, pode mesmo dizer-se que ele evita rigorosamente tudo o que podia ser decadentista, economizando, narrativamente, sempre que há algo de violento em jogo para se deter sobre essa mulher. Toldada pelas asas do destino. A decadência está lá, uma burguesia endinheirada que compra títulos, um puritanismo hipócrita, conceitos de honra ocos e cruéis; mas não como efeito de retórica. E é nessa mulher (Nastassia Kinski, absolutamente espantosa) que convém centrar o nosso olhar.

Para dizer, antes de tudo, que ela não está só (longe disso) na galeria de personagens que o cinema ergueu. A sua tão falada semelhança com a Ingrid Bergman dos tempos de Hitchock (semelhança não só física mas psicológica — em ambas a mesma fragilidade propiciatória ao infortúnio, em ambas a mesma resistência interior que as faz excederem-se) não é mais que o reconhecimento implícito de uma tradição que o filme de Polanski retoma mas também renova, nomeadamente depurando o ronamesco cinematográfico de muita da ganga com que Hollywood e recobriu, ganga essa que esteve na causa directa da sua quase extinção. Com efeito **Tess** recusa todo e qualquer rodriguinho, toda e qualquer cedência ao empolamento e isto é de tal maneira conseguido que os sentimentos passam pelo **écran** como uma força, uma angústia, uma interioridade que impressiona.

Também ao nível da fotografia e da música, **Tess** consegue um equilíbrio surpreendente. Nunca o entardecer, a bruma, os campos, a noite nos parecem trabalhados fotograficamente com o fito de se imporem sobre os restantes componentes do filme, nunca a partitura sinfónica, de Sarde surge como elemento preponderante, mas, pelo contrário, há uma interligação que se traduz numa unidade muito sólida. E isto é tanto mais de realçar quanto outros realizadores de grande talento não souberam fugir ao desequilibrio (Kubrick com **Barry Lindon**, Malick com **Dias do Paraíso,** por exemplo, onde o lado de busca fotográfica relevava sobre todos os outros).

É claro que boa parte da justeza de **Tess** repousa em Nastassia Kinski, fulgurante descoberta de Polanski. Nastassia, que, para além de uma beleza lolitiana consegue, tal como a Ingrid Bergman dos melhores dias, um secretismo e uma dignidade que dão ao personagem toda a sua ambiguidade aristocrática, todo o peso de uma figura de nulher que o espectador nunca chega a penetrar. Polanski diz numa entrevista que as grandes vedetas femininas de Hollywood desapareceram porque as actrizes se começaram a despir no écran. Se isto é verdade, tomado à letra, parece-me igualmente verdade se tomado em sentido lato: as actrizes começaram a despir-se também por dentro, a perder espessura, a existirem como corpos sem chama, **gadgets** eróticos. Nastassia Kinski como que redescobre essa antiga postura e não é sem grata surpresa que, em face dela, o espectador se sente atravessado por sensações que há muito foram desaparecendo do **écran**.

Realização: Roman Polanski (França-G.B. 1979)
Argumento: Gérard Brach, R. Polanski e John Brownjohn, **segundo a novela «Tess of the d'Urbervilles»** de Thomas Hardy
Fotografia: Geoffrey Unsworth e Ghislain Cloquet
Cenários: Pierre Guffroy (**production designer**), Jack Stephens (**art director**)
Música: Philippe Sarde
Montagem: Alastair Mcintyre
Interpretação: Nastassia Kinski (**Tess**), Peter Firth (**Angel Clare**), LeighLawson (**Alec d'Urberville**) John Collin (**John Durbeyfield**) Rosemary Martin (**Mrs. Durbeyfield**), Suzanna Hamilton (**Izz**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo
Cinema: Apolo 70
Classificação: Interdito a menores de 13 anos
Duração: 180 minutos

Duras em Lisboa

Organizado pelo Centro Nacional de Cultura, e pelas ditribuidoras «V. O. Filmes» de Lisboa e «Hors-Champ» de Paris, está em curso no cinema S. Luiz uma retospectiva da obra de cineasta francesa Marguerite Duras, iniciativa que conta com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, da Câmara Municipal de Lisboa, da Embaixada de França e da Alliance Française.

O cinema de Marguerite Duras, inscreve-se num trabalho radical de busca nas margens do cinema instituído: firmado no peso do texto e do som como lugar de significação, rarefazendo a imagem e fazendo uma longa reflexão sobre a memória enquanto esteio do espaço cultural do Ocidente, Duras encontra-se entre o que de mais vivo e polémico acontece hpje no campo do cinema.

A distribuição comercial não tem trazido até nós qualquer dos filmes deste cineasta (embora **India Song** esteja anunciado há meses numa sala de Lisboa) e só através de festivais (nomeadamente o da Figueira da Foz) ou de ciclos especiais foi possível ao público português contactar com algumas obras de Duras, nomeadamente **Nathalie Granger, India Song, Baxter, Vera Baxter, Le camion, Détruire; dit-elle** e **Navire night**.

Com esta retospectiva (que abriu com **Hiroshima meu amor** de Resnais sobre texto de M. Duras; é possível uma visão ampla da totalidade do cinem daquela realizadora, experiênci fascinante de penetração em territórios contraditórios trilhados por alguém que não hesita em propor recusas, em levantar questões, em perturbar.

Espírito marcado por uma trajectória por onde passa a guerra e a Resistência, os campos nazis e o Partido Comunista Francês (onde militou nos anos 50) a desestalinização e o Gulag, Duras é talvez o mais marcante representante de um certo desespero), um certo inconformismo crítico e lúcido, talvez, mesmo uma frontal provocação.

Menos interessante que os seus filmes, mas, mesmo assim, violentamente vivo, o diálogo de Marguerite Duras vai ser possível tambem. Ela estará em Lisboa no Centro Nacional de Cultura (na R. António Maria Cardoso 68-1.º andar) no domingo dia 16, onde logo após a exibição de **Navirre Night** terá um encontro com a crítica e o público. Um debate que promete ser animado.

Entretanto, o calendário, por cumprir da Retrospectiva é o seguinte:

Dia 14, às 21.30 h — **Nathalie Granger**

Dia 15, às 15 h — **India Song;** às 21.30 h **Son Nom de Venise dans Calcutta désert.**

Dia 16, às 15 h — **Navirre Night**

Dia 17, às 21.30 h — **La Femme du Ganges**

Dia 18, às 21.30 — Des journées entiéres dans les arbes

Dia 20, às 21.30 h — **Baxter, Vera Baxter**

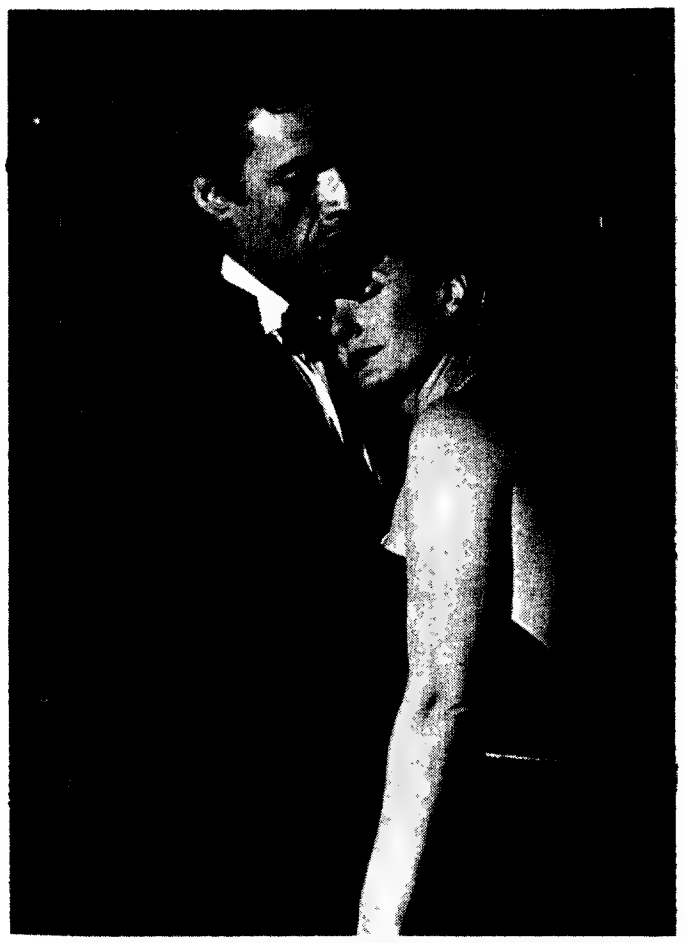
Dia 21, às 21.30 — **Le camion.**

Dia 23, às 15 h — **Aurelia Steiner.**

Está já assegurada a realização de debates orientados por críticos de cinema, após algumas sessões.

Resta dizer que, com esta iniciativa o Centro Nacional de Cultura dá sequência a um trabalho iniciado, ja éste ano, com a Retrsopectiva Syberberg, trabalho no campo da divulgação de algum dos mais interessantes cinema que se vem fazendo nestes últimos anos, o que não é de mais apoiar e encorajar. Com a Cinemateca a funcionar, a Gulbenkian, dinâmica como sempre, e com o Instituo Alemão a prometer uma Retrospectiva Wim Wenders, a actividade do CNC é mais uma pedra na edificação de uma cultura cinematográfica tão longamente arredada deste país.

J.L.R.



Delphine Seyrig e Claude Mann em «India Song» de Marguerite Duras

Um atentado contra o património cultural

O Teatro António Pedro vai ser destruído

Dentre os 300 actores que pisaram o palco do Teatro António Pedro, muitos houve cujo talento dele emergiu com a projecção extraordinária que se reconhece em João Guedes, Dalila Rocha, Baptista Fernandes, Alda Rodrigues, Vasco de Lima Couto, Júlio Cardoso, Cinde Filipe e Maria Emília Correia entre outros. Na falta de escolas de teatro, o Teatro António Pedro foi e é um autêntico viveiro de actores. Para isso muito contribuiu o infatigável empenho posto na acção pedagógica daquele que teve em Moledo do Minho o seu lugar de refúgio ao muito que o indignou no meio teatral lisboeta. Seria precisamente naquela região fronteiriça que António Pedro viria a morrer em 17 de Agosto de 1966, com 56 anos. Dois meses depois, a 24 de Outubro, o Círculo de Cultura Teatral homenageava-o dando o seu nome ao teatro.

Mas se revelou actores, o TEP trouxe também ao proscénio encenadores, cenógrafos e outros técnicos do teatro. Por aquela sala, hoje ameaçada quase irremediavelmente, passaram já 34 encenadores e 53 cenógrafos, alguns dos quais receberam ali, naquele espaço acanhado, os primeiros aplausos. O caso mais distinto é o de José Rodrigues, hoje o mais requisitado cenógrafo português. Pois José Rodrigues iniciou-se no teatro em 1965, com «Despert e Canta», de Clifford Odets, encenada por Ernesto Sousa e daí para cá tem sido como um rio inesgotável.

No palco do António Pedro foram também revelados ao público português alguns dos dramaturgos mais importantes de Portugal e do estrangeiro, casos de Bernardo Santareno, Arthur Miller William Faulkner, J.M. Synge e John Steinbeck.

Será que nada disto conta?

Um crime, uma barbaridade — são no mínimo as palavras que encontramos para definir a atitude daqueles que pretendem, dum momento para outro, fazer deste património um montão de escombros.

De facto, o dinheiro que a empresa proprietária do imobiliário — a União de Bancos Portugueses — vai dar pelo despejo (fala-se em mais de dez mil contos), o TEP poderá arrancar com a construção de um teatro mais espaçoso, realizando assim um velho sonho.

Por isso mesmo os seus directores esfregam as mãos de contentes.

A aspiração do TEP poderá de facto, vir a concretizar-se. A cidade tem obviamente necessidade de uma sala grande de teatro — e não se esqueça que recentemente foi recusado pela Câmara um projecto do arquitecto Viana de Lima solicitado pelo FITEI (do qual fazem parte, como se sabe, a Seiva Trupe e o TEP) — mas será muito doloroso que para tal anseio se obriguem a sepultar o velho teatrinho de António Pedro. Uma coisa não deve implicar naturalmente a outra. Pelo contrário deveria impedir, tanto mais que o Banco não é uma empresa privada qualquer — é um banco nacionalizado — e, ao abrigo da lei (um decreto de 1973 não revogado) «os teatros não poderão ser demolidos ou desafectados do fim a que se destinam sem prévia autorização dos responsáveis estatais que o poderão recusar quando o imponha o interesse das actividades teatrais».

Já ontem foi apresentada em sessão da Câmara uma proposta de cedência de terrenos na Rua Júlio Dinis que satisfaz a pretensão do TEP. Quer Rui Feijó, quer Pedro Tamen, da Gulbenkian, disseram ao «DL» que a SEC e a Fundação de Azeredo Perdigão certamente irão apoiar a construção de um novo teatro.

Erga-se mas preserve-se a «relíquia», faça-se dela um museu vivo. Centros comerciais há muitos por aí e há também outros sítios para o fazer. Mas se acaso a força for pouca para travar o crime (que país este!) que se preserve ao menos parte do local, nos fundos do futuro edifício para prepetuar aquele espaço sagrado do teatro. O crime seria menos grave.

«É um duro golpe» — António Macedo

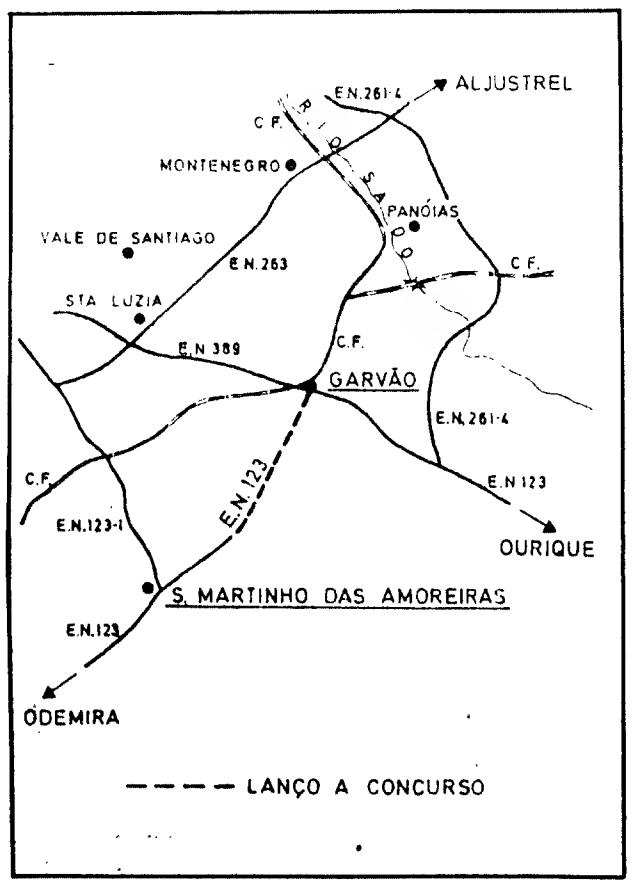
Para o actual presidente do Partido Socialista, que durante 15 anos esteve à frente da Assembleia Geral do TEP, a destruição do teatro Antonio Pedro, a confirmar-se, constitui «um duro golpe».

Para mim, diz aquele velho democrata, o TEP é o actual teatro. Foi uma escola autêntica, recorda António Macedo, com a total devoção de pessoas como António Pedro e também Alexandre Babo que deu uma contribuição essencial ao TEP, começando por ser figurante e depois actor. Para o antigo presidente da AG, o Teatro António Pedro «é uma das relíquias desta cidade pela maneira como nasceu e se desenvolveu». E há um aspecto que António Macedo não poderia esquecer: a luta pela democracia. «O TEP foi uma arma política. A luta que nós travamos contra o SNI e o Governo fascista foi uma luta medonha contra o regime fascista» — frisa António Macedo.

Rui Feijó, delegado da SEC no Porto, considera também «lamentável» que se deite abaixo aquele teatro, não só pela tradição mas até pelo seu valor cultural hoje. Ressalva, no entanto, que se for este o caminho para que o TEP tenha uma sala com mais desafogo e melhores condições de trabalho isso permitirá esbater a natural tristeza do seu desaparecimento.

Luis Humberto Marcos

JAE — DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CONSTRUÇÃO



CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO E.N. 123 — GARVÃO — S. MARTINHO DAS AMOREIRAS

PREÇO BASE ..... 54 000 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 1 350 000$00

ALVARAS EXIGIDOS: 1.ª subcategoria da IV Categoria ou IV Categoria — Classe correspondente ao valor da proposta — 2.ª Subcategoria da III Categoria ou III Categoria — Classe 2.

LOCAL, DIA E HORA PARA A ENTREGA DAS PROPOSTAS

Repartição de Expediente Técnico da Direcção dos Serviços de Construção — Praça da Portagem — Almada, até às 16 horas do dia 10-12-80 **pelo correio.**

LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PUBLICO DO CONCURSO

Direcção dos Serviços de Construção — Praça da Portagem — Almada, no dia 11-12-80, às 15 horas.

LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO

Repartição de Expediente Técnico da Direcção dos Serviços de Construção e Direcção de Estradas de Beja.

Almada, 28 de Outubro de 1980

O ENG.º DIRECTOR DOS SERVIÇOS

Mário Fernando Marques Dias

Serviços Municipalizados
de
Câmara Municipal do Barreiro

ADMITEM
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE APROVISIONAMENTOS

Aceitam-se candidaturas até ao próximo dia 3/12/80 para o lugar de Chefe do Departamento de Aprovisionamentos, em regime de contrato por 1 ano com possibilidade de posterior ingresso no quadro.

FUNÇOES

- Estruturação do Departamento
- Organização das Compras
- Gestão económica de Stocks
- Ordenamento de Stocks em Armazem

DA-SE PREFERÊNCIA A:

Bacharel pelo ISEL ou ISCAL
— Experiência profissional compatível com as funções

OFERECE-SE

— Vencimento correspondente à letra J do Funcionalismo Público acrescido dos demais proventos legais.

As respostas com «curriculum» detalhado devem ser dirigidas ao Departamento de Pessoal dos Serviços Municipalizados.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 11 de Novembro de 1980.

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo Rodrigues de Matos

João Solidão atravessa a noite descobrindo-se de bar em bar

«Tudo está em ruínas, a esperança é pouca ou nenhuma. Se eu tivesse dinheiro, comprava um carro e ia por esse mundo fora. Mas ganho, apenas, o suficiente para me manter. Não posso viajar, nem comprar discos nem livros. Leio o que me emprestam mas nunca é o que eu mais desejava. Sabe o que eu sinto? Uma solidão terrível, um desentendimento com tudo e com todos».

É sábado. João levantou-se, como todos os dias de folga, pelas duas, três da tarde. A bica no café do bairro onde mora, nos arredores, e a leitura dos jornais preparam-no para o fim-de-semana tão longo como quase todos desde que, há meses, voltou a ficar só, a meio da vida, na imensidaõ da cidade.

A carta de uma leitora publicada no jornal da sua terra que não tivera ainda tempo de ler era a primeira pancada no cérebro mal desperto. Deitara-se tarde na véspera: andou perseguindo recordações por caminhos que tinha quase esquecidos.

«Para começar o sábado não está nada mal» pensou João prendendo-se de tal modo na leitura que já mexia a xícara do café, há minutos sem ter despejado, ainda, o saquinho de açúcar.

«Nem sei bem porque lhe escrevo: talvez para desabafar num momento de desespero como este que estou a passar» continuava a carta. **Tenho poucas amigas e a minha família vive muito longe de mim porque emigrou há muitos anos. Casei. O meu marido morreu pouco depois e não tenho filhos. O meu emprego é normal: sou empregada de escritório. Vivo na casa que me ficou da minha tia e aluguei dois quartos a pessoas que nunca estão em casa. Saio raramente, vejo televisão e leio. Gosto de cinema, mas aborrece-me ir sozinha. Acho que a vida não tem interesse e vivo-a por viver. Sinto um desespero em mim que não sei explicar. Escrevo-lhe por escrever».**

O café desfez o nó que começava a formar-se-lhe na garganta e João reagiu animando-se **«vá meu velho, que ainda há bem pior, nesses quartos da cidade, gente espreitando pela vidraça a vida que foge cá fora»**. Passou às últimas da política, na provisão de semanários com que abastece o fim-de-semana e que lê, de fio a pavio, em sábados como este quando o silêncio responde nos telefones dos amigos que procura em vão.

Tarde de mais para almoçar e pouca vontade de comer. João pagou e arrancou, bruscamente, a caminho do campo de futebol onde tinha a certeza de encontrar gente, muita gente viva e, talvez, algum conhecido para conversar. E já a tarde estava meio ultrapassada as sombras da noite principiavam a desenhar-se quando João Solidão saiu do estádio, perdido na multidão.

«Magic Woman»

«Mas é a Júlia. Não posso crer!»

Falava alto, consigo próprio, encerrado na cabina e espreitando pelo óculo a mulher nua que, na cama rolante e aberta a seus olhos, percorria o corpo e mãos ambas em gestos demorados.

Fora ali parar desconhecendo que ia levado por um velho companheiro do seminário, na Beira Baixa. Ruca, saíra-lhe ao caminho nos Restauradores, antecipando-se a qualquer cumprimento;

«Anda daí, meu velho, que te quero mostrar uma coisa!»

Ultimamente, Ruca vendia automóveis, antes negociara um pouco de tudo, de antiguidades a prédios, de camarão de Moçambique a contrabando por grosso. Iam distantes os tempos da escola nocturna, para trabalhadores, em Lisboa. Vivaço, encontrava-o de quando em quando no futebol e, mais raramente, no café que ambos frequentaram ali ao Campo Grande.

Compreendia, agora, porque insistira tanto em perguntar-lhe se se lembrava da Jú. «aquela morena vaidosa que andou connosco no primeiro ano»

Tinha uma vaga ideia dela sobretudo do exibicionismo com que atraía os olhares de toda a turma, no anfiteatro da Faculdade.

Mas encontrá-la ali, bem no centro das atenções da dúzia e meia de mirones dispostos em círculos, em cabinas fechadas fazendo-lhes boquinhas e avançando gestos explícitos e provocadores segura de não os ver nem ouvir mas sentindo-os espreitarem-na, ávidos para além do monóculo, essa não, João naõ esperava, por nada deste mundo.

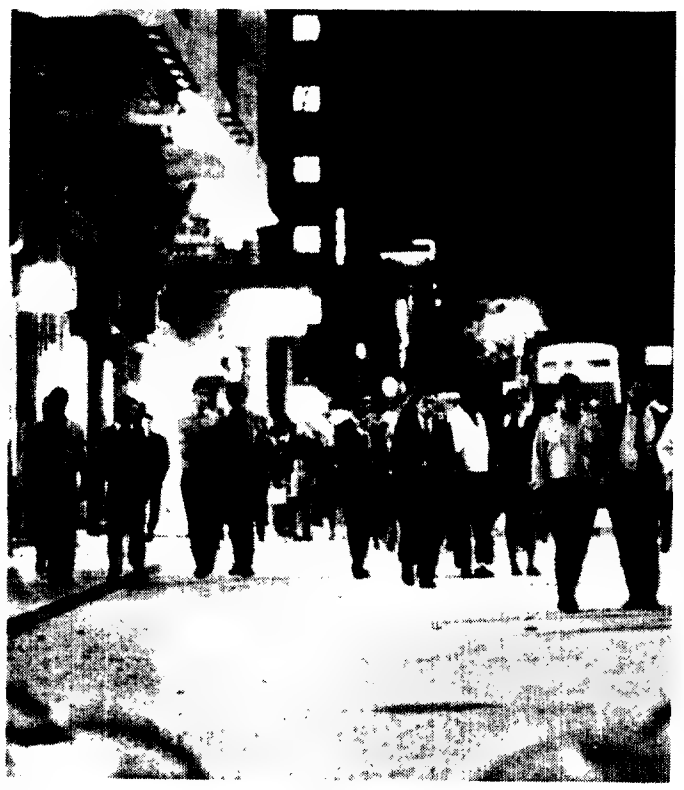
«Encontrei-a há uns dois meses, estava ela a separar-se do marido um tipo fino, da alta, e já então se queixava muito» — tentava Ruca adiantar uma explicação para o que presenciavam incrédulos. **Dizia-me ela que o salário no ministério onde começara a trabalhar mal dava para a renda da casa e a comida. E aqui parece que lhe pagam uns dois contos por dia»**

João dispensava as explicações e não seria ainda hoje que lhe ouviriam juízos morais sobre o comportamento alheio. Quando muito, pensaria consigo próprio que talvez houvesse alguma lógica entre o exibicionismo, a prender um anfiteatro na Faculdade e esta provocação levada às últimas consequências. E como ela se divertiria lá no íntimo provocando a frustração de tantos mirones!

Impunha-se uma cerveja fresca, e, se possível um lugar sossegado para conversarem. Por isso abandonaram as baixos do Coliseu onde a Jú (ou Tucha, como anunciava o cartaz, entre os «modelos» que se exibiam naquela tarde) continuaria a contorcer-se, nudez oferecida à leva de adolescentes, que fazia bicha trocando moedas de vinte e cinco escudos para as cabinas. A sala era dominada por uma sensação opressiva que nem a música de «Magic Woman» conseguia disfarçar, por mais batida e repetida.

Pessoas decentes

Mesas quadradas, baixinhas, com tampos de pedra; banquetas de napa vermelha; meias luzes



como convém nas casas com meninas, ao estilo da época.

O bar onde entraram — fora de Ruca a escolha — apresentava este quadro exemplar; do lado direito na semipenumbra uma dúzia de homens, sós, ou em grupos de dois e três; a meio da sala, ninguém; e do outro lado, de pe´ ou sentadas, alinhando-se sob a meia-luz dos candelabros, junto à falsa lareira, uma trintena de mulheres, quase todas bonitas, mas impessoais e distantes e irritantemente jovens.

Exageravam nos gestos e nas vozes forçando a avaliação daquele senhor com ares de quem estuda a melhor aplicação do capital de quinhentos escudos, por meia hora, no saguão do outro lado desta rua, à ilharga da Avenida da Liberdade.

Tinham vindo para conversar João desistiu naturalmente de contar as desventuras dos últimos meses: o tom das conversas impunha-se por si e restava ir bebendo enquanto dezenas de olhares os fixavam, atentos ao mínimo gesto de chamamento.

Dos filhos falavam quase todas e não passou despercebido ao olhar de João a ternura discreta com que uma das mais novitas abria um embrulho e mostrava o bibe comprado há momentos. Quem sabe se o pagou aquele senhor idoso que descia do quinto andar e procurava colar-se á parede para se confundir com as meias sombras do princípio de noite, até se perder na Avenida?

Saltavam também alguns comentários sobre **«a Sofia baixinha que ontem à tarde fez uns quatro ou cinco contos»** quando uma loira elegantíssima prolongada numas calças de cabedal e nuns botins de saltos afiados, agressivos acudiu azeda:

«Calha bem: se ela não render a massa o homem dela faz-lhe a cara num bolo».

Alguém protestou garantindo que **«se o homem da Sofia baixinha ali estivesse há pouco, ela não tinha ido ao Governo Civil. O gajo partia o chui aos bocadinhos»**

A frase foi interrompida pela advertência do balcão: **«Se vocês não se comportam como deve ser, vão todas lá para fora. Não vêem que há aqui pessoas decentes?»**

Esta das «pessoas decentes» agrediu os ouvidos de João, que não tardou a desandar. Ruca assobiava baixinho quando saíram a porta, acompanhando a música ambiente, percebendose «all and all you're just another brick in the wall».

O fumo das castanhas assadas confundia-se com a neblina espessa, que tomava conta da cidade neste húmido sábado de Outono. Ruca desceu ao parque de estacionamento, tomando o caminho de casa, onde a mulher o aguardava para jantar João penetrou no nevoeiro preparando-se para atravessar a noite, inventando-se de bar em bar, desencantadamente.

Bar, doce lar

Com o pintor que lhe deu asilo, percorreu há muito a quadrícula proibida onde hoje raramente passa: o harris, o memorial, o green, o bric, o xeque mate, o finalmente e outros tantos bares onde «cheira demasiado a homens», como dizia João, quando decidiu rodar o leme e navegar por outras águas mais convencionais.

Sabe por experiência própria que não aprenderá nada nos bares da política e dos políticos, famosos nos anos de brasa, onde conspiravam militares para jornalista ouvir, o procópio, o tostão, o metro e meio e outras medidas que passaram de moda.

Nos primeiros meses passados fora de casa, onde viveu uma dúzia de anos com a mulher, a filha, a sogra e o canário, também correu como doido pelos caixotes de mulheres onde a clientela tem garrafa própria sob nome suposto, lugares baptizados, na sua generalidade, com nomes da selva: hipópotamo, elefante branco, pega, gata pantera, lontra ou cova da onça. Resta-lhe a lembrança difusa de uma ou outra noite de fúria e a ideia fixa de recomendar a um jornalista seu amigo que entreviste a que julga ser a mulher mais cara de Lisboa. Óbvio que nunca subiu a esse patamar de vinte contos a bandeirada, em apartamento de luxo, música ambiente e meios tons; mas conhece-a de um desses caixotes e será seguramente a página do mês, ou do ano, no jornal que conseguir agarrar essa ave esguia das madrugadas.

Vez por outra regressa aos sítios onde sabe encontrar os seus parceiros de vida, idade e preconceito, às vezes quase um lar de caras conhecidas do dia a dia. Ali se disfarçam, no calor, no fumo e na conversa regada a cerveja, a solidão das vidas baças. Dos trinta aos setenta escudos, a cerveja tem às vezes um sabor clássico, no snob, sebastião, na paródia ou na isadora.

Seguro que não baixa à zona do cais, onde marinheiros deste e doutros portos procuram aconchego fugaz nas noites de tempestade.

Descobriu entretanto, por aí, dispersos por quase tudo o que é bairro ou quarteirão a versão social-democrata das tabernas dos anos trinta e quarenta: tanto pub e bar americano transplantado de Angola e Moçambique por uma legião de retornados que trouxe consigo mobília, clientela, os nomes que fizeram pisca-pisca a neon nas noites tropicais e, o que é vulgaríssimo, as próprias hospedeiras que curaram feridas da ausência a militares e civis nos tempos de guerra.

Tentação em negro

Há-os secretíssimos, porta fechada, onde a entrada não é permitida a quem quer; mas João entrou um dia, num fim de tarde de abandono e lassidão, e a porta entreaberta nunca mais se lhe fechou.

Fosse Sara transparente e branca e João ter-se-ia há muito curado. Mas não é. É preta e sábia. Nasceu em Angola vai para trinta anos. O nascimento da filha que está a criar não lhe turvou o fulgor do olhar, como a sucessão de invernos, e verões, os altos e baixos dos últimos anos não lhe enrugaram o veludo de gazela bravia. Secretariou gente importante até que na voragem do pós-indendência o companheiro dos anos de juventude caiu numa manhã de Maio. E Sara apareceu aí, alimentada a promessas de que tudo seria fácil. Porque não, quando se é jovem e culta, e se conhece meio mundo, ainda que esse mundo seja um país distante, pobre e branco?

O contacto inicial não passara da lenga-lenga profissional:

«Paga-me lá um whisky, que os trezentos da diária não dão para pagar o quarto e o colégio da minha filha. O patrão entrega-nos quarenta por cento das bebidas dos clientes e por cada whisky temos mais oitenta escudos. Vá, não sejas forreta, que não te arrependes.»

Esta era a conversa de Sara com um João perfeitamente em baixo naquele dia. Estava por tudo, receptivo a todas as histórias, aberto a todos os sonhos, pronto para acompanhar as meias-verdades e as ilusões de quem perdeu terra, família, posições mas não desiste de as reconquistar ainda que num tempo longínquo.

A faísca saltou no prolongar da conversa, entreaberta a porta das confidências; João descobriu a massa cinzenta, encoberta pela fachada profissional e re-

encontrou, como algo distant na sua vida, a sabedoria afr cana, nesse cair de tarde, n grande Lisboa.

Nunca mais deixou de ali vol tar, como peregrino ávido d aprofundar aquela amizade d acaso. Ainda que saindo-lh cara, João tinha a certeza de er cada visita, viver uma certa fra ternidade. E tão alheio a el João vivera os últimos meses!

Dia-a-dia se aprofundou ilusão. Uma vez a mão frág abanadonada no seu ombro; outra a face macia oferecida a contacto das mãos carentes d ternura; aos sábados, regulai mente, a recomendação para lh telefonar no dia de folga. **«Nã te esqueças, que eu vou sai contigo!»**

E havia ainda, quando o con tacto tendia a esmorecer, ur botão da blusa esquecido, foi do lugar, em convite aberto ac olhos perturbados na penumbra

Enganos e desenganos e Joã embalado, na recusa em admit que toda a sabedoria african seria utilizada para o segurar: solidão desarmara-o complet mente ao mínimo gesto de te nura.

Depois das duas

«Estou extremamente can sada», dizia Sara, pasando-lh a mão na nuca à despedid **«Mas telefona amanhã à tard que eu vou jantar contig Desculpa lá mas no outr domingo eu já estava com prometida. Se tens apitad mais cedo, tinha ido contig ao concerto mas já falast tarde. Tinha gente à minh espera. Não os podia manda embora.»**

Passava das duas e era nítid que faltava a João alguma coisa Indefinido è certo, o vazio tal vez fosse preenchido com mú sica. E assim se encontrou caminho do último bar.

«Isto já não é o que era» pr testava, ao exigirem-lhe os cer paus para entrar no Bolero. L dentro confirmaria. Não mais Maria beijando na testa os **int lectuais** e pedindo vinte escud para um copo. A sala acanhad voltara a encher-se das mulhere que durante algum tempo and ram arredias.

Uma dúzia de «freaks», j embalados na erva, fazia qu bailava ocupando todos os espa ços disponíveis. Talvez que n Jamaica, para onde se transfe rira a maior parte dos que co nhecera ali, o ambiente foss mais respirável. Mas era l longe e a esta hora já não arran cava sozinho para o Cais d Sodré.

Ficou-se pelos fundos do bar onde resistiam alguns maduros protestando contra a rebalderi que voltara ao Bolero. Ator doou-se com o «disco-sound» repetido ao exagero. Presto vassalagem à última cerveja j bebida a contragosto. E rumou aos arredores.

Nem se lembrava mais que a noite de sábado fora atravessad e João não se reencontrara, d bar em bar. Talvez na próxima. Hoje só restava a noite pa dormir.

Daniel Reis

Na próxima edição de 7.7, terminam as aventuras de João Solidão: deita-se tarde e acorda só.

SOCIEDADE **Sete Ponto Sete**

Medicinas mexicanas

Na capital do México, como em tantas outras cidades da América, da África e da Ásia, os males do corpo e do espírito têm a sua medicina paralela. Plantas tradicionais, mas também talismãs de toda a espécie.
Cidade do México: mais de dez milhões de habitantes estão hoje instalados sobre as ruínas de Tenochtitlan, a antiga capital do império asteca. Os tremores de terra e os gases que se escapam dos **camiones** (autocarros) vão destruindo, pouco a pouco, as últimas casas coloniais do centro da cidade. Os antigos palácios de fachadas gangrenadas não passam hoje de alojamentos insalubres onde as pessoas se amontoam como nas **ciudades perdidas,** esses bairros de lata descritos por Oscar Lewis em «Os Filhos de Sanchéz». Um quarto da população da capital mexicana vive em cubículos de uma só assoalhada muitas vezes sem água canalizada. E todos os dias surgem na capital quinhentos novos emigrantes, na sua maioria camponeses miseráveis.
Um dos problemas mais preocupantes que uma tal concentração urbana suscita é o da saúde. Em caso de doença, só se recorre ao médico em última instancia, muitas vezes tarde de mais. Uma consulta custa em média 100 pesos (cerca de 220 escudos) quando metade das famílias mexicanas não dispõe de mais de 25 pesos (cerca de 55 escudos) por dia para viver. A troco de uma dezena de pesos, a **hierbera** (ervanária) substitui o médico. Todas as donas de casa conhecem certas plantas e os seus efeitos sobre esta ou aquela doença. Basta-lhes irem à procura de uma **hierbera** ao mercado para comprarem as plantas, e, se necessário, pedirem conselho.
Para Francisca, por exemplo, ir ao médico foi questão que nunca se lhe pôs: «Sempre fui eu que tratei a minha saúde e a toda a família, e os meus filhos são rijos. O meu marido também. Embora à vezes ele pense que eu me porto como uma feiticeira, o certo é que ele é o primeiro a reconhecer que os meus remédios dão resultado.» Tudo o que ela sabe foi-lhe ensinado pela mãe, que vivia num rancho e que, por sua vez, o aprendeu também da boca dela.

RECEITAS

Aqui ficam — sem nenhuma garantia... — algumas das receitas usadas por Francisca. Para as dores de estômago: uma infusão de absinto e limão. Para as perturbações gástricas e as infecções internas: uma infusão de uma mistura de frutos de roseira brava, folhas de linho e de absinto. Contra a **basurica,** doença provocada pelo ar poluído das cidades e que se manifesta por uma violenta irritação dos olhos, em emplastro de galega, camomilha ou erva de Santa Maria (balsamita) colocado sobre os olhos durante a noite inteira.
Como se vê, certas plantas citadas são também utilizadas em França, como o absinto, a arnica e a camomilha. Mas há doenças mais delicadas, melhor dizendo, mais misteriosas e irracionais, que se tratam também com plantas. Algumas dessas «doenças»: os «maus ares» **(aire)** o «mau olhado» **(mal de ojo)** ou o «assombramento» **(espanto)** que seriam provocadas directa ou indirectamente por um terceiro (ou terceiros). Para o **aire,** que se manifesta por vómitos, intervém um elemento importante do mundo das **hierberas,** o ramo. Compõe-se, de alecrim, «pirú», flores de gerânio e malmequeres. Esta composição nunca muda, seja qual fora **hierbera** que a prepare. E com o ramo que se opera a cerimónia da «purificação» **(limpa),** a qual consiste em fazer passar esse ramo previamente aquecido em brasas sobre o corpo do doente. O ritual é acompanhado da recitação de uma «Avé Maria» e um «Pai Nosso». Quando o doente é uma criança, o processo varia. Então o enfermo fica uma manhã inteira a brincar com um recipiente cheio de água com as flores do ramo.
O **mal de ojo** é provocado por um olhar mal-intencionado que alguém lança sobre a pessoa. A vítima sente um mal-estar seguido de vómitos. O tratamento deste género de «doença» é bastante complexo. A **limpia** efectua-se com um ovo de galinha preta que se passa por cima do corpo do paciente. O ovo «absorve» os «maus humores» e apodrece instantaneamente. Dois pimentos secos dispostos em cruz servem depois para a mesma operação. Em seguida o doente deve adormecer.
Durante o sono, coloca-se um copo de água à cabeceira da cama. E pronto: a cerimónia está terminada.

MODO DE USAR

O **espanto,** provocado por um choque emocional, uma surpresa ou a influência maléfica de alguém, traduz-se por uma fadiga enorme, uma sede e uma anorexia permanentes. Só pode ser tratado às quartas e sextas. Há que utilizar uma cozedura de chá mexicano adicionado de álcool, após uma maceração de três dias. A pessoa que trata o doente põe esta cozedura na boca e depois sopra três vezes em direcção ao coração do enfermo. Embrulhado num cobertor, o doente começa a suar, expulsando assim o **espanto.**
As receitas de Francisca são conhecidas pela maior parte das famílias mexicanas. Têm a vantagem de ser pouco dispendiosas e fáceis de utilizar.
Mas o facto de estas crenças estarem solidamente enraízadas na alma mexicana levou certos charlatães a aproveitarem-se da situação para comercializarem diversos produtos de efeitos «mágicos». São vendidos para melhorarem a saúde, mas também a situação social ou afectiva do cliente: obter dinheiro, arranjar um emprego melhor, ter sorte no jogo, ser bem sucedido no amor. Estes produtos miraculosos encontram-se na rua, nos mercados e até mesmo em certas lojas respeitáveis do centro da Cidade do México, perto do Zócalo.
Ao contrário da utilização das plantas, a destes produtos não exige quaisquer conhecimentos. São vendidos acompanhados do «modo de usar». No estabelecimento comercial Acuario, entre a Rua Madero e a Rua Cinco-de-Mayo, podem-se descobrir coisas espantosas. Primeiro, os sabões: sabão de «sete elefantes» para conservar as forças físicas e mentais; sabões do «justo juiz» para se livrar de tribunais e prisões; sabão dos «três marrecas» para dar sorte e riqueza; sabão da «caridade e do cobre» para obter a protecção da deusa do amor e do casamento.

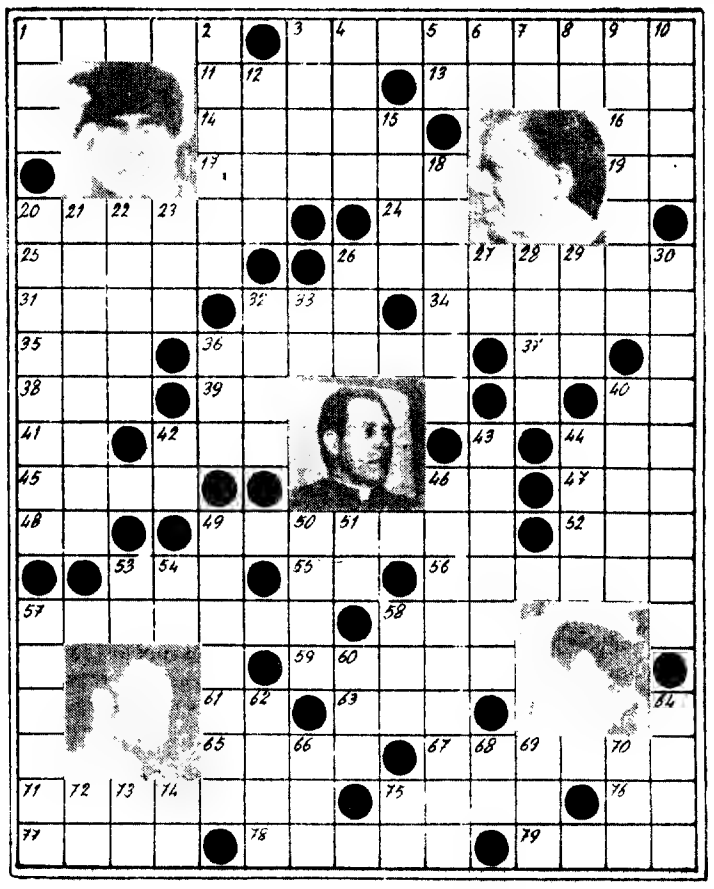
TALISMÃS

Vêm depois os «pós autênticos»: pó de camaleão seco ao orvalho da manhã, quando a Lua está em quarto crescente dá força; o pó da mulher X (prostituta) utilizado à noite antes de ir «trabalhar» melhora o negócio; pó para dominar a mulher legítima; pó da nova vida para o membro mais sagrado do homem; pó do diabo para progredir rapidamente nos negócios, no jogo ou no trabalho, desde que se passe o corpo inteiro por ele na sexta aõ meio-dia (é sorte garantida em tudo).
Mas há também a apresentação moderna dos pós, o aerosol. Por exemplo: as sete potências africanas ou o aerosol da divina providência, abençoado em Roma pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Alguns talismãs estão à parte expostos nas prateleiras: «para arranjar emprego e ter sorte», «contra os meus inimigos». Outros estão todos misturados, limalha de ferro magnetizada «para a sorte e para o dinheiro, poder maléfico», dentes de elefante (todos eles muito parecidos com dentes de cão) «para o amor e para a sorte», candeias mágicas como a «do símbolo místico de Allan Kardec, divino mensageiro», candeia essa que basta acender, fazendo ao mesmo tempo o sinal da cruz, para satisfazer todos os desejos.
A comerciante desconfia muito dos «gringos» (norte-americanos, e, por extensão, europeus) demasiado curiosos. A uma francesa que se atreveu a pedir-lhe um pó para aliviar dores de estômago, aconselhou-a, amável mas firmemente, a ir consultar um médico. Mas os verdadeiros clientes, esses trocam segredinhos com ela e levam os pós cuidadosamente embrulhados com quem leva um tesouro. E na maioria dos casos é um verdadeiro tesouro, pois as clientes deste género de estabelecimentos, centrais e caros, são, na sua maior parte, revendedores que vendem os produtos em pequenas quantidades e com grandes lucros nos bairros populares da cidade ou nos mercados.

ESTREMECER

O mercado mais interessante é o da Merced, o maior de frutas e legumes de toda a América. À semelhança das **hierberas,** também os mercados da magia têm ali o seu lugar reservado. Mas muitas vezes a tenda é bem precária. Basta um passeio para dispor os elementos da encenação, que permite dramatizar as situações e atiçar o cliente: incenso, pele de serpente, notas de banco, e livros de títulos-chamarizes, como «As Profecias da Grande Pirâmide», recortes da Imprensa que fazem estremecer. Por exemplo: «sacrificaram um gato», «celebrou as bodas com a morte».
Aqui o público é dos mais humildes, e o vendedor procura fazer esquecer a sua qualidade de simples negociante recorrendo a argumentos «humanitários». Um deles vende uma pedra mágica que garante dinheiro e saúde, mas que tem o inconveniente de valer 490 pesos, uma pequena fortuna. Mas se é esse o mal, paciência, não nos vamos prender por uma coisa dessas, ele vende-a por 20 pesos e pode mesmo dá-la de graça «se houver aí alguém que precise dos 20 pesos para dar de comer aos filhos». Esta apresentação é acompanhada por uma diatribe violenta e xenófoba contra «os poderosos, isto é, os árabes, os judeus e os espanhóis».
Este género de magia dirige-se às pessoas mais desfavorecidas. Posta à margem das mudanças galopantes, essa gente não assimilou ainda o **slogan** dos «Petróleos Mexicanos»: «Agora o ouro negro é a ariqueza de todos».
Para melhorarem rapidamente as suas condições de vida, preferem dirigir-se a um mercador de magia, um **hechichero** ou um **brujo.** Onde se situa a fronteira entre o racional e o irracional, ou entre o religioso e o profano? A religião, que tão fortemente marcou o México, é incessantemente reinterpretada por outras práticas. Não temos nós o exemplo de Francisca, que não hesita em misturar a magia do ramo com as «Avé Marias» para tratar da família?

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/20, Este presidente dos EUA declarou-se aberto à sugestão soviética na questão dos «euromísseis»; 3, Aumentasse; 11, Caixão funerário; 13/26, Foi o ex-n.º 2 da hierarquia fascista de Angola no tempo de Caetano e é o candidato da AD às presidenciais; 14, Fúria; 16, Nosso Senhor; 17, Narração; 19, Basta!; 24, Interjeição de dor; 25, Estimais; 31, Creme; 32, Piedosa; 34, Esmoncar; 35, Enguia; 36/49, Este dirigente soviético e o chanceler oeste-alemão Helmut Schmidt desbloquearam negociações sobre «euromísseis». Isto, segundo os observadores; 37, Manuscrito; 38, Uma das Espórades; 39, Erbio (s.q.); 40, Cério (s.q.); 41, Atomo; 42, Cruel; 44, Ilha inglesa no mar da Irlanda; 45, Carta de jogar; 46, Vê; 47, Flanco; 48, Clima; 52, Madeira; 53, Larva das feridas dos animais, 55, Centiare; 56/67, O general Franco Charais, o coronel Melo Antunes e o bispo de Nampula D. Manuel Vieira Pinto, contam-se entre as personalidades portuguesas que dirigiram mensagens de felicitações a este presidente moçambicano quando do aniversário da proclamação da Independência deste país de expressão portuguesa no dia 25 de Junho; 57/71, Este nosso cardeal-patriarca esteve com os arcebispos, bispos residenciais e seus auxiliares, reunidos em Fátima durante quatro dias, em retiro espiritual mas... isto não vai lá só com rezas; 58, Semelhante; 59, Messe; 61, Ilha francesa do Oceano Atlântico; 63, Cólera; 65, Epocas; 75, Qualquer pequeno orifício; 76, Nota musical; 77, Grande afeição; 78, Restos mortais; 79, A Tailândia.

VERTICAIS:

1, Género de peixes de água doce do Brasil; 2, Açoites; 3, Substância que tinge de azul; 4, Limpa com água; 5, Reis; 6, Medida japonesa igual a dois decilitros; 7, Em partes iguais; 8, Senhor; 9, Experimentara; 10, Pronome demonstrativo; 12, Vassourar o forno depois de aquecido; 15, Trata por tu; 18, Enfeitado com objectos de ouro; 20, Freguesia do concelho de Vieira do Minho, 21, Fazer-se maroto; 22, Mamíferos roedores, 23, Irma da mãe 26, Acrescentando uma vogal é bambu, 27 Nosso Senhor 28, Cálculo aproximado; 29, Uma das Ciclades; 30, Uma das coordenadas que determinam a posição de um ponto em relação a um sistema de eixos (pl.); 32, Namorado ridículo; 33, Flauta chinesa de três buracos; 36, Adivinhar; 40, Guardar segredo; 42, Centiare; 43, Nutrira; 44, Engano (fig.); 46, Molestáramos; 49, Suprimirei; 50, Boatos; 51, Neste momento; 53, Nome antigo da nota musical dó; 54, Letra grega, 57, Aterroriza; 58, Igual; 60, Aqui está; 62, Engano; 64, Musa da história que se apresentava sentada ou de pé, com um rolo de papel na mão ou uma caixa de livros; 66, Preposição e artigo; 68, Aparência; 69, Uma das Espórades; 70, Nome de mulher; 72, Prefixo de negação; 73, Boro (s.q.); 74, Erbio (s.q.); 75, Rio de Itália.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:
1/20 JAMES CARTER. 3. Alargasse; 11. Urna; 13/26. SOARES CARNEIRO; 14 Raiva 16 NS; 17. Relato; 19. Tá; 24. Ui!. 25. Amais; 31. Nata; 32. Pia. 34. Assoar; 35. Iró; 36/49. LEONID BREJNEV; 37. Ms; 38. Cos; 39. Er; 40. Ce; 41. At; 42. Cru; 44. Man; 45. Dama; 46. Lê; 47. Ala; 48. Ar; 52. Mad; 53. Ura; 55. Ca; 56/67. SAMORA MACHEL; 57/71. ANTONIO RIBEIRO; 58. Par; 59. Seara; 61. Re; 63. Ira; 65. Eras; 75. Poro; 76. Mi; 77. Amor; 78. Ossos; 79. Sião.

VERTICAIS:
1. Jaú; 2. Surres; 3. Anil; 4. Lava; 5. Rs; 6. Go; 7. Aa; 8. Sr.; 9. Sentira; 10. Essa; 12. Raer; 15. Atua; 18. Orado; 20. Canigada; 21. Amarotar; 22. Ratos; 23. Tia; 26. Can; 27. NS; 28. Esmo; 29. Ios; 30. Ordenadas; 32. Peru; 33. Io; 36. Ler; 40. Calar; 42. Ca; 43. Cevara; 44. Mamo; 46. Lesaramos; 49. Banirei; 50. Ecos; 51. Já; 53. Ut; 54. Ro; 57. Aterra; 58. Par; 60. Eis; 62. Erro; 64. Clio; 66. Aos; 68. Ar; 69. Cós; 70. Ema; 72. Im; 73. Bo; 74. Er; 75. Po.

MUSICA **Sete Ponto Sete**

Usando como pretexto o quinto aniversário

a liberdade é querer qualquer coisa de determinado, mas permanecendo em si mesma nessa determinação e voltando depois ao universal.

Hegel

1. Usando como pretexto o quinto aniversário da morte de Manuel de Lima, retomamos a recensão do «Clube dos Antropófagos» feita por Pedro Tamem há sete anos no «Expresso», onde este o sova algo malevolamente.
Que Manuel de Lima tenha sido sovado por Pedro Tamem não é matéria para grandes espantos; o que assombra, sim, é que se tenha feito tão escassamente sovar. Entendamo-nos: Tamem acusa Lima de ser pouco eficaz por ser mau escritor. Ora, o que acima de tudo sobressai no seu juízo é a incompreensão fundamental em que todos os Tamens se atolam quando se trata de perceber os Limas.
Que Lima escouceia a gramática, é óbvio; que Lima insulta a sintaxe, até um aluno de Letras o enxerga. Agora perguntamos: se Lima houvesse exposto as suas ideias com o elegante rigor de um Eça, tê-las-ia Tamem compreendido melhor? Um exemplo: quando Tamen critica as pueris imagens de que Lima se serve para definir os hábitos alimentares em geral, refere-se à utilizada a propósito dos vegetarianos — «que não eram carne nem peixe» —, mas esquece, **et pour cause,** essa outra, espantosa de argúcia e inteligência, que a págs. 94 do livro em questão, ao estabelecer o quadro analítico da antropofagia, dispara:

«E ainda há a metafísica da antropofagia que é sorver o espírito dos escravos através da mercadoria que eles representam!»
Neste sentido, Lima será sempre o analfabeto que diz coisas inteligentes incompreensíveis para os académicos. A poesia é tudo o que fecha a porta aos imbecis.

2. Perpassa na obra de Lima, para grande desespero dos especialistas da arte e da cultura — e é essa a principal razão do silêncio que a rodeia — um sopro de perspicácia e revolta contra as condições impostas à vida dos homens. Todos os mitos perdem a cabeça nessa guilhotina avara de sangue:
O dinheiro — «Para saciar a sua inesgotável sede de riqueza rasgava jornais em pedaços e transformava-os, a seus olhos ávidos de dinheiro, em notas de banco com algarismos seguidos de tantos zeros à direita quantos ela quisesse, ou não seja o dinheiro uma ficção...» («Malaquias»).
A política — «No dia em que o Lobo (o ditador) cair, caem todos de escantilhão agarrados a ele!

«Este lugar comum foi recebido com grande entusiasmo pelos correligionários. Percebia-se que a última esperança que lhes restava era que o lugar comum fosse uma profecia. Porque, se depois de conseguirem derrubar o Lobo, qualquer dos seus sequazes tomasse o lugar deste potentado, nesse caso, talvez fosse pior para todos, pois quem podia prever como seria o novo Lobazana?» («Malaquias»).
O casamento — «Nove meses depois... perdão! Nove meses depois de casado, quero eu dizer, nasceu o filho a que me referi. Apertei um pouco mais o cinto, como diz o povo, e apesar de tudo não morri. A seguir nasceu a rapariga. Perdi uma grande parte da minha alegria. As crianças, escusado será dizer, não deram por isso... Não me conheceram antes... Supõem que eu fui sempre assim.» («O Clube dos Antropófagos»)
O machismo — «Como é natural, estes indivíduos a primeira coisa que fazem é duvidar da virilidade do energúmeno que se lhes antecipou. Pensam que a mulher não vai ser feliz — só com eles a felicidade é possível! Assim nasce a luta entre orgulhos de machos, uma guerra de brios para galanteadores inveterados...» («Malaquias»).
A psiquiatria — «... esse moderno policiamento do espírito.» («Malaquias»).
E não se acabaria nunca de citar!

3. Uma das características mais revolucionariamente modernas da obra de Lima — não há revolução fora da modernidade nem modernidade fora da revolução — reside na sua consciência aguda do resultado coisificador a que fatalmente conduz a organização especializada da vida Contemporânea:
«O segredo do êxito estava em ele ter descoberto uma fórmula para a organização da sociedade. Resumia-se em a não deixar tornar-se especializada. Numa sociedade heterogénea... a liberdade não tem limites.» («Malaquias»).
A luz de uma tal radicalidade, Manuel de Lima surge, num ambiente hostil e subdesenvolvido, como um percursor desse irredutível desejo de transformar **qualitativamente** o mundo, expresso pelas franjas mais conscientes da insurreição francesa de Maio de 1968.

4. Nunca se salientará bastante a **solidão** em que deve ter mergulhado um homem possuidor de uma tão grande lucidez, espartilhado entre o salazarismo mais obtuso e uma oposição **ilusória,** que provou posteriormente que se desejava mudar algo era para que tudo ficasse na mesma.

Recusando a lógica de um mundo que transforma o revolucionário de hoje no burocrata de amanhã, Manuel de Lima entrega-se a um penoso trabalho de decifração cuja única saída aponta para a unidade dialéctica da consciência e da acção, para o revolucionário que se revoluciona a si próprio enquanto revoluciona o mundo: «Meus senhores, eu não sou um sabotador de revoluções. Sou pela Revolução permanente como oposto do sentimento de Restauração. Simplesmente duvido que a multidão que vocês formam, seja a multidão ideal. A massa iedal para uma Revolução! Desconfio bem que ódios pessoais, interesses imediatos, preconceitos arreigados formem a força-motriz do vosso movimento». («O Clube dos Antropófagos»).
A alternativa às massas atomizadas pelo ressentimento só poderá ser o proletariado consciente da ludicidade dos seus desejos.

5. E nesta sarabanda de lucidez, as balas mais certeiras vão de encontro aos materialistas primários e estreitos, para quem os conflitos sociais se resumem a míseras **jacqueries** vingativas ou a menos problemas de sobrevivência económica:

Manuel de Lima:
retrato de José Araújo

«Bom, o Falcão (o amo) já está morto. Posto isto vamos agora pensar no futuro. O Falcão está enterrado. O seu fantasma é que ficou ali... Porque é uma coisa curiosa que se dá com certos indivíduos: o fantasma é que procura salvar-se.» («O Clube dos Antropófagos»).
Lima redescobre a férrea dialéctica marxista onde as ideias, alheadas dos seus autores, se transformam em imagens e fantasmas e se viram contra eles, actuando como forças materiais.

6. Se, dono de uma mestia inédita no panorama literário português, Manuel de Lima atinge o universal, isso não o impede de sentir, com uma sensibilidade incomparavel, a tragédia das pusilanimidades peninsulares e mais particularmente portuguesas:
«Vi brilhar nos seus olhos uma ameaça profunda que me aterrorizou não sei bem explicar porquê mas que me deu a sensação de experimentar um medo atávico. Um medo que principia para cá dos Pirinéus... Uma espécie de ritual em que se condenam à nascença os novos pensamentos. É ao mesmo tempo um medo físico e um medo moral. Qualquer coisa que tem muito a ver com a caça ao homem, batida feroz organizada pela força, aliada a um medo ainda maior, o medo da liberdade.»
Só quem não reflectiu séria e profundamente nos terrores com certeza depositados no inconsciente colectivo pela tirania secular de uma inquisição ou, mais proximamente, do salazarismo, não entende, como aconteceu a Pedro Tamen no artigo acima referido, a abjecta submissão de um **Formiga.** Tamen não compreendeu que essa personagem de «O Clube dos Antropófagos» era (é?) o povo português, que a sua subserviência foi (é?) a nossa subserviência. A fatuidade e a cegueira dos intelectuais acerca das suas próprias condições de vida, — e isso apesar da bota do poder não pecar pela leveza — tem sindo imensa!

7. E no entanto, que português minimamente cônscio da condição de escravo que lhe vem sendo imposta, duvidará reconhecer o projecto salazarista na seguinte fala?: « — Sei que tens esse preconceito arreigado que faz um subalterno julgar-se no dever de odiar em silêncio um superior. Mas vou-te provar que perante mim a única atitude possível é a submissão. Quando reconheceres a minha raça superior, em vez de me odiares serás impelido por esse amor sublime que forma a harmonia do mundo... Não quero, porém, que esse sentimento te seja imposto pelo medo. Tem de nascer dentro de ti...» («O Clube dos Antropófagos»).
O servo amando o seu senhor, o escravo interiorizando a escravatura — o desígnio secreto de todos os poderes.

8. Nascido literariamente nos salões novecentistas de Carlota Serpa Pinto e Elias Sousa Pedroso, entalado entre a morte do Orpheu, as pacoviadas neo-realistas e as inconsequências e fragilidades de um surrealismo serôdio, Manuel de Lima assumiu com frontalidade e coragem a abjecção de ter sido português, catapultando para a nudez crua da publicidade as forças confusas de um inconsciente colectivo tradicionalmente habituado a revolver-se na sordidez das tertúlias, na hipocrisia sacrista dos grupelhos políticos e no remanso das famílias.
É essa acção terapêutica que queremos sublinhar aqui.

A vida

1. Manuel de Lima nasceu a 15 de Agosto de 1915. Viveu desde muito novo no bairro de Campolide. O pai, monárquico e católico praticante, era no entanto um modesto funcionario de secretaria no hospital de S. José, e morreu quando Lima tinha cerca de 20 anos.
A mãe, muito cedo inválida em consequência de um ataque cardiovascular, nunca pôde trabalhar. Lima é o segundo de três irmãos, o mais velho dos quais morreu bastante novo vítima de epidemia.
Aliás, a noção de família era no escritor de «Malaquias» praticamente inexistente.
2. Fez o curso de viola do Conservatório e teve lições particulares de violino. Senhor de uma boa voz de baixo, trabalhou em vários coros, nomeadamente no de S. Carlos, para pagar o curso.
3. Nos anos 30 é conviva assíduo das soirées de Carlota Serpa Pinto e Elisa Sousa Pedroso. Grandes encontros de literatura, chá e espionagem, estes recitais foram o repouso de guerreiros como António Sérgio ou Almada. Segundo o prof. Carlos Manaças — porventura o amigo mais antigo de Manuel de Lima e o único testemunho ocular da sua adolescência — praticamente todos os grandes nomes de Portugal e da Europa das artes e das letras caíram aos pés das luxuriantes ementas e mulheres dessas noites de antes da guerra.
3. No limiar dos anos 40 Manuel de Lima embarcará pela primeira vez como violinista de transatlânticos nas carreiras para a costa de África. Há cartas da sua estadia em Angola, Moçambique e África do Sul.
4. 1944: «Um homem de barbas», edição de autor. Prefácio de Almeida Negreiros.
5. 1947: o cabeçalho de uma carta enviada a Carlos Manaças diz que está na África do Sul.
6. Princípios da década de 50: é violinista na orquestra do Porto da Emissora Nacional.
7. Em 1953 publica «Malaquias ou a história de um homem barbaramente agredido», com introdução de António Maria Lisboa, edição Contraponto.

8. 1954/55: representadas duas peças para crianças no Monumental, de que Manuel de Lima é co-autor e ainda hoje inéditas: «A lua viu tudo» e «Dois reis e um sono».
Início da amizade com Luis Pacheco.

9. 1959: Luís Pacheco edita «Wozzeck», de Georg Buchner-Alban Berg, com tradução de Natália Correia e apresentação de Manuel Lima. Autorizada a venda do libreto na noite de estreia no S. Carlos, é retirado pouco depois sob acusação de comportar indecências. Tendo sido argumentado que essas indecências são ditas em cena pelos actores, é respondido que aí não faz mal porque a ópera é cantada em alemão.

10. Em 1961 conhece na Costa da Caparica, Madalena Hernandez, a venezuelana com quem viria a casar em 1976, sete meses antes de morrer.
Inicia no Letras e Artes a sua actividade de crítico musical.

11. Dá uma entrevista ao Letras e Artes — a única que se lhe conhece para além da publicada no Diário de Lisboa de 2 de Novembro de 1979 (póstuma) — dizendo as última da literatura portuguesa e confessando quais os seus autores preferidos: Shakespeare, Swiff, Mark Twain, Pessoa, Cesariny, António Maria Lisboa, Almad. Jack London e Poe.

12. Publica em 1965 «O Clube dos Antropófagos» (teatro), na Ulisseia.
Começa a trabalhar na redacção do Século Ilustrado, onde por desleixo permanece seis anos como estagiário, pois só requer a sua sindicalização em 1971.

13. Em 1972 a editorial Estampa dá início à publicação das obras de Manuel de Lima, incluindo a primeira edição de «A Pata do Pássaro Desenhou uma nova Paisagem», livro escrito cerca de 1960.

14. Na sequência do 25 de Novembro de 1975 pede a demissão do Século Ilustrado e parte para a Venezuela, onde casa a 22 de Março de 1976 com Madalena Hernandez. Tem 60 anos.

15. Ataque cardiovascular a 28 de Outubro, em Lisboa, onde veio buscar livros e papéis para consumar o exílio.

16. Morre a 30 de Outubro.
17. Sabe-se que Manuel de Lima — que viveu em mais de 30 quartos alugados, camaratas e até bancos de jardins — perdeu varios manuscritos. Pelo menos um deles estava acabado e ha mesmo um desenho de João Rodrigues que se lhe refere, publicado no Jornal de Letras e Artes. Trata-se de «Cogumelos e Dentaduras».

Outro texto desaparecido é «Festival de Borracha».
Na já referida entrevista ao Letras e Artes, Manuel de Lima diz estar a trabalhar numa novela com base em cartas de «As Ligações Perigosas», de Laclos, que se destinaria a uma antologia a publicar sob o título de «Modernos de Todos os Tempos».

Nos últimos meses de vida falou a vários amigos de um livro que estaria a escrever com o nome de «O inimigo na Cama».

Delfim da Costa Filho
Álvaro Saragaço Júnior

Retrato de Manuel de Lima

FOTOGRAFIA Sete Ponto Sete

Encontro com Henri Cartier Bresson

Trezentas fotografias de Henri Cartier-Bresson estão expostas em Paris, no Museu de Arte Moderna, entre 12 de Novembro e 11 de Janeiro. Muitas delas são conhecidas, outras estavam miraculosamente esquecidas no fundo de velhas malas... Uma retrospectiva que é também um repensar a consagração.

«Em garoto, conta Cartier-Bresson, era sem dúvida intolerante. A minha mãe levava-me ao concerto porque eu mordia as minhas irmãs. O meu avô dizia que eu não ia prestar para nada. Eu não sabia o que queria fazer mas sabia perfeitamente aquilo que não queria: entrar nos negócios. A minha família criou nos anos 1860-1870, no princípio da industrialização, uma fábrica de linhas de coser. Nesse tempo ainda se passavam os lençóis e as toalhas. O apelido incomodava-me. Por isso dizia que me chamava simplesmente Cartier. Nas férias ia para Ruão. Talvez tenha sido isso o que mais marcou a minha infância: o porto, as tabernas dos marinheiros, era formidável. Mais tarde, tudo foi destruído.

Comecei a pintar aos quinze, dezasseis anos. Um irmão do meu pai, que foi morto na guerra de 1914, pintava. Era um pouco um pai mítico. A pintura sempre me atraiu. Quando em 1942 fugi do cativeiro com um amigo, perguntámos um ao outro: «O que é que vais fazer?». Ele disse: «Desenhador de moda». E eu: «Vou ser pintor.». Vi pintura durante toda a infância. Quando estava no liceu Condorcet, corria as galerias, ia ver **les Poseuses** de Seurat, que ainda estavam à venda. Em 1928 entrei para o atelier do pintor cubista André Lhote, a quem devo tudo quanto aprendi de pintura.

Fazia gouaches. Depois destrui tudo. Gosto de fazer tábua-rasa. Sabia que devia fazer outra coisa. Parti para a Africa. Caçei à tabuada, vendia a carne. Apanhei uma biliosa e regressei. Comecei então a fazer fotografia. A pintura continuava a ser uma obsessão e a fotografia era para mim um caderno de esboços, desenhos imediatos, perguntas-respostas. As primeiras fotografias que vi por intermédio de amigos americanos eram da autoria de Atget e Kertesz. A foto de Munkaczi, que representa três crianças negras atirando-se à água, foi uma espécie de pontapé de saída: «Anda em frente!» Ainda hoje vejo nela a perfeição da forma, um sentido da vida, um estremecimento. Tudo isso está ligado ao pequeno aparelho, às coisas rápidas. Para mim, a foto feita com tripé, já é passadista.

Em 1933 encontrei, em casa de Jacques-Emile Blanche, os surrealistas e é por isso que cito sempre, a propósito da fotografia, a frase de Breton sobre **o acaso objectivo.** Os surrealistas interessavam-se pela fotografia, o grande público não. **Eu conhecia muito poucos fotógrafos.** Tinha uma grande admiração por Brassai, mas a sua obra já estava a caminho. Em 1934 fiz fotografias no México. Em 1935 não tirei uma única fotografia em Nova Iorque, que visitei pela primeira vez. Aprendi cinema e montagem com Paul Strand. Fizemos documentários. Mais tarde fui assistente de Renoir em três filmes, aprendi muitas coisas sobre a vida mas não tinha imaginação e sabia que nunca seria realizador.

Antes da guerra o editor Tériade que é um pouco meu mentor desde 1932, já se interessava pelas fotos de Brassai, Bill Brandt e Lotar. Queria fazer um livro connosco, depois veio a guerra. Em seguida foi a libertação, e as pessoas tinham outras curiosidades. Eu tinha um pouco de dinheiro e por isso não fui trabalhar para um banco. Parti em busca da foto por si própria, um pouco como se faz um poema. Com Magnum nasceu a necessidade de contar uma história.

Se hoje sou conhecido devo-o aos amigos americanos que encontrei em 1929, através de Max Ernst, Harry Crosby e Julien Lévy, um amigo dos surrealistas que fez a minha primeira exposição em 1933. Depois, em Nova Iorque, a Lincoln Kirstein, Monroe Wheeler e Beaumont-Newhall, do Museu de Arte Moderna, que me organizaram, em 1948, uma exposição póstuma. Julgavam que eu tinha morrido. Tiveram depois, quando souberam que eu estava vivo, a gentileza de não suprimir a exposição.

Em 1946, Robert Capa, Chim (David Seymour) e eu, criámos **Magnum.** Eu e Chim estavamos, de princípio, muito inquietos. E foi Capa quem, de princípio, fez viver **Magnum,** jogando nas corridas. Era um génio para os negócios, um aventureiro com uma ética. Intelectualmente sentia-me mais perto de Chim, que tinha cara de jogador de xadrez. Para mim, o século XIX terminou nos anos 50-55. Antes não havia televisão. As pessoas queriam saber o que se passava lonje, e nós participavamos nessa curiosidade. Tal como um contador Geiger, a Leica é um aparelho registador, não é a foto única, o resumo que consegue exprimir uma situação. Para lé chegar é preciso uma atenção constante, ir para a rua, estar sempre presente, olhar. O nervosismo prestou-me os maiores serviços. A anedota, a foto-choque, a fotodocumentário que explica, são más. Capa dizia-me muitas vezes: **Tu contas-me histórias mas eu não as sinto através da tua fotografia.** Tinha razão. Capa também me disse: **Não queiras a etiqueta de fotógrafo surrealista. Sê antes fotojornalista. Se não vais cair no maneirismo, no preciosismo. Guarda o surrealismo para ti.** Estes conselhos alargaram o meu campo de visão. Eu estava casado com uma indonésia e o Capa disse-me: **Ocupas-te da descolonização.** Passei três anos no oriente sem regressar. Como obter os mesmos resultados quando se está quinze dias num país? Leva tempo a compreender, a sentir. Não havia grandes hotéis, vivia-se de qualquer maneira, mas os fotógrafos eram menos numerosos, agora as pessoas acham-nos insuportáveis. Nas manifestações ou nas festas, quando há 12% de fotógrafos, as coisas tornam-se graves...

HENRI CARTIER-BRESSON

Em 1952 Tetíade editou **Images à la sauvette** com uma capa de Matisse, e em 1955 **les Européens** com uma capa de Miró. De **Images à la sauvette** disse-me Capa: **Se ganhares dinheiro, gasta-lo, mas se conseguires prestígio, isso vai-te ajudar.** «Tériade obrigou-me a escrever um texto em que explicasse como tirava as minhas fotografias. Primeiro recusei. Depois, com a ajuda da sua assistente, acabei por escrever o texto que serve de prefácio. Em 1955 fiz a minha primeira exposição no pavilhão de Marsan. Entretanto, Bob (Robert Delpire) editara o meu livro sobre a China: **D'une Chine à l'autre.** Ele queria um prefácio de Sartre. Fui procurá-lo. **Mas eu nunca fui à China,** disse-me Sartre. Respondi-lhe o que me passou pela cabeça: **Os padres não são casados mas sabem muito sobre as mulheres.** Respondeu-me: **Vamos lá!**

Sou um horrível jornalista. Passei a noite em casa de uma bailarina de Covent Garden no dia em que Nureev desembarcou, e não pensei em tirar uma fotografia. Conheci Varese, Desnos, e nunca os fotografei. Pode tirar-se uma fotografia enquanto se conversa, mas é preciso estar presente. É um exercício mental, uma concentração perpétua. Só posso fazer o retrato de pessoas que conheço, de quem gosto, cuja obra também conheço. Não basta tirar um nome da lista da gente célebre, ou escolher uma cara bonita. Mesmo que a pessoa esteja de acordo, há sempre uma espécie de duelo. Quando via a minha máquina Bonnard punha-se a comer o cache-col, dizia que estava constipado. Não devoramos as pessoas mas temos que ter vivacidade e ao mesmo tempo calma interior. Ser a placa sensível, deixar que as coisas cheguem. Foi Braque quem pela primeira vez associou esta actividade com o tiro ao arco.

Algumas fotografias são anedóticas: não têm o rigor da forma. A forma é uma angústia perpétua. O resto sai do sistema de um modo intuitivo. A composição é bastante misteriosa, mas ela não basta. As espinhas de peixe colocadas num prato sem carne, constituem uma triste refeição. No entanto, sem estrutura nada existe. A ferramenta é necessária. A **Polaroid** ou a **Video** não me satisfazem porque a fotografia, para mim, deve ser um prazer do olhar, é preciso ser-se gozador. Os fotógrafos que eu aprecio têm um olhar de pintor, e isso cultiva-se. Depende das pessoas que se frequentam. Não pode inventar-se tudo.

Joguei com Giacometti ao jogo dos três pintores preferidos. Acertámos nos mesmos, Cézanne, Van Eyck e um terceiro que já não sei se era Paolo Ucello ou Piero della Francesca...Agora, acrescentaria Degas, Matisse por causa da cor, da sensualidade e da inteligência, e Alberto, do rigor. Giacommeti continua ser o meu mestre de pensar. Nesse tempo o seu rigor e a sua autenticidade incomodavam muita gente. Ele dizia: **Porque faria eu agora retratos realistas se existe a fotografia?**

Entre 1946 e 1965 fui um fotógrafo activo. Há quinze anos que Teríade me disse que parasse com a fotografia: **Já disseste o que tinhas a dizer. Agora desenha e pinta.**

Agora que a foto está guardada, acabou o prazer. O desenho obriga-me a dominar-me. Com a fotografia não me sinto responsável. Fui à India onde não voltara desde 1965 mas não me lembrei de desenhar. Estive lá pouco tempo para isso. Encontrei de novo a minha curiosidade, esse modo de fotografar como se tomasse o pulso. O segredo é a concentração. No último dia apeteceu-me desenhar uma paisagem, numa praça. As crianças, as pessoas, paravam para ver. Quando se tira uma fotografia, leva-se consigo na caixa, não se pode compartilhá-la de imediato...

Vejo as fotografias que tirei e verifico que é raro chegar a uma quintessência. Descubro companheiros perdidos, todas as loucuras que fiz. Não há nenhum progresso na fotografia. Não fiz nenhum progresso. **Não se amadurece, apodrece-se, aos bocados.** Creio que foi Taine quem o disse, repeti-o ao meu avô quando tinha dezasseis anos e ele pôs-me na rua. O meu pai dizia-me sempre: **Henri, tens que aprender a dominar-te.** Mas não se progride. Não é por desdém, mas nunca vejo jornais ilustrados. Guardo os meus olhos para a vida.

Há em Rémy de Gourmont uma passagem sobre a inteligência das crianças, de que eu gosto muito. Ele diz que a inteligência é desinteressada: **Quanto mais desinteressado é um acto mais ele se aproxima da perfeição.** Depois a inteligência torna-se utilitária. Tem que se trabalhar por prazer. Se não temos prazer nós próprios como havemos de dar prazer aos outros?

CANAL DA CRITICA

Mário Castrim

"Freitas-show": pobreza de um homem, vergonha de uma política

O último episódio de **Cribb** transportou-nos, ao fim da serão, não direi a uma nova visão do crime, mas a uma nova visão do castigo. Assim, ao impedir o crime da jovem na pessoa de seu marido já idoso, mas com esperanças de viver até aos noventa anos, condena-a a cuidar dele o melhor possível, salvo denúncia por tentativa de homicídio e suspeita de assassínios anteriores. Uma espécie de castigo a prisão perpétua com trabalhos forçados.

Infelizmente, a parábola tem valor apenas individual. A sociedade mercantilista (alemã, francesa, inglesa, americana, etc.) pratica diariamente os crimes mais indecentes (isso a que eles chamam pomposamente «direitos humanos»...) e não é obrigada a defender e a cuidar dos velhos. Como há-de uma sociedade injusta cuidar dos velhos se já deles nada espera, se não pode explorá-los mais?

Se **Cribb** ordenasse as leis, outro galo cantaria aos pobres velhos da Inglaterra. Adeus, **Cribb**. Em questão de crimes, tu não foste, na RTP, o maior. Longe disso.

Novo crime...

Antes dele, por exemplo, aconteceu aquele crime da Madeira, com uma «Crónica» que poderia ter alguma vantagem se devidamente defendida.

Ora a explicação inicial não foi bastante para informar a audiência. Meia dúzia de palavras – e depois, poucas mais houve. Houve quem tocasse não se sabe o quê, nem quem, nem onde. Houve quem falasse – e alguns em inglêrra. Adeus, **Cribb**. Em questão de crimes, tu não foste, na RTP, o maior. Longe disso.

Novo crime...

Antes dele, por exemplo, aconteceu aquele crime da Madeira, com uma «Crónica» que poderia ter alguma vantagem se devidamente defendida.

Ora a explicação inicial não foi bastante para informar a audiência. Meia dúzia de palavras – e suas aventuras no mundo da música, grandes aventuras, por sinal. Em tempo oportuno, alma caridosa explicou-me que aquele já nome grande musical se chamava Elmar de Oliveira, descendente de portugueses da Murtosa emigrados nos Estados Unidos, vencedor em Moscovo do Concurso Tchaikowski para violino.

Tudo à balda. Tudo a despachar. Crime aliás frequente na RTP. Cada qual, para matar, usa a dedaleira mais apropriada.

... E mais um

Mas infelizmente em matéria de crimes, não ficámos por aqui. Logo depois da Dona Xepa veio o dr. Freitas do Amaral.

Para entrevistadores, a Senhora Dona Margarida, o Pedro de Oliveira – ambos da RTP; e os convidados Beça Múrias de «O Jornal» e Freitas Cruz do «Primeiro de Janeiro». Mais uma vez se verifica a preocupação de, face aos políticos de direita, os não confrontar com jornalistas pertencentes a uma certa área de esquerda. Veremos o que vai acontecer com a próxima entrevista do dr. Sá Carneiro – se é que ele, desta vez, se resolve a enfrentar e a explicar-se diante do povo português, em condições minimamente correctas.

Quanto ao mais, e como já se esperava, o dr. Freitas meteu os pés pelas mãos (ou os pés pelos pés, se preferirem) acumulou fugas, sofismas, suspeições, aldrabices, ataques abusivos. Autêntica girândola de parlapatice capaz, só por si, de desclassificar um político.

Nas (infelizmente) poucas intervenções do jornalista Beça Múrias, Freitas do Amaral espalhou-se ao comprido, como se o chão estivesse coberto de um palmo de cera. Este homem tem lugar firme no campeonato mundial de patins.

A «cassette» é já conhecida. Confrontado com afirmações contraditórias, diz que a coerência é dele e os outros é que mudaram; se são os outros que modificam suas opiniões, são uns malandros. Eles são os arautos da concórdia nacional – mas com exclusão dos comunistas... Governmo CDS-PS? Não aliança com «marxistas», mas serviço patriótico, sacrifício partidário. Culpados da queda desse governo? Os socialistas e o general Eanes...

Afiança baser-se em factos, e aponta três factos para demonstrar o conluio «Eanes-PC»: o apoio do MDP; a declaração do PCP de retirar a candidatura de Carlos Brito e transferir o apoio para outro candidato; a inevitabilidade de um apoio do PC ao general Eanes...

Simplesmente, o MDP não é o PCP e a sua decisão de não apoiar o candidato comunista, demonstrou bem o seu projecto autónomo; o PCP não declarou coisa nenhuma; e a tal inevitabilidade, como facto, só existe na cabeça mal mobilada de Freitas do Amaral. Quando em política se usam tais processos, mal vai aos políticos.

Os ataques ao general Eanes assumiram proporções de autêntica garotice, tanto mais graves quanto pretendem apoiar-se em factos nitidamente falsificados. Aquele golpe baixo do «acordo secreto». é qualquer coisa de repugnante que o eleitorado de direita, minimamente honesto, não poderá igualmente tolerar.

O anticomunismo de Freitas atinge a paranóia, não augura nada de bom. Repare-se: garante, face a uma insistência de Beça Múrias, que no governo de Nobre da Costa havia comunistas. Refinada mentira, intriga pura. Depois, recua, bem, ele não viu os cartões, mas lá comunistas, eram, e se não eram comunistas eram amigos dos comunistas, ou conhecidos deles, enfim, da mesma área... Eis como a «AD» prepara o ataque frontal à democracia segundo o lema: todos os que são contra nós, são comunistas...

Reparem nesta história: ele e Carneiro não formarão governo com o general Eanes **ficando assim o País empobrecido**. Logo, a culpa do «empobrecimento» do País, pertence ao general Eanes e qual é a solução? a vitória do Soares Carneiro.

Pura chantagem. Intolerável. Que raio de ideia farão estes tipos do povo português?

Entretanto, Kissinger está aí. Em viagem particular, claro. Visita de cortesia da raposa ao galinheiro? Hum...

Hoje

Simone de Oliveira, representará esta noite o nosso país, no Festival da Canção Ibero-americana, com a canção da autoria de Pedro Brito e Tozé Brito, intitulada «À Tua Espera», e que a RTP-1 transmite em directo do Teatro Municipal de Buenos Aires

RTP-1

16.20 Animação
16.50 O Mundo à nossa volta – «Na Sombra do Falcão».
17.40 Zoom - Programa da responsabilidade da Direcção de Informação
18.40 O Caminho das Estrelas - «Star Trek» (10.° episódio)
20.00 Telejornal
20.00 Telenovela - «Dona Xêpa» (episódio n.° 65)
21.10 O Tempo
21.15 Eu Show Nico - Programa com Nicolau Breyner. Raul Solnado é o convidado do espectáculo de hoje.
22.10 Voo nocturno - Intérpretes: Trevor Howard, Bo Svenson e Céline Lomez.
23.00 Festival da Canção Ibero-americana - Transmissão directa, via satélite, do Teatro Municipal de Buenos Aires do IX Festival da Canção Ibero-americana promovido pela Organização Iberoamericana de Televisão, da qual RTP é membro. Simone de Oliveira representando o nosso país, interpretará, sob a direcção do maestro Jorge Costa Pinto, a canção «A tua Espera» de Pedro Brito e Tozé Brito.

RTP-2

20.30 Abertura
20.32 Blake's Seven - (1.° episódio). Intérpretes: Jan Chappell, Gareth Thomas e Paul Darraw.
21.30 Telejornal - Em diferido do 1.° programa
22.00 Como nasce uma sinfonia

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
RTP-1
Festival da Canção Ibero-americana
(23.00)
RTP-2
Blake Seven
(20.30)
ASSISTÊNCIA TECNICA telef: 2112871

POUPE COMBUSTÍVEL
Controle regularmente o consumo do seu carro. Se notar um aumento exagerado consulte o seu mecânico.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

TECNICOOP
REPARAÇÕES-QUALQUER AVARIA
Reparamos hoje em sua casa
NUNCA RETIRAMOS A MÁQUINA
MÁQ-LAVAR
Tel. 83 65 57 das 9 às 19 h

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos.
agencia abreu
LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

É FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO
ESPINHO DE 19 A 23/11

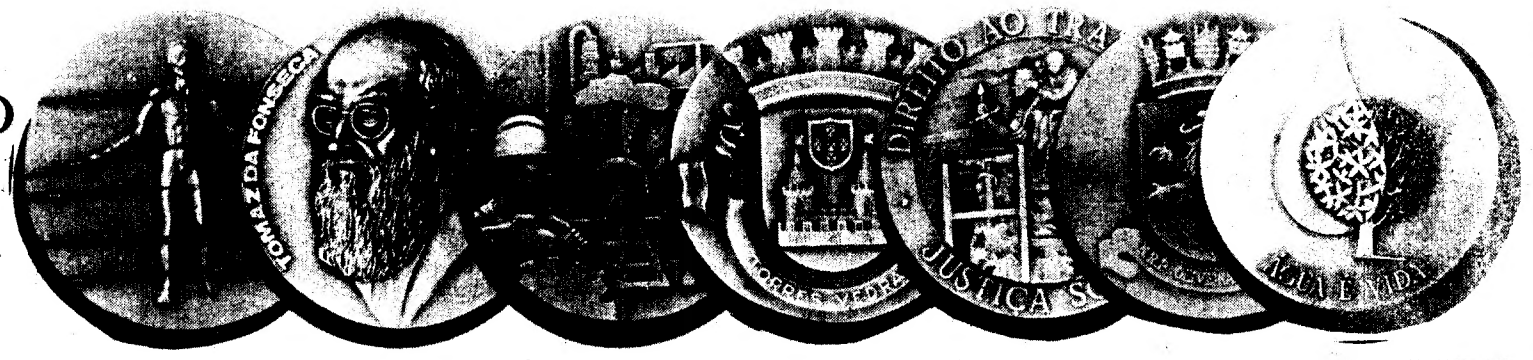
Amanhã

RTP-1

11.00 Tempo dos mais novos, **12.30** Encaristia Dominical; **13.20** Setenta vezes sete; **13.55** Sumário; **14.00** TV Rural; **14.35** Schol's Prom; **15.30** Amor de jornalista (filme de grande metragem); **17.40** Magazine/7; **18.30** Grande encontro; **20.00** Oh Boy!; 20.30 Telejornal; **21.05** O Tempo; **21.15** Os Marretas; **21.45** TV Show

RTP-2

20.00 As grandes cidades do Mundo; **21.00** Projecto Ovni; **21.50** Ao Vivo

atelier BELO MARQUES
R.DA TRINDADE,5-2ºD
R.VITOR CORDON,12
1200,LISBOA
TELEF: 371254
MEDALHAS COMEMORATIVAS


ROTEIRO CULTURAL

Exposições

Francisco José Catarino Salgueiro, José Luis Severo e Carlos Manuel Teixeira Lourenço expõem fotografias no AR.CO. Tema: o estágio que os três ex-alunos de fotografia do AR.CO fizeram na Polónia, em Kwiejce-Lodz, em Setembro de 1980.

Encerra hoje, à noite, no Porto, a exposição de artes plásticas CNARPE-80, certame que já constitui, nos vários aspectos, um êxito assinalável. Recorda-se que a receita da venda das obras oferecidas e expostas reverterá para fundos da campanha de reeleição do Presidente Eanes.

Caricaturas de autores de vários países dedicados à aviação estão expostas no Instituto Alemão em Lisboa. A exposição, iniciativa de uma companhia aérea da Alemanha, Federal, inclui mais de cem trabalhos de caricaturistas ingleses, alemães, franceses, suecos, norte-americanos e suiços. Segundo o folheto referente ao certame, «o objectivo destas imagens é denunciar a credulidade no progresso fácil. Trata-se de caricaturas que querem desmascarar o império da técnica». Murschetz, Saul Steinberg, Jurg Jusp e Richard Graef são alguns dos 55 autores seleccionados para esta exposição, que inclui trabalhos anónimos e que estará patente ao público até 15 de Dezembro.

Teatro

Será hoje representada, às 21.30, no Conservatório Regional de Aveiro, a peça «Alzira Power», de António Bivar. O espectáculo, que se integra no I Ciclo de Teatro de Aveiro/80, tem direcção de Orace Gemba e será apresentado pela companhia brasileira de Lota Moncada e José Plínio.

O Teatro Experimental de Cascais inicia na próxima semana um ciclo de espectáculos vicentinos destinados às aulas secundárias de literatura portuguesa. As representações dos Autos da Barca do Inferno e da India, de Gil Vicente, o primeiro dramaturgo português, serão efectuadas nas Escolas de S. João do Estoril, Cascais e Carcavelos.

«A Paz» continua a ser representada pela companhia do Centro Cultural de Évora. Aristófanes é u autor do texto, sendo a encenação de Mário Barradas e Luís Varela, os cenários e figurinos de João Vieira e a música de Mikis Te-

Fotografia de Luís Severo

odorakis e dos «Area». O espectáculo estará hoje e amanhã em cena, em Evora, no Teatro Garcia de Resende. Aristófanes, poeta grego do século IV, denunciava os abusos de toda a ordem, lutava incasavelmente pela paz e nas suas peças o povo era fielmente retratado nos seus sentimentos e aspirações, defendendo contra os demagogos os interesses dos camponeses e da plebe das cidades.

Hoje e amanhã, às 18.45, na Sociedade Portuguesa de Autores (Av. Duque de Loulé, 31), últimas representações de «O Desconcerto», uma peça de Jaime Salazar Sampaio encenada por Rogério de Carvalho e interpretada por Maria N'Zambi e Ávila Costa, primeiro trabalho do recém-constituí[do] «Início, grupo de teatro».

«Passeios de domingo»

O Centro Nacional de Cultura realiza amanhã dois «Passeios de domingo»: um ao Aqueduto das Águas Livres e outro ao Museu de Arte Contemporânea, ambos com o apoio interessante e minucioso que o CNC costuma dar a estas iniciativas.

Música

Dando continuidade às Comemorações do seu I Centenário e integrado no Ciclo Internacional de Canto, o Orfeon Académico de Coimbra via organizar hoje, pelas 21.30 horas, na Capela da Universidade, um concerto com o Coro Gulbenkian dirigido pelo Maestro Fernando Eldoro.

Amanhã, pelas 18 horas, no Teatro Académico de Gil Vicente, Hakan Sund (pianista) e Margareta Jonth (solista soprano) representarão a música sueca neste Ciclo Internacional de Canto.

Os bilhetes estão à venda nas bilheteiras do Teatro de Gil Vicente ao preço de 70á00 para o público em geral e de 50$00 para estudantes. O Coro Gulbenkian é grátis.

Informação

A Informação actual no país em geral e na RTP em particular, tal o tema de mais um «Sábado Clac», a realizar hoje, às 17.30, no Casarão Côr-de-rosa da Praça de Espanha. Durante esta sessão, em que estarão presentes jornalistas e membros do Conselho de Redacção da RTP-2, haverá debate e serão dadas informações sobre a situação actualmente vivida naquela área da televisão. A entrada é livre.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

Sexta-feira, 14 de Novembro de 1980

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51$70	56$70
ALEMANHA FED. (marco)	26$95	28$05
AUSTRIA (xelim)	3$75	3$95
BÉLGICA (franco)	1$607	1$707
BRASIL (cruzeiro)	$654	$904
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	42$75	44$75
(notas de 5 a 1000)	43$25	45$25
DINAMARCA (coroa)	8$75	9$15
ESPANHA (peseta)	$641	$741
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	50$70	52$70
(notas de 5 a 1000)	51$20	53$20
FINLÂNDIA (marka)	13$60	14$20
FRANÇA (franco)	11$60	12$20
HOLANDA (florim)	24$85	25$85
INGLATERRA (libra)	123$55	127$55
IRLANDA (libra)	101$20	105$20
ITÁLIA (lira)	$052	$062
JAPAO (iene)	$219	$249
NORUEGA (coroa)	10$20	10$70
SUÉCIA (coroa)	11$90	12$50
SUIÇA (franco)	30$00	31$10
VENEZUELA (bolivar)	10$40	11$40

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado por nuvens altas e médias nas regiões a norte do Tejo e pouco nublado a Sul; havia neblinas ou nevoeiro a Norte do Mondego e o vento era em geral fraco.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	6°
BRAGANÇA	1°
VILA REAL	3°
PORTO	6°
PENHAS DOURADAS	9°
COIMBRA	6°
CABO CARVOEIRO	8°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	7°
EVORA	7°
SINES	14°
BEJA	8°
SAGRES	14°
FARO	13°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.53	3,5 m	1.09	1,8 m
20.43	3,3 m	13.59	1,6 m
Dia 16			
9.09	3,5 m	9.29	1,8 m
22.02	3,4 m	15.20	1,6 m
Dia 17			
10.26	3,6 m	3.52	1,7 m
23.13	3,6 m	16.34	1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado em especial nas regiões do Norte; possibilidade de chuvisco na faixa costeira a norte do Cabo Carvoeiro durnte o dia de amanhã; vento fraco amoderado de Sudoeste; neblinas matinais ou nevoeiros locais durante a noite e manhã.

– AMANHÃ –
NASCER ÀS 7.20
OCASO ÀS 17.22

DIA 15 DIA 22 DIA 29 DIA 7

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

1.º Programa

17.00 – Informação; «Face e o Perfil»; **18.00** – «Lisboa – Cidade»; **19.30** – Sinal horário – «Jornal da Noite»; **20.00 – De Ontem, D'Hoje e D'Amanhã; 21.30** – Fados; **22.00** – «Programa da Noite»; **24.00** – «Jornal da Meia Noite».

2.º Programa

17.35 – Poemas Sinfónicos: «Don Quixote», op. 35, de Ricardo Strauss, pela Orquestra Sinfónica de Chicago; em Sarga, op. 9, de Sibelius, pela Orquestra da Suiça Francesa; **18.40** – Solos de viola dedilhada por Karl Scheit; **19.00** – Encontro com...; **19.45** – Suite Miniatura, de Coates, pela Orquestra Sinfónica de Birmingham; **20.00** – Sonatas para Piano: Sonata em dó menor D 958, de Schubert- Sonata para piano e percussão, de Bartok; **21.00** – Pierre Boulez, compositor e regente; **22.00** – Cantata n.º 1, de Handel; **22.32** – Concerto – 1940, de Hindemith, Orquestra Filarmónica Checa.; **23.00** – Intercâmbio musical: Semana Internacional de Orgão em Nuremberga, 1980 – gravações cedidas pela Rádio da Baviera Parte de um concerto em que colaboram o «St. John's College Choir» e os organistas David Hill e Ian Shaw; **23.45** – Sonatas para violino e piano: Sonata n.º 2 em mi maior, de Bach – Sonata 1903 – de Bartock; **00.25** – Duetos de Óperas: Da opera «D. Joáo», de Mozart, Lá ci darem la mano. Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim; Da Ópera «Lucia de Lammermoor», de Donizetti: Sulla Tomba – Dueto de Edgardo e Lucia, por Giuseppe di Stefano (tenor), Ranata Scotto (soprano) e a Orquestra do Scala de Milão: Da Ópera «Os Huguenotes», de Meyerbber: Dueto pela Orquestra Sinfónica de Londres; **01.00** – Fecho.

Rádio comercial (290 m)

15.03 – Sábado especial; **18.03** – Som Fantástico; **19.05** – É o Fim; **20.00** – Noticiário; **20.03** – Quanto o Telefone Toca (1.ª edição); **20.30** – Quando o Telefone Toca (2.ª edição); **21.03** – Quando o Telefone Toca (3.ª edição); **21.30** – Tempo de Desporto.

RC – FM – Estéreo (97,4 MHz)

15.03 – Mão na Música; **17.03** – Top's; **19.03** – Em Orbita; **21.03** – Entretanto...

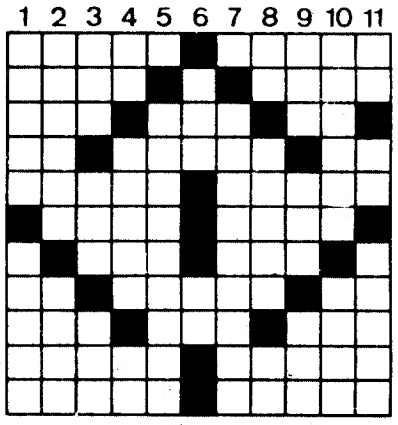
Rádio Renascença

16.00 – Pop-Top-Rock; **18.25** – Palavra do Dia; **18.30 – Transmissão do Terço; 19.00** – Roda Viva; **20.00** – 60 Minutos; **21:00** – Pentagrama; **21.30** – Diálogo e Vida; **22.00** – Quando o Telefone Toca; **22.30 – Rádio Revista; 23.55** – Fecho.

Tiragem média diária do mês anterior: 46 563 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 12781



HORIZONTAIS:

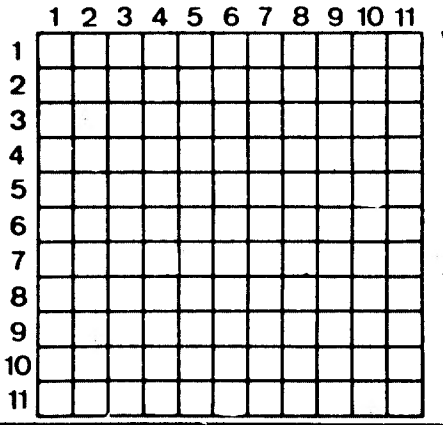
1 Aparelho de ginástica. Da Arábia.
2 Bisnaga. Rezar.
3 Recusa. Ente. Despido (inv.).
4 Preposição latina que designa movimento. Leitos. Tempo do verbo haver.
5 Limpam com água. Enxugas.
6 Tempo do verbo ser. Dar pios.
7 Senhor em inglês. Anel.
8 Pequena ilha francesa, fortificada do Mediterrâneo. Ave trepadora. Lutécio. (sq).
9 Grande quantidade. Rio da Sibéria. Nome de um pontó cardeal.
10 Mova. Perfume.
11 Tempo do verbo ser. Sugues o leite materno.

VERTICAIS:

1 Co num. Observas.
2 Queridas. Chaminé.
3 Curso de água natural e abundante. Lês. Viscera dupla.
4 Letra grega. Freguesia do concelho de Belmonte. Porco.
5 Indivíduo muito gordo (po). (pl).
6 Preposição. Prefixo que designa afastamento.
7 Alisariam.
8 Letra grega. Cesto de esparto onde se deita a azeitona para a espremer. Batráquio.
9 Sapo do Amazonas. Animal doméstico. Modo (fig).
10 Molhar. Clarão.
11 Érbio (sq). Carta de jogar. Saltas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8841



HORIZONTAIS:

1 Nome de peixe. Procediam.
2 Esteiro. Chiste. Dá mios.
3 Deserto. Mamífero desdentado espécie de tatu.
4 Segreda. Ataque de nervos.
5 Entusiasmada.
6 Tontaria.
7 Toucinho fresco. Lançar o arpéu a.
8 Campo em que se exerce determinada acção. Espécie de forragem (Bras).
9 Medida japonesa igual a dois decilitros. Deras pios.
10 Apelido. Rates. Quinto filho de Jacob.
11 Continua. Sadias.

VERTICAIS:

1 Detido. Sugar o leite materno.
2 Freguesia do concelho de Barcelos. Botequim. Nota musical.
3 Ladeira. Procedia.
4 Adornarão.
5 Ósmio (s.q). Encoleriza. Rádio (sq).
6 Nesse lugar. Miriare. Colocou.
7 O mais. Pesquisaria.
8 Estarias em fogo.
9 Que não tem religião. Semelhante.
10 Camareiras. Rodeira de carro.
11 Oportunidades. Roças.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12780

HORIZONTAIS:

1 Agradecidas.
2 Coes. Mera.
3 Aru. Cana. VS.
4 Ta! O. Sa. FIM.
5 Psi. Saído.
6 Casta. Unas.
7 COROA. Ura.
8 Aló. Amados.
9 Ca. Opa. Sobe
10 Arm.
11 Acenarias.

VERTICAIS:

1 Acata. Caçar.
2 Gora. Colar.
3 Réu. Paro. Ma.
4 As. Osso.
5 Ita. Pré.
6 Emas. Aa.
7 Cenas. Um. Sa.
8 Ira. Auras.
9 Dá. Finado.
10 Vida. OBRA.
11 Sismos. Sé.

Provérbio: O FIM COROA A OBRA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8840

HORIZONTAIS:

1 Falun. Risca.
2 Açor. Faon.
3 Roa. Aia. Ara.
4 Ir. Amado. Ti.
5 Adama. Orças.
6 Ama. Criar.
7 Ara. Nas.
8 Am. Orna. Aru.
9 Nós. Cós. Dar.
11 Aras. Doma.
11 Lasca. Casos.

VERTICAIS:

1 Faria. Canal.
2 Acorda. Mora.
3 Loa. Ama. Sãs.
4 Ur. Amaro. SC.
5 Ama. Arc.
6 Jia. Noa.
7 Adornas.
8 If. Oriá. Dá.
9 Saa. Casados.
10 Cortar. Ramo.
11 Anais. Curas.

farmácias

LISBOA

PERMANENTES

EUSIL : Rua Barão Sabrosa, 104. (Tel. 841912); **ROMA:** Av. Roma, 85-B, (Tel. 772466); **VALADAS:** Rua da Madalena, 235. T(Tel. 872060); **LISBOA:** Rua Cláudio Nunes, 73-A. (Tel. 703393); **CASTRO FONSECA:** Rua 4 de Infantaria, 28-A. (Tel. 688857); **REMÍSIO:** Rua dos Jerónimos, 14-C. (Tel. 631699); **MOTA CAPITÃO:** Rua São Félix, 45-BC. (Tel. 660720); **SÁ DA BANDEIRA:** Rua Marq. Sá da Bandeira, 36-40. (Tel. 554672); **HIGIENE:** Rua Cid. Vila Cabral, Lt. 43. (Tel. 310026); **ALMEIDA NETO:** Av. Comb. G. Guerra, 64. (Tel. 2112070); **CORREIA:** Est. Principal, Lote 172. (Tel. 993148); **GONÇALVES:** Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (Tel. 915662).

AMANHÃ PERMANENTE

TELES: Rua João de Barros, 2 Frente. (Tel. 638176); **ZIL:** Av. da Igreja, 9-D. **ONILDA:** Av. João XXI, 13-A. (Tel. 886848); **AZEVEDO, FILHOS:** Rossio, 31. (Tel. 327478); **ZEMA:** Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A (Tel. 832580); **COMBRO:** Cç. Combro, 78-82. (Tel. 306059); **OURIQUE:** Rua Freitas Gazul, 32-B. (Tel. 671667); **ESTEFÂNIA:** Rua Pascoal de Melo, 90. (Tel. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR:** Alam. Linhas de Torres, 254-B. (Tel. 790480); **LATINA:** Av. Ant. Augusto Aguiar, 17-A. (Tel. 42312); **MARLUZ:** Cç. da Picheleira, 140-BC, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. (Tel. 880703); **VITEX:** Est. de Benfica, 373-B (Tel. 780548); **COMBATENTES:** Av. Comb. G. Guerra, 166. (Tel. 2104953); **CENTRAL ODIVELAS:** Alm. Inf. D. Henrique, 1. (Tel. 911203); **PIMENTEL:** Az. dos Bezouros, Lt. R8.

Linha de Cascais

CARCAVELOS – Central: R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAÇO DE ARCOS – Pargana:** Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS – Oeiras:** L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Brandão:** Av. da República, 77-C (Tel. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **ESTORIL – Parque:** Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191). Até às 21 horas; **CASCAIS – Misericórdia:** R. Regimento, 19, 41 (Tel. 280141). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA – Dias: Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589) Permanente; **DAMAIA – Lemos:** R. de Goa, 21-A (Tel. 971121) Permanente; **QUELUZ – André:** Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **CAMARATE – Santos Silva:** L. 25 de Abril, Lote 135-C (Tel. 2513158); **CACÉM – Guerra Rico:** Entre Lotes, 6 e 7 – Freixo Capitão (Tel. 2944002); **RIO DE MOURO – Riomouro:** Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim:** (Tel. 980456) Permanente; **COLARES – Abreja:** (Tel. 299088).

Outra Banda

ALMADA – Nuno Álvares: Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE – Cerqueira Afonso:** P. de 5 Outubro, 18 (Tel. 2750254); **LARANJEIRO – Moderna:** R. Dr. António Elvas, 84 (Tel. 2490305); **COSTA DA CAPARICA – Higiénica:** Av. da República, 23 (Tel. 240002); **SESIMBRA – Leão:** Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Mascarenhas Neto:** R. Almeida Garret, 1 (Tel. 2076454) Permanente; **Avenida:** Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212) Até às 19 horas; **AMORA – Nobre Guerreiro:** R. Dr. Emílio G. Garcia Campos, 2-A; **SEIXAL – Godinho:** L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO – Giraldes:** R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008); **MOITA – União Moitense:** Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão:** R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Gameiro:** L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

MOSCAVIDE – Banha – Av. Moscavide, 22-1A. (Telef. 2518518). Até às 19 horas

MOSCAVIDE – Maria – R. Salvador Allende, Lote 2 (Telef. 2514369). Permanente

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

BATALHA – Praça da Batalha, 26. Telef. 29524; **CAMPO** – Praça da República, 118. Telf. 25116; **COSTA CABRAL** – Rua de Costa Cabral, 1832. Telef. 480700; **FONTE DA MOURA** – Rua de Tânger, 1463. Telef. 681444; **INVICTA** – Rua do Bonfim, 330. Telef. 51212; **MIRA PAULO** – Rua Castelo de Numão, 37. Telef. 64658; **SÁ** – Rua Vale Formoso, 181. Telef. 480427; **SARABANDO** – Largo dos Lóios, 38. Telef. 21701.

(De dia e toda a noite)

BARROS – Rua do Bonjardim, 1292. Telef. 487032; **FÁTIMA** – Rua Oliveira Monteiro, 475. Telef. 65406; **GARANTIA** – Rua Fernandes Tomás, 696. Telef. 24645; **DINIS** – R. Matias de Albuquerque, 247.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MIRANDA – Praça do Comércio, 41. Telef. 23261.

AGFAMATIC 3000 flash pocket Uma ideia luminosa! Agfa

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
não acons. men. 18 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30
ANNIE HALL
de Woody Allen
SALA B
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45
não acons. men. 13 anos
comédia
O CAVALO NEGRO
com Meckey Rooney

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
para todos
SISSI
Jovem Imperatriz
com Romy Schneider, Harheinz Bohn

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 15.00, 18.15, 21.30 e 00.30
int. men. 13 anos
Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson
em TESS
hoje às 00.30
Não acons. men. 13 anos
DUELO AO SOL

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Para maiores de 6 anos
Os divertidos Les Charlots
numa alucinante comédia
OS MALUCOS DO ESTÁDIO
com Paul Preboit e Martine Kelly

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BEM VINDO, MISTER CHANCE
Um filme de Hal Ashby
4.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
para todos
festival Jerry Lewis
DINHEIRO EM CAIXA
COLORIDO
Amanhã às 11.00 – Manhã infantil
Para todos
A DAMA E O VAGABUNDO
de Walt Disney

CASTIL 530194

Rua Castilho **2.ª semana**
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
CAPÍTULO SEGUNDO
Uma deliciosa comédia

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O BRINQUEDO
com Nino Manfredi e Marlele Jobert
às 23.45
não acons. men. 18 anos
RAIVA NOS OLHOS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
int. men. 18 anos
pornográfico - hardcore
O TAPA ... BURACOS
Às 24.00 int. a men. 13 anos
OS MAIS SELVAGENS DO OESTE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
não acons. men. 13 anos
estreia do filme
O INIMIGO DO POVO
um filme de George Schaefer
Steve MacQueen no melhor papel da sua carreira
com Charles Durning e Bibi Andersson
às 24 horas **OS TRÊS DIAS DO CONDOR**
int. men. 13 anos
um filme de Sydney Pollack com Robert Redford e Faye Dunaway

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
DO ÓDIO NASCE O AMOR
Filme indiano de Suleman
com Shabnam, Nadeem, Shahid Talish e Munaway Zarif

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.40, 19 e 21.30
Interd. men. 18 anos
A LARANHA MECÂNICA
Com Malcolm McDowell e Patrick Magee
Às 23.45
Int. a men. 18 anos
O INQUILINO DE ROMAN POLANSKI

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A GRANDE COMPETIÇÃO

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial – Damaia
Às 15.30 e 21.30
Para todos
SOBRE E DESCE
com Mário Moreno (Cantinflas)
às 24.00
A LENDA DE UM HERÓI
Int. a men. 13 anos
Um filme de Singloy Wang
Com Bruce Lee e Caryn White

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
Carla Gravina, Mel Ferrer, Arthur Kennedy
em
O ANTICRISTO
um filme de Aberto de Martinho, Colorido
aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
Às 24.00 – não acons. a men. 18 anos
BRUCE LEE E EU

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
Filme após início das sessões
das 14.45, 17.00, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Romy Schneider e Michel Picolli em
ENTRE DUAS MULHERES
um filme de Claude Sautet
Sábados e domingos
às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
a vida de um casal na intimidade
O MILAGRE DO AMOR II
com Biggi Freyer e Katarina Hartel

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: às 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O INSPECTOR MATELADA NO NILO
com Bud Spencer e Cinzia Monrale
às 18.15 em tarde infantil
para todos
HEIDI NA MONTANHA
Às 24 horas – N/acons. men. 13 anos
RINGO E A SUA PISTOLA DE OURO
com Mark Damon e Valeria Fabrizi

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
Sidney Rome, Bonard Pleasance em
O SUPER-HOMEM VOADOR

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30 18.45 e 21.30
não acons. men. 13 anos
é uma explosão de amores e humores...
O SEDUTOR
(Le Cavaleur)
com Annie Girard e Jean Rochefort
3.ª semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.45
não acons. men. 13 anos
A MÚSICA NÃO PODE PARAR
can't Stop the Music
som: Dolby Stereo
com Alexander Briiley e David Hodo
3.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
ENTRE DUAS MULHERES
O amor adulto e o fascínio da juventude
um filme de Claude Sautet
com Ottavia Paolo, Romy Schneider e Jacques Dutrono
int. men. 13 anos
Às 24 horas – N/acons men. 18 anos
Um filme de Roman Polansky
com Ralph Bellany e John Cassavetes
A SEMENTE DO DIABO

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A VIDA DE BRIAN
com os Monty Python, colorido
aviso ao público: cenas eventualmente chocantes

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 13.45, 16.15, 19.00 e 21.30
Interdito men. 18 anos
LA LUNA
Um filme de Bernardo Bertoluci

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30
não acons. men. 13 anos
Um festival Kung qu jamais olvidará os melhores de Kung Fu e Karaté...
GALION – O INDESTRUTÍVEL

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 Int. men. 18 anos
O MONGE VINGADOR
espectacular filme de Kung-Fu
2.ª semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
ADEUS GRINGO
com Montgomery Wood
colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
AGENTE N.º 1... O MAIOR
1Com Gareth Hunt, Nich Tate e Fiona Curzon

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16
SALA 1 – 15.00, 17.30, 20.30 e 23.00
ALL THAT JAZZ
SALA 2 – 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24.00
ALL THAT JAZZ
SALA 3 – às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00
Não acons. men. 13 anos
MANHÃ SUBMERSA
SALA 4 – às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30
Int. men. 18 anos
A ÁRVORE DE GUERNICA

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15, 18.15 e 21.30
às 15.30 e 21.30 int. men. 13 anos
um empolgante filme de acção
O BANDO DE JESSE JAMES
Com David Carradine, Keityh Karradine Robert Carradine

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
a maior aventura de espionagem até hoje vivida!
GUERRA DE ESPIÕES
com Michael York, David Niven, Barbara Hershey

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Int. men. 13 anos
AS DUAS ÓRFÃS
col. com Mike Marshall e Valeria Ciangottini

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
o filme de uma geração
HAIR
de Milos Forman
deixem entrar o Sol!
int. men. 13 anos
2.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
GLÓRIA
de John Cassavetes
um filme com Gena Rowlands, premiado com «Leão de Ouro» melhor filme do festival de Veneza 1980
filme de qualidade

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Uma comédia divertidíssima...
UM CASAMENTO MUITO ORIGINAL
Com Perry King e Meg Foster
16.ª Semana
Às 00.15 – N/acons. men. 18 anos
O BETSY

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
O SENHOR FIELDS E EU
(W. C. Fields and Me)
Com Rod Steiger e Valerie Perrine

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Richard Gere, Lauren Hulton
Panavision
AMERICAN GIGOLO
Um filme de Paul Schrader
Metrocolor
10.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
uma deliciosa comédia
O CAPÍTULO SEGUNDO
Com James Caan e Marsha Mason
2.ª semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 12.15, 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
GLÓRIA
Dirigido por John Cassavetes
filme de qualidade
premiado com «Leão de Ouro» no Festival de Veneza 1980

teatros

Lisboa

D. MARIA II – «Jardim Zoológico de Cristal», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Slag», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Guardião do Rio», às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL – «A Gravata», às 20.45 e 23.00 (13 anos)
VARIEDADES – «Não Deites Foguetes» às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ADÓQUE – «Chiça Este é o Bom Governo de Portugal», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC – «Reviravolta» às 20.45 e 23 (18 anos)
TRINDADE – «Baal», 21.30 (18 anos)
MARIA MATOS – «A Ratoeira», 21.45 (13 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

CONDES – «O Tesouro das Piranhas», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Viúvas Ardentes», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA – «Fantasias Sexuais» Sessões Permanentes, (18 anos)
CINEARTE – «A Revolta dos Apaches», 21.30 (13 anos)
PARIS – «A Ilha», 21.30 (18 anos)
COLISEU – «As Aventuras de Karamurat», 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Sombras do Passado», 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Senhor Doutor», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

LUMIAR – «A Carga de Bufalo Branco», 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «All That Jazz»,
ALGÉS – Stadium – «Os Passageiros do Tempo» 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Irresistível Aventureiro» 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «A Rosa» 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Cactus Jack o Vilão» 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

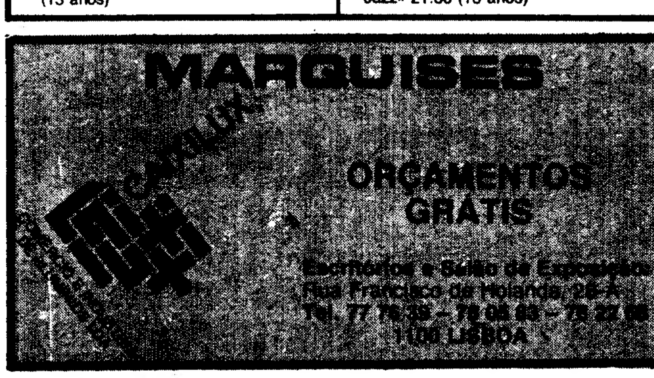
AMADORA – Lido – «Guerra de Espiões» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Queres ou não Queres» 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «O Cowboy da Noite» 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Delírio do Sexo» 21.30 (18 anos)
SACAVÉM – S. José – «Gelado de Limão» 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Magníficos do Karate» 21.30 (13 anos)
PÓVOA DE ST.ª ADRIÃO – S. José – «Trinitá Cow-boy Insolente» 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE – Cine Stop – «Meteoro» 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «As Motos da Morte» 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «All That Jazz» 21.30 (13 anos)

Porto

BEBÉ – «As Brancas Montanhas da Morte», às 21.45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Mandigo», 21.30 (18 anos)
ESTUDIO – «O Preço do Pecado», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Monty Pithon», 21.45 (13 anos)
LUMIÉRE-A – «Nem Guerra Nem Paz», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «Os Escravos», às 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA – «Comidos Vivos» às 21.45 (18 anos)
BATALHA – «Sindicato do Suborno», 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Diário Erótico de um Lenhador», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «O Casal Perfeito» às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «Sindroma da China», 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «O Cavaleiro Negro», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «A Rosa», às 21.45 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Bem-vindo mr. Chance» 21.45 (13 anos)
COLISEU – «A Fúria do Dragão», 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS – «Luta de Gigantes» às 21.30 (13 anos)



PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade – 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro – 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada, 30-2º
Telefones 20954/5 4000 PORTO

Comissão Directiva e Secretariado do PS estão reunidos

Acordo entre as duas "facções" salva a face e acalma o partido até ao fim das presidenciais

O presidente do Partido Socialista, António Macedo, disse hoje à entrada para a reunião da Comissão Directiva que só aceita substituir interinamente Mário Soares se for acordada uma Comissão Ad-Hoc para o assessorar.

Este é um dos pontos da reunião conjunta do Secretariado Nacional e da Comissão Directiva que se iniciou hoje de manhã, nas instalações do partido, no Largo do Rato, em Lisboa.

Outro ponto da agenda – acrescentou António Macedo – é a discussão da possibilidade de o PS divulgar o acordo político a que chegou com Ramalho Eanes, na sequência da «luz verde» dada pelo Presidente da República.

Macedo escreveu a Eanes informando-o de que para a divulgação pública dos termos do acordo necessita da autorização da Comissão Directiva que – disse – poderá ser dada hoje.

O presidente do PS manifestou o desejo de que Mário Soares regresse o mais breve possivel às suas funções, não quis revelar a composição da comissão ad-hoc que o vai assisitr, mas sabe-se que ela é formada por António Esteves, Sousa Gomes e Arons de Carvalho, do Secretariado, e por Eduardo Pereira, Almeida Santos e Manuel Tito de Morais, próximos das posições de Mário oares.

O acordo

A composição e as competências da Comissão Ad-Hoc foram os pontos que durante as duas últimas semanas foram debatidos por Vítor Constâncio (em nome do Secretariado) e Eduardo Pereira (em representação de Mário Soares e do grupo de dirigentes que defende as suas posições). O acordo foi possível e neste momento a Comissão Directiva debruça-se sobre um texto que, se não surgirem alterações de última hora, obterá o consenso daquele órgão directivo do PS.

Esse acordo, segundo declarações prestadas ontem à noite ao «DL» por um destacado membro da Comissão Nacional do PS, é «bastante razoável» e salva a face das duas «facções» dos socialistas portugueses.

Por um lado – disse-nos a mesma fonte – o acordo salvaguarda integralmente as competências do Secretariado, que mantém todas as suas funções executivas; por outro, atribui à Comissão Ad Hoc a competência de supervisão política.

Com este acordo – recordou o nosso informador – «o Secretariado não poderá mais ser acusado de estar a tentar tomar o Poder dentro do Partido, e o secretário-geral manterá os olhos e ouvidos dentro do aparelho do Partido».

Ponto particularmente significativo é a composição da Comissão: três membros foram designados pelo Secretariado e três pelo presidente do Partido.
Isto é: reconhece-se, de uma forma explícita, nesse texto, que a fonte do poder, dentro do partido, reside no Secretariado e no Presidente, que é também, neste momento, o secretário-geral interino. De referir ainda que a Comissão estará em funções apenas até Mário Soares reassumir, logo depois das presidenciais, as suas funções de secretário-geral, e que o acordo se fez na garantia de que dentro do Partido não serão conduzidas acções que de algum modo levantem dificuldades ao apoio à recandidatura de Eanes.

Embora se admita que a designação de António Arnaut para integrar a Comissão Política da Candidatura de Ramalho Eanes venha a ser discutida e até contestada por alguns sectores da Comissão Directiva na reunião de hoje (que deverá terminar a meio da tarde), é tido como certo que nada será alterado nesse ponto.

Declarações de Soares

Embora se encontre já em Lisboa, depois de três dias em Madrid no Congresso da Internacional Socialista, Mário Soares não participa, naturalmente, na reunião da Comissão Directiva.

Ontem, depois de ter proferido um discurso na reunião da IS (que relatamos noutro local desta edição), Soares teve um encontro com os jornalistas, tendo afirmado que o PS «tem de entrar numa nova fase e assumir-se como o principal partido da oposição».

«Os socialistas devem alargar as suas bases, pois têm muito tempo para o fazer. Tudo isto, porém» – acrescentou – «vai custar muito a algumas pessoas que viram sempre o PS como Partido do Poder».

Soares furtou-se a considerações sobre as eleições presidenciais e reafirmou não pretender intervir durante a campanha eleitoral.

Por outro lado – disse ainda – não encontrei «nenhuma dificuldade em explicar aos camaradas da IS» a sua situação.

«A situação do Partido após 18 de Outubro» (data em que Soares se auto-suspendeu) «foi bem resolvida» – acrescentou, antes de concluir:

«Até agora não surgiu nenhuma personalidade que se anunciasse como possível candidato a secretário-geral».

Notícias do nuclear

Cinco a sete anos para descontaminar Three Mile Island

Cinco a sete anos, é o tempo previsto para concluir as operações de descontaminação do reactor de Three Mile Island, danificado no mais grave acidente nuclear ocorrido numa central, em 28 de Março de 1979. As despesas elevam-se ao dobro do que estava inicialmente previsto e as estimativas mais optimistas apontam para um custo global de 760 milhões de dólares. A limpeza de um só reactor custará, deste modo, quase tanto como a construção da própria central, que orçou em mil milhões de dólares.

Entretanto, a situação no interior do recinto, segundo as últimas informações disponíveis, continua longe da normalização. No passado dia 15 de Agosto, quatro voluntários entraram na área do núcleo que, como se sabe, quase fundiu durante o período crítico do acidente. Indispostos com a elevada temperatura que ali ainda se faz sentir, dois dos operários só resistiram metade do tempo previsto.

Novos incidentes

Novos incidentes continuam a registar-se, embora de menor gravidade e dimensão, mas nem por isso menos preocupantes. O cenário desta vez, é o da Escócia. Por duas vezes, pequenas quantidades de plutónio desapareceram da central nuclear de Dounreay (norte da Escócia), segundo informou o «Daily Mail», que se referia ainda a outros «acidentes» ocorridos no mesmo local. Dois jornalistas da cadeia de televisão BBC, citados por aquele jornal, revelaram que em 1973, uma agulha de plutónio (o equivalente a 10 gramas), desapareceu da central. Uma outra agulha, com 25 gramas de peso, levou sumiço em 1977. O jornal levanta ainda uma ponta do véu que caiu sobre uma misteriosa explosão, que teria ocorrido em 1977 num silo contendo dejectos radioactivos. Segundo os jornalistas, um trabalhador surdo-mudo teria trabalhado com eles sem estar equipado de modo conveniente e oito trabalhadores da central teriam estado submetidos a radiações, na sequência de uma fuga de líquidos contendo plutónio.

A tubagem, esse «calcanhar de Aquiles»

Uma avaria no sistema de refrigeração do reactor da central nuclear de Olkiluoto, na costa oeste da Finlândia, causou há semanas uma fuga de água radiocativa no reactor. A fuga, aparentemente provocada por uma válvula defeituosa – os problemas com a tubagem e ligações têm constituído um verdadeiro «calcanhar de Aquiles» da energia nuclear –, não apresentou qualquer perigo para o pessoal que ali trabalha, nem pôs em perigo a pressão no sistema de refrigeração, garante a direcção da central. A percentagem de radioactividade da água, num total de 100 mililitros, elevava-se apenas a um décimo do nível máximo fixado para a água potável, precisou ainda o mesmo organismo. No entanto, após este incidente, expressou a sua inquietação pelo facto do sistema de alarme automático não ter assinalado qualquer alteração de funcionamento.

Amaro da Costa das barricadas às armas nucleares

O ministro da Defesa, engenheiro Amaro da Costa tornou-se célebre, não por ter sido colaborador do «regime anterior», mas por se ter considerado voluntário para as barricadas se o regime vigente corresse perigos; tornou-se célebre, também, já neste regime de democracia e de liberdade por ser o autor da doutrina política das «bossas do camelo».

E como originalidade puxa originalidade, e audácia inspira audácia, o engenheiro Amaro da Costa, à solta na NATO, é o animador da sugestiva ideia: Portugal está à disposição para albergar no seu território **armas nucleares** (sic).

Em Amaro da Costa é difícil escolher o que mais deve ser admirado: se a audácia que o leva a saltar para barricadas inexistentes, se a concepção da solução política que tem o camelo, e as suas bossas, como modelo, se a leviandade com que brinca com as **armas nucleares.**

Mas a terra de Portugal... não é campo de jogos para Amaro da Costa. E até para as leviandades de um ministro há limites que envolvem riscos de vida e de morte.

Não são só os combustíveis que sobem

Adubos mais caros a partir de amanhã

Os agricultores portugueses comprarão os adubos mais caros a partir de amanhã, segundo uma portaria hoje inserta no «Diário da República» da respnsabilidade dos Ministérios das Finanças e Plano, da Agricultura e Pescas, do Comércio e Turismo da Indústria e Energia e dos Transportes e Comunicações (o texto estipula o agravamento do preço do sulfato de amónio a 20,5% das diluições de nitrato de amónio a 20,5% e a 26% e tambem a 33,5%), bem como dos fosfatados (superfosfatos de cálcio a 18%, em pó ou granulado) dos **potássicos,** dos **binários** e dos **ternários**, num aumento que representa 33%.

De acordo com a portaria, o subsídio à agricultura neste campo poderá rondar os quatro milhões de contos, atingidos os encargos totais do Estado (que subsidiará a Petrogal em 1550 mil contos para a nafta; a PGP em 575 mil contos para os amoníacos; e a Quimigal em 225 mil contos também para o amoníaco) 6.350.000 contos.

Antes do aumento do preço dos adubos, e como que prenunciando mau sinal para a agricultura portuguesa, tinham sido agravados os pesticidas e a uma média de 20%. Os combustíveis esperam também a sua vez, ainda este ano (o primeiro dos dois agravamentos previsto para 6/7 meses), implicando uma cadeia de aumentos que se reflectirá no custo de vida e num novo abaixamento do poder de compra dos portugueses.

Pires Veloso "não desiste" e não cede a pressões

«O coronel Pires Veloso não desiste e irá às urnas no dia 7 de Dezembro, o que aliás ficou bem patente na exposição que fez na RTP» – afirmou-nos esta manhã um membro da Comissão Política da candidatura do coronel Pires Veloso.

Este desmentido surge em consequência de notícias postas a circular, segundo as quais Pires Veloso desistiria de ir às urnas no dia 7 de Dezembro. A uma questão colocada pelo «DL» se teria havido contactos ou pressões para a sua desistência, o mesmo elemento da candidatura acrescentou: «Essas pressões estão patentes nos boatos e nas dificuldades, que dia-a-dia são criadas à sua candidatura. Repetimos: o senhor coronel não desiste, não cede a pressões e irá às urnas, repito, para derrotar estas forças que nos querem impor».

Ardeu em Gaia fábrica de imagens

PORTO, 13 – Três corporações de bombeiros do concelho de Gaia atacaram esta madrugada as chamas que deflagraram numa fábrica de imagens religiosas situada na Rua Almeida Costa, naquela cidade do outro lado do Douro.

Do violento incêndio resultaram prejuízos avaliados em alguns milhares de contos, uma vez que foram destruídas e calcinadas numerosas imagens, algumas delas de plástico.

Cunhal em Sacavém:

"Não queremos fazer a guerra a Mário Soares"

«Não queremos fazer a guerra a Mário Soares, mas sim à direita e a Soares Carneiro, apesar de o secretário-geral do PS ter ganho o Prémio Nobel do Silêncio, falando constantemente» – afirmou ontem à noite numa sessão de esclarecimento em Sacavém o secretário-geral do PC, Álvaro Cunhal.

Cunhal lamentou que «aqueles que fizeram o 25 de Abril se encontrem hoje divididos, e alguns deles, apanhados pela malha da reacção, lutem pelo 24 de Abril».

Falando das presidenciais, e além de repetir o que da parte do PCP se tem dito sobre a importância da posição de Eanes como candidato melhor colocado para derrotar o candidato da AD, Cunhal disse que «o PCP não tem candidato para ir a Belém, mas lá chegará o dia».

O líder comunista referiu-se ainda a Otelo: «Capitão de Abril – disse ele –, fez muitas asneiras, motivo que não lhe proporcionará decerto derrotar Soares Carneiro».

BRASIL
Viagem especial do "FUNCHAL"
para RIO DE JANEIRO
SANTOS ou RECIFE
(só IDA ou IDA E VOLTA)
Partida: 5 Dezembro/80
Preços excepcionais desde 28.900$
Bagagem grátis: 200 kilos
Grandes descontos para casais, filhos e grupos
EXCELENTE OPORTUNIDADE
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Telef. 371341
PORTO - Av. Aliados, 207 - Telef. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Telef. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Telef. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Telef. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PROPEDÊUTICO
ÉPOCA DE JANEIRO - 81
CURSOS INTENSIVOS
EXTERNATOS SÉNECA
INÍCIO NA SEMANA DE 17/11
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Tel. 40092
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º Tel. 822776 - 823531

M. R. — MANUEL RAFAEL
MATERIAL ELÉCTRICO
TUDO EM ELECTRICIDADE
Travessa do Forno, 7-A (ao Rossio)
Tel. 371001/2 LISBOA